



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA LINGUAGEM



ARIANE RAFAELA DE FREITAS

**GÊNERO EM LIBRAS:
UM ESTUDO SOBRE MARCADORES DO MASCULINO E DO FEMININO
NO *CORPUS* DE LIBRAS**

Recife - PE

2022

ARIANE RAFAELA DE FREITAS

**GÊNERO EM LIBRAS:
UM ESTUDO SOBRE MARCADORES DO MASCULINO E DO FEMININO
NO *CORPUS* DE LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Estudos da Linguagem.

Linha de pesquisa: Análises Linguísticas, Textuais, Discursivas e Enunciativas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Dorothy Bezerra Silva de Brito

Coorientador: Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva

Recife - PE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F866g Freitas, Ariane Rafaela de
Gênero em Libras: um estudo sobre marcadores do masculino e do feminino no Corpus de Libras /
Ariane Rafaela de Freitas. - 2022.
134 f.
- Orientadora: Dorothy Bezerra Silva de Brito.
Coorientador: Jair Barbosa da Silva.
Inclui referências e apêndice(s).
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Linguagem, Recife, 2022.
1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Marcação de gênero. 3. Feminino/Masculino. 4. Corpus de Libras. 5.
Surdos de Referência. I. Brito, Dorothy Bezerra Silva de, orient. II. Silva, Jair Barbosa da, coorient. III. Título

ARIANE RAFAELA DE FREITAS

**GÊNERO EM LIBRAS:
UM ESTUDO SOBRE MARCADORES DO MASCULINO E DO FEMININO
NO *CORPUS* DE LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Estudos da Linguagem.

Recife, 25 de julho de 2022

Coord. Progel - Prof Dr. Natanael Duarte de Azevedo

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Dorothy Bezerra Silva de Brito
Orientadora. Universidade Federal Rural
de Pernambuco - UFRPE

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva
Coorientador. Universidade Federal de
Alagoas - UFAL

Profª Drª Tanya Amara Felipe de Souza
Instituto Nacional de Educação de Surdos
- INES

Profª Drª Débora Campos Wanderley
Universidade Federal de Santa Catarina -
UFSC

Suplente. Profª Drª Cláudia Roberta
Tavares Silva
Universidade Federal Rural de
Pernambuco – UFRPE

Suplente. Prof. Dr. Danniel da Silva
Carvalho
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Às mulheres que me antecederam e as que me acompanham,
em especial minhas maiores referências,
'mainha' e 'voinha' (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Quão bom é saber que nossos passos vêm de longe e que alegria ter com quem partilhar memórias e conquistas. Agradeço à matriarca, que gerou meu maior exemplo. Àquelas presentes mesmo quando ausentes fisicamente, 'voinha' e 'mainha', de quem sou folha, flor e fruto. Às Justinas, a quem o sobrenome faz jus e de quem muito me orgulho, Cícera, Luíza e Elza. Gratidão pelos ouvidos, incentivos e abraços, especialmente por me acompanharem desde meus primeiros passos. Ao meu pai Francisco, por todo esforço e investimento em meus estudos. Muito obrigada, 'painho'. A Tiago e Felipe pelas lembranças, vivências e aprendizados. Vocês são muito importantes em minha trajetória.

Agradeço a minha amada, com quem tenho o privilégio de caminhar lado a lado, multiplicar felicidades, compartilhar dificuldades e trocar sentimentos. Não cabem em palavras minha gratidão por toda parceria, compreensão e incentivo durante essa e tantas outras trajetórias. Minha companheira, é um presente estar ao teu lado, te admiro e te amo. Ao pequenino Chicó, pela experiência da maternagem, amor inocente e incondicional. Às Ximenes, em especial minha sogra, obrigada pelo carinho e por acreditar em meu potencial.

Por toda a dedicação e paciência no processo de orientação, Prof^a Dorothy Brito, gratidão. Prof. Jair Barbosa, obrigada pelo apoio e coorientação. Às bancas de qualificação e defesa, Professoras Cláudia Roberta Tavares Silva, Débora Wanderley e Tanya Felipe, por participarem deste momento tão importante para minha aprendizagem, amadurecimento acadêmico e por colaborarem na construção desta pesquisa. À equipe de tradução e interpretação, pela tradução da defesa desta pesquisa.

Agradeço a oportunidade de estudar e trabalhar numa universidade pública de alta qualidade - a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, ao corpo docente, técnico e discente com quem pude construir novos aprendizados. Às professoras que me incentivaram a entrar no mestrado, Denise Botelho e Vicentina Ramires, minha gratidão e admiração.

Por fim, agradeço as/os colegas de profissão, em especial às equipes da UFRPE - Núcleo de Acessibilidade e da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco - Unidade para as relações de Gênero e Sexualidades. Ambas equipes nos apoiaram direta ou indiretamente no caminhar desta pesquisa. Agradeço ainda às amigas, amigos e colegas (ouvintes e surdas/os) com quem tive conversas acadêmicas e tantas outras de incentivo.

Não poderia deixar de agradecer às pessoas surdas que motivaram meus anseios de pesquisa e me possibilitaram aprender uma língua tão fascinante. Agradeço especialmente às comunidades surdas de Caruaru e Recife, que ao longo de duas décadas me acolhem enquanto sinalizante, colega, professora e tradutora intérprete, gratidão pela troca contínua e aprendizagem. Sem vocês nossa profissão não teria sentido.

RESUMO

Nesta pesquisa propomo-nos a discutir marcadores de gênero masculino e feminino em Língua Brasileira de Sinais. Na trilha dos caminhos apontados pelos estudos de Tanya Felipe (1988 a 2018), Ronice Quadros *et al* (2004 a 2020), Maria Cristina Silva e Fabíola Sell (2009, 2011), pretendemos contribuir com os estudos da linguagem por meio da caracterização, descrição e classificação das possibilidades de uso do dado fenômeno. Para tanto, delimitamos como objeto de nossa investigação os vocábulos de profissões e membros da família, sinalizados por 33 participantes da categoria Surdos de Referência, do inventário nacional *Corpus* de Libras. Para análise e apuração dos dados, optamos por uma abordagem qualitativa e quantitativa, por meio de revisão bibliográfica, observação de vídeos, transcrição dos sinais em glosas, sistematização em tabelas e classificação em três sistemas de marcação predominantes – Marcação Categórica, Marcação Mista e Não Marcação. Além de partilharmos exemplos da não obrigatoriedade e das possibilidades de marcação de gênero, apontamos o uso de algumas estratégias linguísticas eventualmente utilizadas para acrescentar essa informação. Destacamos que: (i) há poucos dados teóricos e esses contemplam apenas parcialmente as diversas possibilidades apresentadas por nossas/os informantes; (ii) na Libras não há obrigatoriedade da marcação do masculino ou feminino e não há desencadeamento de tal concordância; (iii) há admissibilidade e possibilidades de marcação apenas para seres animados; e (iv) especialmente quando a marcação é categórica, inferimos que pode haver influências tanto da sociedade hegemônica quanto da língua de contato, o português brasileiro. A partir dos dados coletados concluímos que, no *corpus* analisado, a Libras apresenta cinco tipos de explicitação de gênero: (a) não marcado – apenas o sinal base; (b) gênero + sinal base; (c) sinais distintos; (d) sinal base + ícone ou classificador; e (e) contextual – dêixis, anáfora e retomada. Foram registrados em glosa um total aproximado de 900 sinais, dos quais 230 encontram-se na seção ‘Profissional’ e 670 na seção ‘Família’. Identificamos que não houve nenhuma menção quanto ao gênero de profissionais, logo, nesse grupo vocabular todas/os as/os informantes caracterizam o sistema de Não Marcação. Por sua vez, na sinalização dos vocábulos de familiares, as marcações optativas ocorreram categoricamente em não mais que 15% dos casos. As/os demais informantes tiveram suas categorias identificadas nos sistemas de Marcação Mista (39,4%) e de Não Marcação (42,4%). Tais resultados corroboram com a percepção de que a Libras apresenta sua categorização de gêneros distinta das línguas com gênero gramatical.

PALAVRAS-CHAVE:

Língua Brasileira de Sinais; Marcação de gênero; Feminino/Masculino; *Corpus* de Libras; Surdos de Referência.

ABSTRACT

We propose to research male and female gender markers in Brazilian Sign Language. On the trail of the paths pointed out by the studies of Tanya Felipe (1988 to 2018), Ronice Quadros *et al* (2004 to 2020), Maria Cristina Silva and Fabíola Sell (2009, 2011), we intend to contribute to the Studies of Language through the characterization, description and classification of the possibilities of use of the given phenomenon. For that, we delimited as object of our investigation the words of professions and family members, signaled by 33 participants of the *Surdos de Referência* category, of the national inventory *Corpus de Libras*. For data analysis and verification, we opted for a qualitative and quantitative approach, through bibliographic review, video observation, transcription of signs in glosses, systematization in tables and classification in three predominant marking systems - Categorical Marking, Mixed Marking and No Marking. In addition to sharing examples of non-mandatory and gender marking possibilities, we point out the use of some linguistic strategies eventually used to add this information. We emphasize that: (i) there are few theoretical data and these only partially contemplate the various possibilities presented by our informants; (ii) in *Libras* there is no obligation to mark the masculine or feminine and there is no triggering of such agreement; (iii) admissibility and marking possibilities are only for animated beings; and (iv) especially when the marking is categorical, we infer that there may be influences from both the hegemonic society and the contact language, Brazilian Portuguese. Based on the collected data, we concluded that, in the analyzed *corpus*, *Libras* presents five types of gender explanation: (a) unmarked – only the base sign; (b) gender + base sign; (c) distinct signals; (d) base sign + icon or classifier; and (e) contextual – deixis, anaphora and retaken. A total of approximately 900 signs were recorded in gloss, of which 230 are in the 'Professional' section and 670 in the 'Family' section. We identified that there was no mention of the gender of professionals, so in this vocabulary group all the informants characterize the Non-Marking system. On the other hand, in the signaling of the words of family members, the optional markings occurred categorically in no more than 15% of the cases. The other informants had their categories identified in the Mixed Marking (39.4%) and Non Marking (42.4%) systems. Such results corroborate the perception that *Libras* presents its categorization of genres distinct from languages with grammatical gender.

Key-words: Brazilian Sign Language; Gender marking; Female/male; *Libras Corpus*; Deaf Reference.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 GÊNERO LINGUÍSTICO NA LIBRAS	13
2.1 CATEGORIAS DE GÊNERO	15
2.2 POSSIBILIDADES NAS MARCAÇÕES	20
2.2.1 Tipos de Marcas de Gênero	24
3 PERCURSO METODOLÓGICO	30
3.1 TRANSCRIÇÃO E ESCRITA DE SINAIS	32
3.2 CORPUS DE LIBRAS	39
3.2.1 Informantes de Referência	43
4 ANÁLISE E RESULTADOS	47
4.1 PROFISSÕES	50
4.2 RELAÇÕES FAMILIARES	54
4.2.1 Sistema de Marcação Categórica	60
4.2.2 Sistema de Marcação Mista	62
4.2.3 Sistema de Não Marcação	66
4.3 RESULTADOS	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE A - SINALIZANTES E CATEGORIAS DE MARCAÇÃO DE GÊNERO	97
APÊNDICE B - TABELAS INDIVIDUAIS	99

1 INTRODUÇÃO

Com uma longa trajetória percorrida e muito a ser desbravado, a comunidade surda e a língua brasileira de sinais – Libras – vem ocupando novos territórios. Desde o reconhecimento linguístico, a profusão e a regulamentação legal que oficializa a Libras como língua dessa comunidade, há uma longa história com marcos sociais e políticos que se destacam. Atuou nessa trajetória uma parcela significativa de integrantes das comunidades surdas, em que estão envolvidas surdas e surdos, mas também pessoas a essas relacionadas direta ou indiretamente, tais como familiares, amigas/os, professoras/es, intérpretes e demais profissionais atuantes nessas comunidades.

Além de todo o engajamento, por anos, fizeram e fazem-se necessários o apoio e a vontade política para concretizar as lutas em avanços por meio de aparatos legais e posterior implementação de ações inclusivas. Temos como exemplo o marco histórico do reconhecimento oficial da Libras como língua. Para tal acontecimento foram necessários anos, desde a apresentação do Projeto de Lei nº. 133 em 1996 pela senadora Benedita da Silva até a aprovação da Lei nº. 10.436, em 24 de abril de 2002. Outros aparatos importantes, para citar alguns, foram a oferta da disciplina de Libras da escola ao ensino superior, em 2006 a oferta da graduação em Letras Libras pelo Brasil e a Lei Brasileira de Inclusão de 2015.

Os percursos da educação de pessoas surdas seguramente expandiram e ultrapassaram barreiras impostas e logo reverberaram nas demais esferas da sociedade. Atualmente a difusão da Libras alcança diversos âmbitos, desde os ambientes informais, passando pelo universo acadêmico, mercado de trabalho e mais recentemente no campo das artes, com interpretação de *shows*, peças teatrais, filmes, exposições etc¹. Essa difusão concretizou-se em decorrência das reivindicações de comunidades surdas, movimentos sociais, bem como é resultado de alguns avanços nas políticas públicas e legislações em favor dos direitos de cidadãos e cidadãos com deficiência.

De forma gradual, esses indivíduos vêm aumentando a pressão social com o intuito de expandir os lugares até então pouco ocupados. Pleiteiam o protagonismo, buscam representatividade, visibilidade e requerem acessibilidade e respeito ao seu lugar de fala, especialmente ao tratar de assuntos que tangem suas existências.

A surdez ainda é motivo de exclusões sociais numa sociedade sonora e pouco inclusiva. É importante considerarmos que ainda que essa característica possa ser elemento fundante na formação da personalidade de uma pessoa, por se tratar de como ela percebe o

¹ No contexto da pandemia COVID-19, vivenciamos um fenômeno de multiplicação das *lives* e com elas uma grande ascensão e visibilidade do trabalho de tradução e acessibilidade em Libras nas mídias digitais.

mundo, esta também é atravessada por sua identidade, gênero, etnia, sexualidade e classe econômica, dentre outros marcadores sociais que se interseccionam.

Pautar outras temáticas pelo viés da surdez é um debate necessário, embora incipiente. Essas interconexões compõem uma perspectiva identitária, que rejeita a 'regulação' e não busca a 'normalização' predominante. Uma vertente que valoriza a diferença e a subjetivação cultural, em que as trocas interculturais são fundadas e fortalecidas a partir da experiência visual entre pares que enfatizam e fortalecem a surdez enquanto elemento identitário, sendo assim uma consciência emancipatória e que vai de encontro à lógica hegemônica de adequação ouvicêntrica.

Nesse sentido, as pesquisadoras Perlin e Strobel (2008) afirmam que a pedagogia surda é parte fundamental para uma aprendizagem ativa, emancipatória e crítica:

Nós surdos sempre soubemos que o desmantelamento da obrigação de nos espelhar na cultura ouvicêntrica nos tornaria diferentes, nos tornaria inevitavelmente possuidores de nossa identidade como surdos. Aí está nossa identidade, uma perigosa aventura de pensar no além, na diferença, construir nosso outro, nossa alteridade.²

A reflexão das autoras nos faz pensar que há uma vertente que impulsiona o fortalecimento identitário da comunidade surda e remete à necessidade de atentarmos para as particularidades educacionais de estudantes surdas/os. Ao estimularmos e potencializarmos o acesso ao conhecimento e valorizarmos as características específicas dessa comunidade linguística, ela será, conseqüentemente, fortalecida.

É sabido que as comunidades surdas são bastante plurais e não são territoriais. Pessoas surdas estão nos mais diversos ambientes, em contextos urbanos ou rurais, independente de país – estão em todos os lugares. Esses indivíduos formam comunidades linguísticas alicerçadas em sua(s) língua(s) de sinais, mas também estão circundado(a)s pelas demais línguas de seu país. Em outras palavras, não há como isolar as pessoas surdas sinalizantes³ e excluí-las das possíveis influências que o contato com a língua e cultura predominantes possam ter em sua sinalização.

A associação entre sociedade e língua foi abordada pioneiramente no século XIX, por Friedrich Engels na obra basilar *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, ao afirmar que, numa sociedade pautada no patriarcado, a língua adota conteúdo e aparência igualmente patriarcais (ENGELS, 2012). Esse reflexo se dá justamente porque a língua espelha a sociedade e vice-versa, de acordo com Mikhail Bakhtin (2009) e linguistas que seguem sua linha de raciocínio, sendo a primeira expressão e registro do mundo social.

² PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin (2008), s/p.

³ Destacamos esse termo para apontar que nem todas as pessoas surdas são usuárias da língua de sinais. Logo, apenas aquelas que a utilizam são denominadas de sinalizantes.

Dialogam nesse sentido Dorothy Brito e Danniell Carvalho (2020) ao relacionarem o mundo real ao gramatical ou linguístico por meio de representações psico-socioculturais, da realidade biológica ou social de um fenômeno complexo. É fato notório que a distinção dos gêneros está presente em grande parte das línguas e isso reflete nas culturas dessas sociedades. O sexismo, o patriarcado, o racismo e tantas outras formas de desigualdades são perceptíveis na língua, ainda que nem sempre esteja tão nítido para seus e suas falantes.

As línguas de sinais possuem estrutura linguística independente das línguas orais e atendem a preceitos estruturantes como qualquer linguagem humana. Entretanto, por sua produção não ser oral e sim gestual, nem sempre foi prescrita como língua natural, com toda a sua complexidade sintática, mórfica, lexical e estrutural. Foram necessários anos de estudos e evidências científicas comprobatórias das estruturas linguísticas; eis a importância dos estudos morfológicos e o processo de formação dos sinais.

Cotidianamente nos comunicamos sem refletirmos os porquês das regras gramaticais, etimologias ou arbitrariedade das palavras. Questionar criticamente as estruturas das línguas é uma atividade linguística de profunda percepção, reflexão, estudos e múltiplas análises. Requer, para além de um olhar apurado e conhecimento específico, um combustível aliado ao desejo investigativo, a curiosidade e a não conformidade com o que fora posto como verossímil ou norma irrefutável. Essa perspectiva de análise vai de encontro a uma certa inocência ou ingenuidade linguística, posto que as arbitrariedades das línguas são naturalizadas por seus falantes.

O precursor da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, fala sobre “a resistência da inércia coletiva à toda renovação linguística”, levando em consideração que “A língua (...) é a cada momento, tarefa de toda a gente; difundida por uma massa e manejada por ela” e que indivíduos se servem da língua a todo momento⁴.

Meu interesse pela língua de sinais surgiu antes mesmo de ter conhecido pessoas surdas: se deu em 1998 quando estudava numa escola de subúrbio da região metropolitana do Recife, apesar de não ter experienciado uma educação inclusiva na trajetória escolar. Durante um intervalo entre as aulas no ensino fundamental, algumas colegas e eu nos debruçamos a aprender o alfabeto manual, o que me abriu os olhos para uma outra forma de comunicação até então desconhecida. Daí por diante a Libras tornou-se cada dia mais presente em meu cotidiano. O aprendizado da Libras advindo dessa curiosidade quando pré-adolescente passou pelo autodidatismo, conversas informais com amigas ouvintes (usando apenas o alfabeto); convívio e amizade com pessoas surdas e aprendizado de sinais; estudo formal, até a profissionalização na tradução, majoritariamente no contexto educacional, do nível fundamental ao superior, atualmente atuando na pós-graduação.

⁴ SAUSSURE, Ferdinand de (2006) [1916], p. 87-88.

Todos esses anos de imersão em comunidades surdas, os desafios de interpretação vivenciados em contextos privados ou com público restrito e o aprendizado quando ainda tão jovem fizeram com que consciente ou inconscientemente várias das especificidades dessa língua passassem despercebidas em alguns aspectos à semelhança da língua materna, o português brasileiro.

A ausência de necessidade para explicitar o gênero da pessoa sobre quem ou para quem falamos foi naturalizada pelo convívio. Tal como numa situação hipotética, quando uma pessoa afirma ter uma relação estável, não é previsível saber se seu par é mulher ou homem, pois os sinais NAMORAD@, NOIV@, COMPANHEIR@ dentre outros não possuem qualquer referência ao gênero feminino ou masculino.

Questões como essa não eram objeto de reflexão até então, nem mesmo eram exteriorizadas, afinal não havia nenhuma lacuna. O entendimento quanto ao gênero podia ser naturalmente percebido pelo contexto ou mesmo suprimido sem qualquer prejuízo de sentido. Quando o gênero era relevante ou até mesmo o próprio tema da conversação, era explicitado ou questionado na interação, muitas vezes por necessidade de tradução da língua alvo ou mesmo por curiosidade da parte de interlocutores.

Ao vivenciarmos a experiência de lecionar compreendemos o quanto aprendizes nos ensinam, especialmente ao nos interpelar, nos estimulam a fazer outras conexões em busca de respostas ainda não refletidas. Foi dessa forma que surgiu a inquietação que problematizo em forma de pesquisa e que, ademais, reflete a interligação direta com minha prática profissional, área de atuação e interesse investigativo na relação entre língua, comunidade surda, ensino e gênero.

Há anos ministro cursos, módulos e oficinas de Libras para servidoras/es da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Frequentemente me deparo com questionamentos de cursistas inquietas/os com as diferenças linguísticas entre o português e a Libras, demonstrando estranheza das/os estudantes acerca de algumas especificidades, desde a modalidade visual e mitos relacionados à língua, passando pela formação e parâmetros dos sinais até as diversas estruturas frasais.

Muitos dos novos aprendizados propostos ao longo das aulas encontraram seu espaço na construção do conhecimento. Entretanto, numa das turmas, uma das inquietações trazidas me moveu a investigar mais a fundo as marcações de gênero quanto ao feminino ou masculino: *“como digo filho – menino?”*; *“professora ou professor?”*; *“é ela ou ele?”*.

As características instigantes do gênero linguístico em Língua Brasileira de Sinais nos propulsionaram a investigar para além das tradicionais explicações acerca das marcações do masculino ou feminino em substantivos. Afinal, algumas explicações teóricas encontradas não eram suficientes quando as víamos sinalizadas na prática. De forma recorrente, as respostas formais se limitavam a afirmar que para designar os gêneros masculino ou feminino são

usados sinais compostos, antepondo ou pospondo ao sinal base os sinais independentes de homem/mulher.

Tal explanação me pareceu apenas uma simplificação da marcação de gênero, ou ainda uma apropriação equivocada de conceitos da morfologia do português para explicar uma marca tão distinta na Libras, como um mero aditivo “macho” ou “fêmea” que aparece nos substantivos epicenos. Destoante, afinal o português é uma língua com marcação explícita de gênero e, como tal, tem como principal característica a expressão de gênero não apenas para os seres vivos e sexuados como também para os inanimados como os objetos e conceitos abstratos.

Ao referirmos o termo ‘gênero’ em Libras tratamos das categorias animada e inanimada. Percebemos que para os seres animados, para os quais se admite a marcação do masculino ou feminino, a regra geral é a não obrigatoriedade de determinação de gênero. Não há desencadeamento de concordância, seja em adjetivos, artigos, pronomes e outros elementos igualmente não marcados pelo masculino ou feminino. Os seres inanimados, por sua vez, apresentam a ausência de gênero; seria agramatical e mesmo impensável categorizá-los da maneira como se faz com os seres vivos. São essas algumas das especificidades acerca das marcações de gênero em Libras que nos propomos a analisar.

Visamos então discutir uma língua oficialmente brasileira, na qual a explicitação do gênero acontece de forma bastante diversa do português, a Língua Brasileira de Sinais. Nosso objeto de estudo é a marcação do masculino e/ou do feminino e ainda a ausência de marcação de gênero em nomes na Libras. Objetivamos identificar como ocorrem as marcações de gêneros masculino e feminino. Para tanto, levantamos características que diferenciam tais marcas das línguas de gênero; elencamos as possibilidades de marcação; registramos em glosa sinais de profissionais e família; finalmente classificamos as sinalizações de informantes de referência em três sistemas de marcas de gênero.

Apresentamos então a estrutura de nossa pesquisa, que tem por intuito descrever e tipificar os usos e não usos dos marcadores de gênero linguístico na Libras. Para trilhar tal caminho, iniciamos com o debate teórico acerca da temática. No capítulo *Gênero linguístico na Libras* abordamos características da categorização dos gêneros na Libras e cotejamos com alguns conceitos da língua portuguesa, por ser língua de contato da comunidade surda brasileira, além de ampliar o público leitor que tenha interesse na temática, mas que porventura não seja fluente em Libras.

A discussão acerca das diferentes possibilidades de marcações de gênero em Libras será fundamental para a compreensão dos tipos de marcas de gênero e dará embasamento para as reflexões seguintes.

Realizamos uma pesquisa com características qualitativas e quantitativas (Marconi & Lakatos, 2003). Qualitativa no sentido de ser exploratória, por haver poucas referências

teóricas que referenciam especificamente nosso objeto de análise; e descritiva sob a ótica dos registros por meio do sistema de glosa. Quantitativa ao classificar e categorizar, por meio da contabilização das ocorrências de marcações do masculino ou feminino, em sistemas predominantes de marcação de gênero. Discorreremos acerca das amostragens com diversos itens lexicais sinalizados e expressos por tabelas e gráficos.

Tal percurso metodológico será explicitado no terceiro capítulo, aqui incluída a questão da transcrição dos sinais. Optamos pelo uso do sistema de glosas desenvolvido por Tanya Felipe em 1988 e desde então modificado, atualizado e adotado por outras/os pesquisadores, que utiliza o arroba (@) simbolizando a ausência de tais marcas, subsídio que corrobora com nossa compreensão acerca da não marcação de gênero masculino ou feminino.

Explicamos ainda nesse capítulo um pouco da origem e a importância do projeto pioneiro e primordial para os estudos linguísticos no âmbito da Língua de Sinais Brasileira – o *Corpus* de Libras⁵, cujos dados estão disponibilizados no portal gerido pela Universidade Federal de Santa Catarina. A escolha por utilizar esse banco de dados em formato de vídeos sinalizados para analisar de que forma pessoas surdas marcam o masculino ou feminino deve-se justamente à visibilidade e ao alcance de tais materiais de referência para pesquisas em Libras.

No capítulo de análise e resultados nos detemos na categoria Surdos de Referência, especificamente uma das três seções que compõem o *Corpus* de Libras, a de ‘Vocabulários’. Centraremos nossa análise em vocábulos sinalizados por informantes de referência acerca de profissões e de membros da família, analisando a presença ou ausência de marcas de gênero. Descrevemos e agrupamos os sinais que apresentam marcas explícitas de gênero, a fim de compreender a constituição da marcação de gêneros em substantivos na Libras, identificar os marcadores de gênero e elencar os tipos de marcação destacando suas especificidades. Apresentamos a relação nominalmente no apêndice ‘A’, com tabelas que agrupam as/os informantes de acordo com suas sinalizações em sistemas de marcação de gênero. Tipificamos três sistemas, aqui chamados de Não Marcação, Marcação Mista e Marcação Categórica, para além do Indefinido.

Através do sistema de glosa registramos os sinais e suas classificações a partir das ocorrências ou ausência das marcações de gênero na sinalização de cada informante, organizada em tabela, anexa no apêndice ‘B’.

Baseadas nos pressupostos teóricos e analíticos buscamos evidências empíricas a partir desses arquivos em vídeos com registros de sinalizantes surdas/os nativas/os, “que cresceram com a língua de sinais em contato com outros surdos adultos”⁶, ou, em outras

⁵ Cf. <<http://www.corpusLibras.ufsc.br/>>.

⁶ QUADROS, Ronice *et al.* (2018), p. 48.

palavras, que têm a Libras como língua dominante e a surdez enquanto pertencimento cultural e identitário⁷.

Conhecer o caminho que outras/os exploradoras/es abriram é um grande passo para avançarmos para os próximos desafios. Reconhecer a importância nas pesquisas e descobertas partilhadas nos possibilita caminhar por trilhas já abertas, abastecidas desses conhecimentos e do entusiasmo de saber que ainda há muito a ser investigado e nos dá subsídios para ir além.

⁷ Essas características são fundamentais ao denominar a Libras como língua nativa desse grupo, pois nem toda pessoa surda se identifica como usuária de uma língua gestual como seu principal veículo de comunicação e interação social.

2 GÊNERO LINGUÍSTICO NA LIBRAS

Línguas que utilizam o canal espaço visual para expressão e comunicação têm como principal característica a representação visual do mundo, expressada pelo corpo, que produz sentido por meio de sinais/gestos e expressões visuais⁸. Essa experiência imagética perpassa a linguagem e transparece nas vivências e especificidades de sujeitas/os surdas/os, sejam monolíngues, bilíngues ou políglotas, nas modalidades oral ou gestual.

Tal conceito é partilhado por Gladis Perlin e Wilson Miranda:

Experiência visual significa usar a visão, (em substituição da audição) como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.⁹

Pensamento em concordância com o de Sandra Patrícia de Farias, que afirma que “conhecer o mundo pela visão significa, ainda, desenvolver um código visual com o qual os surdos associam significado e significante a partir das informações visuais que extraem do meio”¹⁰.

Diante de tais reflexões, compreendemos que para além da modalidade das línguas, os instrumentos linguísticos utilizados tanto como fonte quanto na formulação e expressão de pensamentos nos aproximam ou nos distanciam de determinados referenciais. Em outras palavras, se nossa referência de apreensão é visual ou sonora haverá inevitavelmente desdobramentos em nossa linguagem. No caso de uma língua visual, como a Libras, ao apontar para um referente muitas informações estão implícitas, inclusive o gênero; expressá-las verbalmente, apesar de desnecessário, pode ser uma estratégia para dar maior ênfase ou clareza.

Ao observarmos línguas gestuais, percebemos claramente que não apresentam distinção de gêneros equivalente ao das línguas de gênero gramatical, caso da maioria das línguas orais neolatinas, como o português brasileiro - PB, em que a flexão e a concordância de gênero são imperativas e marcam uma estrutura que desencadeia a concordância¹¹.

Nas línguas de gênero gramatical todos os seres são marcados no feminino ou masculino, mesmo objetos ou sentimentos, seja por morfemas, artigos, pela concordância frasal ou outros mecanismos. Nesses casos é quase inegociável omitir o gênero de quem ou do que se fala.

⁸ Modalidade denominada gesto-visual ou visual espacial.

⁹ PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson (2003), p. 218.

¹⁰ *Apud* STROBEL, Karin (2008), p. 37.

¹¹ CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso (1992), [1975], p. 88.

A categoria de gênero em Libras é prioritariamente dividida entre animados e inanimados. Os seres animados podem ser classificados em feminino ou masculino; já os inanimados não permitem tal subdivisão. Ainda que seja admissível a marcação dos seres animados em masculino ou feminino, a construção sintática não desencadeia concordância semelhante às línguas de gênero, pois nem os adjetivos, nem os pronomes apresentam tal característica.

Nesta pesquisa, tratamos sobretudo acerca das marcas do feminino e masculino em libras, cuja especificidade é preeminente. Em obras de referência da literatura sobre a temática, em geral, a questão é posta de forma superficial. Afirma-se que basta acrescentar os termos homem ou mulher junto ao nome e está dada a marcação do masculino ou feminino. Tal explicação invisibiliza especificidades de uma língua ainda pouco explorada nos estudos da linguagem.

Neste capítulo, refletiremos acerca de nuances e estratégias para além dos habituais paradigmas trazidos pelos estudos de morfologia, especificamente referentes às marcações de gênero em língua de sinais. Entretanto, antes de nos aprofundarmos na investigação da Libras propriamente dita, cabe mencionar alguns conceitos do português para observarmos contrapontos que diferenciam uma língua da outra, o que ressalta suas autonomias.

Por serem línguas de contato, a língua majoritária acaba por ser fonte de empréstimos e outras influências linguísticas¹² advindas da convivência fronteiriça, afinal, o português está em todas as partes (leiteiro do ônibus, computador, legendas do noticiário), enquanto a Libras é utilizada sobretudo nas comunidades surdas¹³.

Compreendemos que essa imersão cotidiana, tanto na língua como na cultura hegemônica, em maior ou menor grau adentra nas fronteiras das línguas minoritárias e influencia quem coabita em dada sociedade. Esse é o caso das pessoas surdas, em especial as mais oralizadas e/ou com maior grau de instrução formal, tendo em vista que tanto a oralização quanto o acesso ao conhecimento escrito se dão em português. Logo, o *input* linguístico¹⁴ a que a pessoa é constantemente exposta é estruturante quando se trata de absorção e naturalização de determinada língua e cultura especialmente quando são hegemônicas.

O debate sobre marcas de gênero na Libras é ainda mais instigante ao cotejarmos o mesmo fenômeno na língua portuguesa. Ressaltar características que diferem do senso comum da língua e cultura dominantes de nossa sociedade é sinônimo de valorização dessa minoria linguística. Por outro lado, diluir suas especificidades é inviabilizar possíveis e valiosas

¹² Sobre empréstimos em Libras, vide NASCIMENTO, Cristiane (2010) e MACHADO, Rodrigo (2016).

¹³ Vd. FERREIRA BRITO, Lucinda (1995, s/p).

¹⁴ Disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/my_keywords/input-linguistico/>. Acesso em 21/05/2022.

contribuições que línguas numericamente menos prestigiadas possam dar em prol de uma sociedade mais inclusiva, que não hierarquiza, antes abrange linguisticamente a pluralidade de gêneros.

Ressaltamos mais adiante algumas características da Libras que demonstram explicitamente seu não pertencimento às línguas com gênero gramatical. Destacamos a não obrigatoriedade da marcação dos substantivos e a concordância de gênero animado e inanimado, que diferem significativamente das categorias masculina ou feminina das línguas de gênero, como o português.

2.1 CATEGORIAS DE GÊNERO

Em *Dicionário de Lingüística e Fonética*¹⁵, no verbete 'gênero', há a distinção entre gênero natural, referente a seres animados/sexuados e o gênero gramatical, arbitrário. Meillet (1982) afirma que 75% das línguas não possuem gênero gramatical¹⁶. A língua brasileira de sinais, como veremos, está inclusa nesse grupo majoritário.

Há diversas formas de expressar e distinguir gêneros. Dorothy Brito e Danniell Carvalho¹⁷ advertem que “em línguas de gênero, uma relação complexa entre gênero gramatical e gênero referencial é observada na maioria dos pronomes pessoais, com assimetrias típicas relacionadas ao gênero em pronominalizações e coordenações”. Conceituam o gênero gramatical como “uma propriedade inerente do nome que controla a concordância estabelecida com elementos satélites”, enquanto que o referencial vincula as realidades linguísticas e extralinguísticas ao determinar o feminino, o masculino, a indiferença ou a ausência de gênero nos referentes. O português, diferentemente da Libras, é uma língua de gênero gramatical binária, a contrapelo do latim, terciária, em que, para além do feminino e do masculino, acrescenta-se o neutro.

As tipificações atribuídas aos gêneros feminino e masculino são, para Meillet (1982), com quem concordamos, um desdobramento da categoria dos seres animados e são advindas da significação, ou seja, das características sexuais próprias dos seres vivos. A categoria inanimada não se subdivide da mesma maneira. Por se tratar de seres não sexuados, seu gênero seria neutro ou ausente.

As pesquisas que contemplam a questão do gênero em Libras são sobretudo voltadas para os gêneros animado e inanimado e, ainda que indiretamente, apontam para nossa investigação, cujo enfoque é justamente a marcação do feminino e do masculino na categoria de gênero animado.

¹⁵ David Crystal (1988).

¹⁶ *Apud* Élide Santana, Marcela Paim e Sandra Prudêncio (2020, p. 146).

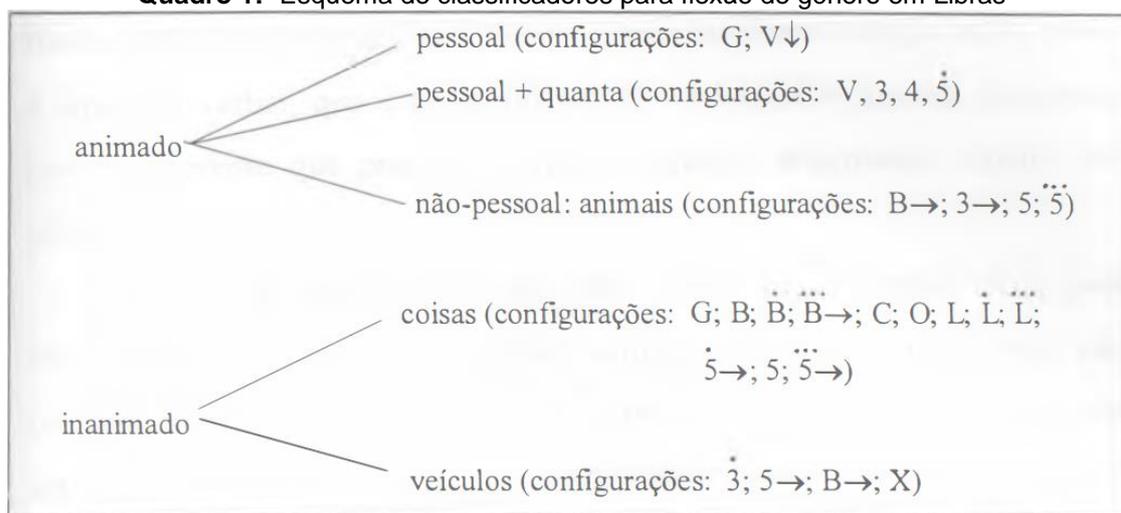
¹⁷ Danniell Carvalho; Dorothy Brito (2020, p. 8-10).

Em capítulo presente na *Gramática da Libras* (1993), organizada por Lucinda Ferreira Brito, Tanya Felipe fez uma afirmação vanguardista fruto da necessidade de fazer registros em Libras para sua pesquisa de mestrado: na Libras não há morfemas ou desinências para gêneros (masculino e feminino). Diante disso, a autora desenvolveu e adaptou estratégias de transcrição dos sinais em glosa. Desde então, em seus escritos a ausência de marcação de gênero aparece simbolizada pelo @ e encontra-se em várias de suas pesquisas, produzidas nos anos de 1988, 1991, 1993, 1994, 1995 e 1996. Sua tese de doutoramento, concluída em 1998, trata da flexão de gênero nos verbos, que acontece por meio de classificadores, em concordância com o gênero – animado, quando se trata de pessoas ou animais; e inanimado, ao representar objetos e veículos¹⁸.

De acordo com tal investigação, classificadores são morfemas específicos que concretizam itens lexicais, representam uma categoria semântica e são realizados por meio da configuração de mãos. Ainda de acordo com Tanya Felipe são cinco as flexões que modificam a raiz interna do verbo (Quadro 1): flexão para pessoa do discurso, aspecto verbal, gênero, incorporação do numeral e incorporação de intensificador ou de casos modais. A pesquisadora esquematizou possibilidades de configuração de mãos para cada categoria e afirmou que

(...) o sistema de classificador nas línguas gestuais-visuais está relacionado ao gênero que, em uma subclasse de verbos, é marcado através de morfemas obrigatórios que devem ser utilizados morfo-sintaticamente, presos às raízes verbais, para concordar com o argumento do verbo.¹⁹

Quadro 1: Esquema de classificadores para flexão de gênero em Libras



Fonte: Tanya Felipe (1998, p.79)

¹⁸ FELIPE, Tanya (1998). Pesquisa que nos baseamos e para a qual remetemos para aprofundamento da discussão sobre classificadores em Libras.

¹⁹ *Idem*, p. 63.

As configurações de mãos usadas para representar uma pessoa ou um objeto são distintas. Afinal, o classificador ao concordar com o referente apresentará uma configuração específica. O verbo 'cair', por exemplo, ao dizer “CRIANÇA CAIR” ou “LÁPIS CAIR”, o classificador será distinto para cada um desses referentes.

Para o gramático do português brasileiro Mattoso Câmara Júnior (1975), o gênero está para o nome assim como as conjugações estão para os verbos. A diferença é que a oposição de gênero distingue qualidades semânticas (para inanimados) e de sexo (para seres animados). Greville Corbett (1991) retoma o conceito de gêneros como “classes de nomes que refletem no comportamento das palavras associadas” proposto por Charles Hockett²⁰ e afirma que são as evidências de concordância que revelam os verdadeiros sistemas de gênero²¹. Nesse mesmo sentido, McConnell-Ginet (2015, p. 76) assevera que a principal implicação da categoria gramatical de gênero é desencadear fenômenos de concordâncias.

Tomando como base as evidências de concordância, os gêneros animados e inanimados em Libras concordam com o objeto, pessoa ou animal a que se referem. Apenas os seres animados admitem a explicitação de masculino ou feminino, caso essa informação seja importante ao tema do discurso. Há consenso de que os seres inanimados não apresentam qualquer indicação nesse sentido. Também não há marcação para os adjetivos e outros determinantes; ainda que haja retomada dos conceitos abstratos e objetos tais nomes permanecem neutros.

Tal afirmação é evidenciada com exemplos de inanimados com marcações agramaticais*, inadmissíveis na Libras:

* UNIVERSIDADE^MULHER	* COLÉGIO^HOMEM
* AVALIAÇÃO^MULHER	* EXAME^HOMEM

É interessante perceber que, em língua portuguesa, os nomes como um todo, ao serem precedidos por determinantes são classificados como masculino ou feminino. Assim, identificamos 'a universidade', 'o colégio', 'a avaliação' e 'o exame'. Mesmo não havendo evidências semânticas que justifiquem que vocábulos como *universidade* e *avaliação* sejam femininos ou que *colégio* e *exame* sejam masculinos, essa marcação é gramaticalmente arbitrária. Esse fenômeno é comum nas denominadas línguas de gênero, como por exemplo o português, em que os nomes tanto animados quanto inanimados são generificados e desencadeiam concordância. Como em: A Universidade é democrática; O colégio é caro. Significa dizer que, ainda que no próprio nome não seja expresso o gênero, o determinante o explicita e a norma nos impõe a concordância com os demais elementos.

²⁰ “Genders are classes of nouns reflected in the behavior of associated words.” Apud CORBETT, Greville (1991).

²¹ *Idem*, p. 31 “[...] true gender systems which can be demonstrated on the basis of agreement evidence.”

De acordo com tais conceitos, para classificarmos uma língua de gênero é imprescindível que as marcações dos gêneros sejam identificadas tanto nos seres animados quanto nos inanimados e que toda a estrutura frasal concorde convergentemente. Como é sabido, em língua portuguesa todos os substantivos têm informação lexical quanto ao gênero, o masculino ou feminino se revelam morfológicamente, ou através dos elementos com os quais concordam sintaticamente. Mesmo quando se trata de palavras comuns a ambos os gêneros, quem a profere inevitavelmente marca seu gênero ao antecede-la por um determinante.

Raiz de muitas línguas românicas, o latim clássico possuía três gêneros, o feminino e o masculino para seres animados e o neutro, para seres inanimados. No entanto, as línguas derivadas dessa matriz não mantiveram o gênero neutro, o absorveram de forma a genericar e considerar o masculino como forma não marcada. Tal classificação é denominada de masculino genérico por não possuir desinência de gênero. O masculino é compreendido como ausência. Em outras palavras, a normativa dessas línguas permite designar no masculino tanto o homem quanto a humanidade e o indefinido ou desconhecido e o plural (mesmo quando composto também por mulheres), enquanto o plural feminino seria restrito aos coletivos formados exclusivamente por mulheres.

O pesquisador Luiz Schwindt (2020b) nomeia essa não marcação como *default* e considera o masculino genérico uma tentativa de genericificação arbitrária, que por herança machista, privilegia o masculino ante as demais formas de expressar os gêneros. Afinal, ao considerarmos a norma do português brasileiro, a flexão e a concordância de gênero são imperativas e marcam uma estrutura que desencadeia a concordância²².

Na Libras os gêneros se dividem em animados e inanimados, como esquematizado:

Quadro 2: Traços semânticos	
Mais humano/mais animado	Menos humano/menos animado
Seres humanos Animais (especialmente de estimação) Bonec@s	Sentimentos, Conceitos abstratos Elementos da natureza Coisas/objetos concretos

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3: Categoria de Gêneros na Libras	
Animado @	Inanimado Ø
Não necessita de marcações	Não existe marca de gênero
Característica neutra, por abranger todos os gêneros	Marcas arbitrárias que determinam gêneros em seres inanimados são agramaticais

²² CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso (1992 [1975], p. 88).

Admissibilidade de marcação feminina/masculina	Gênero neutro ou Inexistente
Simbolizado pelo @	Não é usado símbolo para representar a ausência; as palavras são escritas em glosa sem modificações, em português

Fonte: Elaborado pela autora.

Integram o grupo dos seres animados o ser humano e outros animais. Apesar dessa categoria agrupar seres sexuados, a explicitação do sexo não é necessária, tampouco arbitrária. Sentenças sem a marcação de masculino ou feminino são totalmente compreensíveis. Assim como os nomes, os pronomes e adjetivos em Libras não exigem tal informação.

No exemplo abaixo, escrito em glosa para registro da Libras, o uso do arroba (@), símbolo que destaca a ausência de marcas tanto de gênero quanto de número em Libras:
PROFESSOR@ NEGR@ ENSINAR ALUN@ SURD@.

As traduções para o português padrão seriam múltiplas e todas abaixo citadas apresentam concordância, exigem flexão de gênero e número. Ademais, ainda quando não há desinências nos nomes, o determinante revela o gênero do referente:

- a. A(s) professora(s) negra(s) ensina(m) à(s) aluna(s) surda(s);
- b. A(s) professora(s) negra(s) ensina(m) ao(s) aluno(s) surdo(s);
- c. O(s) professor(es) negro(s) ensina(m) à(s) aluna(s) surda(s);
- d. O(s) professor(es) negro(s) ensina(m) ao(s) aluno(s) surdo(s).

A mesma frase poderia ser escrita em português de forma diferente, à semelhança do uso do arroba no sistema de glosas. Uma maneira mais inclusiva seria substituir algumas palavras por sinônimos comuns aos gêneros, expressá-los igualmente ou utilizar “@”, “x” ou “e”. Essas últimas grafias são vistas em línguas neolatinas e visam especialmente a inclusão das diversas identidades de gêneros²³. São exemplos:

- e. Docente(s) negra/o(s) ensina(m) a estudantes com surdez;
- f. Docente(s) negr@(s) ensina(m) a estudantes com surdez.
- g. Docente(s) negre(s) ensina(m) a estudantes com surdez.

²³ Para aprofundar o debate vide: Manual para o uso não sexista da linguagem - RIO GRANDE DO SUL (2014); Construções Gráficas do tipo “todxs, tod@s, todes” como tentativas de neutralizar o gênero - SCHWINDT, Luiz C. (2020a); Gênero neutro em PB - SCHWINDT, Luiz C. (2020b);

Nas categorizações de gêneros, a Libras não apresenta morfema gramatical que distingue o feminino do masculino, seja em nomes, adjetivos, pronomes pessoais, possessivos ou indicativos. Essa informação tem importância secundária, em geral, é desnecessária e suprimida. Entretanto, há formas de explicitar o gênero do referente, tais como o acréscimo dos termos homem ou mulher junto aos sinais base, a datilologia, sinal próprio, a apontação dêitica quando o referente está presente²⁴. Cabe lembrar que, ao retomar o referente, este pode continuar sem explicitar marcas do masculino ou feminino, posto que os complementos não são marcados, logo não desencadeiam concordância.

Nesse quesito, Tanya Felipe é categórica ao afirmar que

[...] os pronomes possessivos, como os pessoais e demonstrativos, também não possuem marca para gênero. Os adjetivos são sinais que formam uma classe específica na Libras e sempre estão na forma neutra, não havendo, portanto, nem marca para gênero (masculino e feminino), nem para número (singular e plural), mas podem ter um intensificador incorporado ao seu movimento.²⁵

Ainda que os nomes em Libras não tenham o gênero marcado morfológicamente, a gramática admite composições²⁶ para explicitação de tal informação. Percebemos nos sinais de usuárias/os fluentes que o gênero do referente não interfere na compreensão, quando expresso, em geral, é percebido pelo uso contextual ou sinal próprio e não pelo acréscimo dos sinais correspondentes a homem ou mulher.

Ao contrário da inexistência de marcação que ocorre com os seres inanimados, existem algumas possibilidades de marcação de gênero para os seres animados, quando há necessidade discursiva ou intenção no discurso.

2.2 POSSIBILIDADES NAS MARCAÇÕES

Nos estudos morfológicos da Libras é comum observarmos as explicações sobre marcações de gênero vinculadas aos processos de formação dos sinais, sendo a composição o principal processo produtivo²⁷. Nesse sentido, recuperamos alguns conceitos partilhados em obras de referência e sob o viés linguístico da Libras, buscamos entrelaçar complementarmente tais reflexões e ampliar os olhares acerca de um tema tão rico e ainda pouco explorado: as marcações de gênero masculino ou feminino dos nomes em Libras.

²⁴ Apontação dêitica é uma estratégia linguística bastante comum para retomar o referente fazendo a marcação de gênero por meio do contexto.

²⁵ FELIPE, Tanya (1998, p. 208).

²⁶ SILVA, Maria Cristina e SELL, Fabíola (2011, p.23), afirmam que a flexibilidade na supressão ou mudança na ordem sintática dos componentes depõem contra a composição, no entanto por se tratar da junção de dois ou mais sinais foram denominados de compostos.

²⁷ *Idem* (2011, p. 31).

Muitas das explicações acerca da marcação de gênero em Libras são superficiais ao afirmarem que basta acrescentar o sinal de homem ou mulher junto ao nome para diferenciá-lo. Não se trata de uma afirmação errônea, mas simplista, visto que omite uma característica importante da Libras e a aproxima da explicação de gênero em português, em que o masculino se opõe ao feminino ('o' versus 'a') e ('homem' versus 'mulher'). Essa dinâmica não é aplicável a Libras, visto que esta não é uma língua de gênero gramatical.

Essa formação de sinais compostos através da adição dos sinais de 'mulher' ou 'homem' (por prefixação ou sufixação) é apenas uma das possibilidades de marcação de gênero feminino ou masculino em Libras. É possível ainda o uso de sinais distintos para cada gênero ou a definição por contexto, quando a identidade da pessoa sobre quem se fala é revelada explicitando o nome pela datilologia ou sinal próprio. Quando há retomada do referente, a dêixis ou a anáfora são recursos que permitem o entendimento pelo contexto.

Como em Libras a marcação não é componente estrutural ou arbitrário, apenas facultativo, quando marcamos deliberadamente seja por hábito, assimilação, influência da língua de contato ou ainda por não percebermos as diferenças nos usos, estamos aproximando uma gramática da outra desrespeitando suas especificidades. Nesse caso, por exemplo, podemos nos equivocar no uso do masculino genérico, regra da gramática normativa do português, mas não aplicável na Libras.

Quando os substantivos em Libras não apresentam marcas de gênero, tampouco é possível identificá-lo pela concordância de outros elementos ou por determinantes. Em literatura sobre essa gramática, observamos que a marcação morfológica não se aplica aos seus signos linguísticos, nomes, adjetivos ou pronomes. Assim, a Libras não estaria classificada como uma língua de gênero gramatical. Há, no entanto, maleabilidade para tal marcação. Sobre essas possibilidades discorreremos a seguir.

A composição que marca o masculino ou feminino não é uma regra ou uma exigência morfossintática, mas uma maleabilidade da Libras. Ao observar em quais situações ou contextos essa composição vem sendo utilizada e especialmente quando é omitida damos visibilidade a uma característica da Libras que diverge do português, mas se aproxima de outras línguas, como o Bantu ou o Latim.

Há situações discursivas em que esclarecer o gênero de quem se fala pode ser importante ou mesmo imprescindível. A Libras não limita essa marcação; ao contrário, admite em vários contextos e até mesmo pode pedir tal informação, como por exemplo, para descrever o referente ou para evidenciar alguma situação (em geral, não hegemônica). A falha em generalizar e simplificar essa explicação é a omissão das possibilidades de composição e o que elas podem representar.

Sobre os gêneros masculino e feminino em Libras, Lucinda Ferreira Brito, em obra de 1995, afirmou que na Libras não há marcação morfológica no sinal: "os nomes não

apresentam flexão de gênero, sendo que deve-se indicar o sexo pospondo-se o sinal HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais ou pode ainda haver sinais diferentes para um e outro como PAI/MÃE [variante do Rio de Janeiro]"²⁸.

Já Elidéa Bernardino, no final da década de 1990, aponta para a ausência de "flexão" de gênero nos nomes na Libras. Nos substantivos, concorda com Ferreira Brito, "a indicação de sexo é feita pospondo-se o sinal [HOMEM]/[MULHER] tanto para pessoas quanto para animais" (1999, p. 91).

No entender de Eulália Fernandes (2003), a marcação de gênero não é relevante, a não ser que o gênero seja o assunto tratado. Nesse caso, são também usados os itens lexicais MULHER ou HOMEM associados aos sinais.

Em *Língua de Sinais Brasileira: Estudos lingüísticos*, obra referencial de Libras de autoria de Ronice Quadros e Lodenir Karnopp, de 2004, por sua vez, destacam-se as flexões de pessoa (*dêixis*), número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal, aspecto temporal e aspecto distributivo, sem nenhuma menção à flexão do feminino/masculino.

Em material utilizado em disciplina introdutória de Libras, em 2009, Ronice Quadros, Aline Pizzio e Patrícia Rezende distinguiram os pronomes pessoais de Libras em primeira, segunda e terceira pessoas e em números – singular, dual, plural e múltiplo. Tal sistema não apresentaria marcação de gênero, apesar de, quando relevante, os pronomes da terceira pessoa admitirem a precedência de sinais MASCULINO e FEMININO²⁹, sinais equivalentes a HOMEM e MULHER, como apresentado nas pesquisas citadas.

Desse mesmo ano, destacamos a obra de Maria Cristina Figueiredo Silva e Fabíola Sucupira Ferreira Sell. As pesquisadoras se aprofundam demonstrando quais processos são possíveis na marcação quando esta se faz necessária por razões discursivas e reafirmam claramente a não marcação morfológica de gênero³⁰.

Tal informação é reforçada no item seis do Sistema de Transcrição para Libras em glosas, quando a pesquisadora Tanya Felipe destaca a ausência de marcações utilizando o símbolo (@) onde em português haveria desinência de gênero e/ou número:

Na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão"³¹

Para Daniel Choi, Maria Cristina C. Pereira e Maria Inês Vieira (2011) os substantivos em Libras admitem marcas de gênero e quando acontecem formam um sinal composto, pelo acréscimo do sinal HOMEM ou MULHER antecedendo o substantivo. Dessa maneira, a

²⁸ *Apud* RODRIGUES, Cristiane; VALENTE, Flávia (2012, p. 96).

²⁹ QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline; REZENDE, Patrícia (2009).

³⁰ SILVA, Maria Cristina Figueiredo; SELL, Fabíola S. (2011, p. 32).

³¹ Vd. FELIPE, Tanya (2006a, p. 25).

composição dos sinais pode identificar os gêneros em profissões e membros da família, como analisaremos.

Supomos que duas pessoas conversam em Libras e uma delas diz que sua/seu companheira/o é advogada/o, caso não haja o questionamento na interlocução, possivelmente não saberemos se a terceira pessoa é uma mulher ou um homem. No entanto, caso queira explicitar o gênero, a Libras admite tal marcação por meio da combinação dos sinais MULHER ou HOMEM junto ao sinal ao qual se refere. Na situação hipotética acima a Libras admitiria tais formulações:

ADVOGAD@ - [sem marcação de gênero - advogada/o]

MULHER-ADVOGAD@/ HOMEM-ADVOGAD@ [advogada/advogado]

Percebe-se que, ainda que não seja morfológico, arbitrário ou mesmo necessário o uso do masculino ou feminino em Libras, tal língua admite algumas composições possíveis, caso a/o sinalizante queira determinar o gênero da pessoa sobre a qual trata o discurso.

Eva Barbosa e Giovanna Rafael, em artigo de 2014³², resgatam as pesquisas de Bernardino (1999) e Quadros e Karnopp (2004) e reafirmam a não flexão de gênero nos substantivos, adjetivos e pronomes. Salientam ainda que, apesar de ser uma minoria de sinais, há alguns casos que diferenciam os sexos por meio da configuração de mãos, especificando sinais distintos para o masculino e para o feminino, como [CARNEIRO]/[OVELHA].

Em suma, a conclusão depreendida dos estudos apresentados é que quando há marcação do sexo de seres animados, nos casos mais comuns, a formação acontece através da composição [HOMEM]/[MULHER] seguida do sinal principal. Quanto aos seres inanimados, é consenso entre as pesquisadoras supracitadas (FERREIRA BRITO, 1993; FELIPE, 1988 a 2018; BERNARDINO, 1999; FERNANDES, 2003; QUADROS e KARNOPP, 2004; QUADROS, PIZZIO e REZENDE 2009; SILVA e SELL, 2009, 2011; RODRIGUES e VALENTE, 2012; BARBOSA e RAFAEL, 2014; QUADROS *et al*, 2020) que essa categoria não apresenta qualquer marcação quanto ao gênero masculino ou feminino³³.

Diante do exposto e somando as possibilidades de composição dos sinais, percebemos que o gênero dos substantivos pode ser perceptível muitas vezes pelo contexto. Ainda que a marca distintiva esteja ausente morfológicamente, tanto nos substantivos, quanto

³² BARBOSA, Eva; RAFAEL, Giovanna (2014).

³³ Em Língua Gestual Portuguesa, Maria Augusta Amaral *et al* (1994, p. 83-88) afirma que os seres animados podem ou não ser categorizados quanto ao masculino ou feminino. São possíveis tanto as marcações por composição, ao combinar gesto/sinal base a outro que designa homem ou mulher; ou por gestos/sinais distintos. Em contrapartida, Isabel Correia (2016, p. 194) aproxima a marcação de gênero da LGP à normativa do português, ao afirmar que o gesto/sinal masculino não é marcado. Quando não é possível identificar o gênero pelo contexto é necessário marcar o feminino.

nos adjetivos e pronomes (pessoais/possessivos/demonstrativos), em alguns casos o gênero é perceptível pelo referente dêitico ou pela soletração de nome/sinal próprio. Essas são algumas das principais maneiras de distinguir gêneros em Libras.

No tópico a seguir, elencamos algumas das diretrizes encontradas nas explicações sobre os processos das composições de gênero na língua de sinais e catalogamos alguns tipos dessas marcações.

2.2.1 Tipos de Marcas de Gênero

Para a composição dos gêneros em Libras, Tanya Felipe (2014) sintetizou uma definição bastante assertiva: os itens lexicais HOMEM e MULHER podem ser pospostos aos nomes quando se deseja explicitá-los. Ressalta que em geral, os advérbios, intensificadores e pronomes apresentam forma neutra. Observamos que há pouca visibilização da segunda parte da definição, em que a pesquisadora destaca a intenção de explicitar os gêneros. Seja pelo tema abordado, por interesse das pessoas envolvidas na conversa ou se é o próprio assunto em pauta, o fato é que adicionar 'homem' ou 'mulher' aos nomes não é categoricamente arbitrário.

Compreendemos que as possíveis escolhas para determinar os gêneros dos nomes de seres animados podem acontecer pelos processos de formação de sinais compostos, por aglutinação ou por justaposição da seguinte maneira:

- | | | |
|----------------|--------------------------|------------------------------|
| | <input type="checkbox"/> | Item lexical + item lexical |
| Aglutinação ou | <input type="checkbox"/> | Classificador + item lexical |
| Justaposição | <input type="checkbox"/> | Datilologia + item lexical |

A diferença entre a aglutinação e a justaposição possivelmente é a percepção dos sinais, assim como se dá em línguas orais. Na aglutinação, algum dos componentes é sinalizado de modo incompleto, havendo alguma supressão; enquanto na justaposição os sinais são expressos sem nenhuma abreviação de morfemas.

Figura 1: Sinal BSAV@



Na composição item lexical + item lexical, dois sinais independentes formam um terceiro, igualmente livre. Como no exemplo, VOV@^ANTES (Figura 1). Sinais autoexplicativos e a mudança na ordem dos itens não alteram o significado.

Figura 2: Sinal MOTORISTA

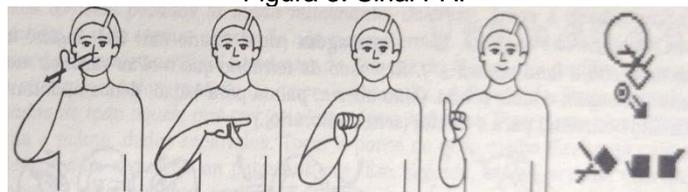


Na composição item lexical + classificador, o classificador tem a função de representar imagetivamente uma ligação de sentido relacionado ao item lexical, como em MOTORISTA^DIRIGIR (Figura 2).

Fonte: *Corpus de Libras; Surdos de Referência; Vocabulário*

Por fim, é exemplo de composição do tipo item lexical + datilologia a variante do sinal PAI^P-A-I usada no Rio Grande do Sul (Figura 3). Aprofundamos esse debate no capítulo de análise.

Figura 3: Sinal PAI



Fonte: CAPOVILLA *et al*, 2009, p. 1657.

A fim de organizar visualmente os tipos de marcação, adaptamos a tabela proposta no artigo de Suammy Cordeiro *et al* (2019, p. 123) fazendo uso de sinais de família e profissões, objeto de nossa investigação. Apresentamos abaixo as cinco possibilidades de marcação de gênero presentes na Tabela 1: sinal simples, sinal base + gênero, sinais distintos, marcação contextual e agramaticalidade. Relacionamos os tipos de marcação de gênero a conceitos semelhantes ou correspondentes na língua portuguesa, assim apresentados por Celso Cunha e Lindley Cintra (2008, p. 209-210):

- Substantivo comum de dois [gêneros] = serve para quaisquer gêneros que se refiram a seres humanos;
- Moção = Manifestação dos gêneros realizada pela mudança de sufixo;
- Heteronímia = itens lexicais distintos para cada gênero;
- Epiceno = substantivo que possui apenas um gênero gramatical. Referente a animais, quando necessário acrescenta os termos macho ou fêmea para designar o sexo.

Ademais, remetemos às definições propostas por Maria C. Silva e Fabíola Sell (2011, p. 32-39) ao abordarem três tipos de compostos: aparentes, verdadeiros e frasais. São compostos “aparentes” nomes que não possuem marcação morfológica de gênero, mas por razões discursivas o referente pode ser expresso como HOMEM ou MULHER adicionando tais sinais ao sinal de base. As pesquisadoras citam exemplos:

HOMEM^CRIANÇA [menino]; MULHER^CRIANÇA [menina];
 HOMEM^BEBÊ / MULHER^BEBÊ [bebê – menino ou menina];
 HOMEM^JOVEM / MULHER^JOVEM [rapaz /moça];
 HOMEM^TI@ / MULHER^TI@ [tio / tia] e
 HOMEM^FILH@ / MULHER^FILH@ [filho / filha]
 (SILVA E SELL, 2011, p. 32).

Silva e Sell destacam que esse tipo de formação apenas aparenta ser uma composição, porém a variação na ordem dos sinais e a designação de gênero não obrigatória contrariam essa hipótese. Assim a nomeiam com o uso de aspas – compostos “aparentes”.

Já os compostos “verdadeiros” apresentam ordem fixa dos sinais e marca de gênero obrigatória, exceto quando já expressa. Segundo as autoras,

A formação [HOMEM + N] / [MULHER + N] pode ser usada também para cunhar sinais compostos que designam profissões, como mostram os exemplos abaixo:
 MULHER^COSTURA [costureira]
 HOMEM^FEIRA [feirante]
 HOMEM^MANGUEIRA [bombeiro]
 HOMEM^DIGITAÇÃO [caixa de banco, de lotérica, etc.]
 (SILVA E SELL, 2011, p. 36).

Ainda com exemplos de profissões, as estudiosas categorizam como compostos “frasais” os itens lexicais formados pela combinação de dois ou mais sinais, semelhante às locuções. Silva e Sell diferenciam ainda os compostos “verdadeiros” dos “frasais” ao destacarem que estes últimos apresentam ordem variável e são passíveis da omissão de gênero, como nos seguintes casos:

HOMEM^CONCERTO^ELETRICIDADE [eletricista]
 HOMEM^ELETRICIDADE^CONCERTO [eletricista]
 ELETRICIDADE^CONCERTO [eletricista]
 (SILVA E SELL, 2011, p. 38).

Tabela 1. Explicações gerais de uso e classificação das marcações de gênero

Tipos de marcação	Descrição	Libras	Semelhante/Corresponde nte na LP
-------------------	-----------	--------	----------------------------------

<p>A. Sinal simples</p>	<p>Sinais que contemplam todos os gêneros</p>	<p>BISAV@ VOV@ COMPANHEIR@ ESPOS@ NAMORAD@ NOIV@ TI@ CUNHAD@ SOBRINH@ IRM@ SOGR@ NET@ FONOAUDIÓLOG@ INTÉRPRETE JUIZ@ MÉDIC@ POLICIAL PROFESSOR@ COZINHEIR@</p>	<p>Substantivo comum de dois gêneros</p>
<p>B. Sinal base + Gênero (Afixo)³⁴</p>	<p>1. Sinal base + HOMEM e MULHER</p>	<p>VOV@^MULHER^HOMEM HOMEM^TI@^MULHER</p>	<p>Indeterminação de gênero</p>
	<p>2. Sinal base + HOMEM ou MULHER</p>	<p>MULHER^AV@ HOMEM^IRM@ FILH@^MULHER ESPOS@^HOMEM</p>	<p>Moção</p>
	<p>3. Marca compulsória³⁵</p>	<p>MÃE / PAI</p>	
<p>C. Sinais distintos</p>	<p>1. Sinal com característica icônica do substantivo pode definir o gênero</p>	<p>MÃE / PAI³⁶ GARÇOM+GRAVATA (eletiva) ENFERMEIR@+CHAPÉU/ CRUZ^NO^BRAÇO</p>	<p>Heteronímia</p>
	<p>2. Empréstimo</p>	<p>M-Ã-E</p>	

³⁴ O sinal de HOMEM ou MULHER tanto pode anteceder quanto pospor o nome, ex: FILH@^MULHER. Esse acréscimo é optativo, sua ausência não interfere no sentido da mensagem, ex: FILH@ (independe do gênero).

³⁵ Na variante em que os sinais MÃE ou PAI são compostos por MULHER ou HOMEM ^ BEIJO-NA-MÃO há explicitação dos gêneros. Contudo, há outra possibilidade apresentada no Dicionário Capovilla *et al* (2009, p.1430), *idem* (2017, p.1738) que apresenta o uso do sinal BEIJO-NA-MÃO sem marcar o gênero. Também há variantes com sinais distintos com o ponto de articulação no nariz. Como podemos ver, figuram na tabela em três células distintas (B3, C1 e C2). O tema é bastante amplo e será abordado mais adiante, especificamente o caso dos substantivos MÃE e PAI, no subtópico 4.2 - Relações Familiares.

³⁶ Variante com ponto de articulação no nariz e no buço, respectivamente MÃE e PAI. Vide nota anterior.

	linguístico por adequação ou lexicalização	P-A-I / P-AI GENR@ NOR@	
D. Marcação contextual	Datilologia, apontação, sinal pessoal ou retomada do referente - podem ou não remeter ao gênero	 NAMORAD@ E-L-L-Y ESTUDAR ARTES. EL@ AMA HISTÓRIA.	Dêixis Retomada Anáfora
E. Agramaticalidade na marcação de gênero	Seres inanimados não apresentam gênero	MULHER^ESCOLA HOMEM^ENSINO COMPUTADOR^HOMEM TECNOLOGIA^MULHER	Agramatical

Fonte: Elaborada pela autora.

Em diálogo com os conceitos apresentados e a fim de tecer considerações que corroborem o nosso intuito, propomos alinhar as contribuições das pesquisadoras Maria C. Silva e Fabíola Sell³⁷ aos tipos de marcação de gênero apresentados na tabela.

O tipo de marcação por sinal simples (A) não possui elementos de composição e os sinais são indiferentes à designação de gêneros, posto que contemplam todos os seres animados, sem atribuir gênero.

Ao optar por explicitar o gênero, há diferentes formas na composição do sinal base somado aos sinais de gênero - HOMEM e/ou MULHER (B):

1. Trata-se de um composto aparente, tendo em vista que a marca é eletiva, a ordem não é fixa e o gênero explicitado. Contudo, quando há um único sinal base e marcação de ambos os gêneros há uma ratificação quanto à abrangência dos gêneros e uma possível indeterminação. Entendemos por indeterminação de gênero a indiferença à designação do masculino ou feminino ao apresentar sequencialmente ambas as possibilidades. Compreendemos que o uso daquele nome somado a dois afixos distintos equivaleria ao uso *unissex*, pode ser tanto para mulher quanto para homem;
2. É um composto aparente com as mesmas características, embora formado por base + gênero. A marcação é opcional, posto que com ou sem tal acréscimo o discurso continua com sentido;
3. Exemplo de composto “verdadeiro” (gênero + sinal base), ou seja, a marcação de gênero é obrigatória e a ordem é fixa. O uso da marcação do

³⁷ Acerca da discussão sobre compostos “aparentes”, “frasais” e “verdadeiros” remetemos à obra Maria C. Silva e Fabíola Sell (2011, p. 17- 41).

masculino ou feminino nesses vocábulos difere dos demais, por apresentarem marca categórica de gênero. Contudo, não se trata de uma composição produtiva, mas sim de uma possível exceção.

Outro tipo de marcação é feito através de sinal específico para cada gênero (C). Podem ser compostos frasais quando acrescentam ao sinal base características icônicas que diferenciam macho e fêmea (1), com um sinal distinto para cada gênero (sinal base + classificador) ou quando somado a um empréstimo linguístico parcial/total, por adequação ou lexicalização (2)³⁸, em que verifica-se o uso da datilologia para iniciar, soletrar parcial ou totalmente um item lexical (sinal base + empréstimo lexical).

A datilologia, a apontação dêitica, o uso do nome, o sinal pessoal ou mesmo a retomada do referente podem remeter ao gênero, especialmente quando já foi explicitado no discurso ou ainda quando é conhecido pelo/a interlocutor/a da conversação. É o que denominamos de marcação contextual (D). Quando um sinal ou substantivo simples está inserido em contexto nem sempre é possível depreender o gênero. Contudo, não há perda na compreensão do sentido.

Nas sentenças:

- EL@ COZINHEIR@ CHEFE;
- PRIM@ JOGADOR@ PROFISSIONAL;
- EL@ AMA HISTÓRIA;
- NAMORAD@ E-L-L-Y ESTUDAR ARTES.

Não foram explicitados quaisquer gêneros de quem exerce as atividades ou profissões; logo, por esse recorte não é possível identificar ou mesmo deduzir o gênero de quem se trata. Caso o façam não seria por mecanismos linguísticos da Libras. Assim sendo, importa atentar para interpretações relativas a deduções hegemônicas ou preconceituosas socialmente difundidas.

Por fim, cabe reforçar a agramaticalidade da marcação de gênero em seres inanimados (E). Nos exemplos da tabela 1, os nomes ficam totalmente distorcidos e/ou perdem o sentido. Nesta investigação, vamos nos ater aos tipos de marcação A, B e C (sinais simples, sinais compostos e sinais distintos).

³⁸ A formação de sinais advinda de palavras do português e moldadas às características da Libras é denominada de lexicalização, característica bastante presente na variante do Rio de Janeiro. Poderíamos compreender como uma marcação de gênero em Libras? Para aprofundar esse debate, vd. SILVA, Maria Cristina Figueiredo; SELL, Fabíola S. (2011).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi impulsionada por indagações de aprendizes da Libras, que demonstraram estranhamento diante da não diferenciação entre o feminino ou masculino nos sinais relativos às famílias e às profissões. A fim de sanar dúvidas e compreender teoricamente o que percebemos na convivência com sinalizantes fluentes, buscamos em estudos de referência informações sobre gênero masculino e feminino em Libras. Não satisfeitas com as explanações, procuramos outros meios de averiguá-las.

Esses foram os primeiros passos da jornada investigativa que estava por vir, aqui compartilhada nesta pesquisa. Por meio de levantamento bibliográfico, aprimoramos a compreensão acerca dos processos de formação de sinais e da marcação dos gêneros em Libras, identificamos as possibilidades de determinação de masculino ou feminino em substantivos e resgatamos alguns métodos utilizados para os registros escritos e/ou imagéticos de línguas de sinais. Foi assim que buscamos um material em Libras que permitisse a observação de evidências vivas, sistematizadas e disponibilizadas publicamente para fins investigativos.

Metodologicamente nos servimos das contribuições e conceitos partilhados por Mariana de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003). Nesta investigação realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa que tem como objetivo explorar e descrever os usos e não usos dos marcadores de gênero masculino ou feminino em substantivos na Libras.

Somadas a essa abordagem recorreremos a um método de análise quantitativa a fim de organizarmos as/os informantes em grupos, de acordo com a produção linguística predominante apresentada no *corpus* investigado. Para tanto, utilizamos uma amostragem probabilística a partir dos percentuais de uso dos marcadores de gênero e dividimos em três categorias de sistemas predominantes: marcação categórica, marcação mista e não marcação.

Para trilhar esse caminho, realizamos primeiramente uma investigação exploratória e descritiva. Exploratória no sentido de encontrar poucos referenciais teóricos que investigam nosso objeto de análise especificamente; descritiva sob a ótica dos registros dos sinais por meio do sistema de glosa, que contempla a transcrição e preserva as nuances da não marcação do masculino ou feminino em Libras.

Um dos primeiros passos para a presente pesquisa foi a observação, no sentido que Amando L. Cervo e Pedro A. Bervian definem: “observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”. Esses autores afirmam que sem a observação e análise da realidade, os estudos estariam

fadados “à simples conjectura e simples adivinhação” (2002, p. 27). Tal observação foi fundamental para nossa coleta de dados.

Para além do instrumental analítico bibliográfico, utilizamos a técnica de observação sistemática em laboratório. Essa observação minuciosa nos possibilita perceber matizes da realidade que por vezes orientam comportamentos, mas são despercebidos pelas pessoas de dada comunidade. A observação sistemática permite objetivamente focar os dados relevantes, além de descartar ou destacar possíveis deslizos que possam contribuir nas situações analisadas. O laboratório de filmagem onde foram gravados os vídeos fornece excelentes condições para visualizar e sistematizar as sinalizações que são objetos de nosso estudo.

Concordamos com Mariana Marconi e Eva Lakatos (2003) que a observação em laboratório tem caráter artificial, entretanto é de grande importância por isolar o objeto de pesquisa de influências externas e assim possibilita investigar os mecanismos de funcionamento interno do objeto. As estudiosas ressaltam ainda que observar aspectos humanos em laboratório é complexo, pois tais indivíduos não são passíveis a condições ideais. Apesar dos desafios apontados pelas autoras, característicos de uma abordagem artificial, os aspectos positivos superam os negativos, tendo em vista não apenas a possibilidade de recortar e isolar o objeto de pesquisa, como também proporcionar um cenário ideal para acesso e coleta das informações.

O material analisado nesta pesquisa foi extraído do Projeto *Corpus* de Libras³⁹ capitaneado pela Universidade Federal de Santa Catarina, que disponibiliza uma coletânea de vídeos produzidos em laboratório. Esse projeto é um dos frutos de políticas públicas de incentivo à difusão e pesquisa da Língua Brasileira de Sinais. Outrossim, o *Corpus* tem como propósito, para além de salvaguardar o patrimônio linguístico, instrumentalizar estudos sobre essa língua.

Fizemos uma observação minuciosa a fim de selecionar um enfoque que abrangesse nosso objeto de estudo. Elegemos um grupo pré-selecionado por comunidades surdas, que é uma amostra representativa de sinalizantes nativos da Libras, denominados de Surdos de Referência. Para o registro descritivo por escrito e posterior análise, utilizamos o sistema de glosas, criado pela pesquisadora Tanya Felipe (1988). Tal sistema será mais um dado significativo que atua no sentido de corroborar com o nosso achado.

Selecionamos, dentre as 760 horas de gravação, as filmagens da categoria Surdos de Referência na seção ‘Vocabulário’ e, dentro desta, os recortes temáticos ‘Família’ e ‘Profissional’. Ao optarmos pelo ângulo de observação da câmera 03,

³⁹ Remetemos à obra de Ronice Quadros *et al* (2018).

conseguimos reduzir dois terços das horas a serem analisadas. Assistimos a horas de sinalizações para então dialogarmos com a literatura disponível e pesquisadoras/es de referência, tais como Lucinda Ferreira Brito (1995), Tanya Felipe (1988, 2006a, 2006b, 2014, 2018), Ronice M. Quadros (2004, 2018, 2020), Audrei Gesser (2009), Maria Cristina Silva e Fabíola Ferreira Sell (2009, 2011).

Fundamentadas na teoria que descreve as estruturas das línguas e diante da observação do contexto comunicacional adequado, descrevemos as situações em que cada informante marca ou não os gêneros de suas personagens apresentadas nas fichas de elicitación na 'Seção Vocabulário'.

Antes de mais, é importante mencionar algumas especificidades e critérios por nós adotados, a fim de evitar estranhamento na contabilização dos dados, bem como possíveis distorções. Tais dados serão sistematizados conforme preceito da estatística descritiva através de anotações, quadros conceituais, tabelas e gráficos.

A análise percentual dos dados coletados refere-se ao número de vezes que ocorreram as marcações de gênero no âmbito da seção Vocabulário, especificamente nas subseções referentes à família e às profissões. A partir desses números classificamos os dados analisados de nossas/os informantes em grupos e expusemos as tabelas em apêndice.

3.1 TRANSCRIÇÃO E ESCRITA DE SINAIS

Os primeiros estudos que abordaram as línguas gestuais foram publicados na Europa no início do século XVII. Explicações sobre o ensino de pessoas surdas era a principal temática e colateralmente a comunicação gestual. Nas últimas décadas do século XVIII o abade francês Charles-Michel de L'Épée iniciou o *Dictionnaire général des signes*, que só foi concluído postumamente por um de seus seguidores. Roch-Ambroise Cucurron Sicard deu continuidade ao dicionário e publicou outras obras, avançando nos estudos sobre as línguas de sinais, como em 1785 *La teoría de los signos*, *El diccionario de los signos* e *Las lecciones analíticas*.

A pesquisadora Tanya Felipe (1998) traz luz às obras basilares para a discussão acerca dos parâmetros que compõem os sinais. Faz referências ao *Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel ou introduction à une classification naturelle des idées avec leurs signes propres*, publicado em 1817. Nessa obra já se demonstrava a necessidade de ir além da comunicação por meio dos sinais; estão presentes a consciência da importância, bem como a criação de um método descritivo. O estudo pioneiro que descreve as sinalizações é de autoria de Auguste Bebián, intitulado

Mimographie, ou essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sourds-muets, foi publicado em 1822.

As línguas orais auditivas possuem signos que podem ser verbalizados ou escritos, formados por unidades menores, tais como fonemas e morfemas. O mesmo acontece com as línguas espaço visuais, ou seja, línguas em que “a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”⁴⁰. Ou, nas palavras de Pfau *et al* (2012), “as línguas de sinais são línguas naturais produzidas em uma modalidade física diferente daquela das línguas orais”⁴¹.

Devido às características imagéticas das línguas de sinais, dentre elas a tridimensionalidade, o seu principal meio de produção (comunicacional/linguístico) é o espaço que se utiliza do campo visual gestual. Quando se trata da sinalização cotidiana, a contação de histórias, produção artístico-cultural etc., tais produções se assemelham à tradição oral, ou seja, as histórias são repassadas nas comunidades através da oralidade. Nas comunidades surdas tal artefato cultural se dá semelhantemente através da sinalização. Eis um dos principais motivos para o registro da Libras atualmente ser feito majoritariamente em formato de vídeo.

A língua de sinais não é ágrafa, mas sua escrita é pouco difundida. A Libras ainda não se tornou a língua de alfabetização ou de ampla produção documental e científica, apesar de termos avançado bastante; ela tampouco é reconhecida legalmente. Em nossa atual legislação, a lei de Libras, afirma-se que o português escrito não é substituível.

Algumas estratégias vêm sendo utilizadas ao longo dos anos, sendo adotadas diversas formas de registro – desenhos, fotografias, descrições, empréstimos linguísticos, fotografias, escrita de sinais e vídeos. O primeiro glossário de língua de sinais no Brasil, a *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* traduzida pelo pesquisador surdo brasileiro Flausino Gama em 1876, trata do registro que descreve sinais através de desenhos. Com o avanço da tecnologia, houve mudanças nos registros desses sinais, antes desenhados, passando a ser registrados com fotografias e posteriormente em escrita de sinais e vídeos.

A escrita de sinais – *SignWriting* – foi desenvolvida em 1974 por Valerie Sutton a partir do sistema escrito de dança – *DanceWriting*. Evoluiu ao longo dos anos, se modernizou especialmente com a criação do software *SignPuddle* e se difundiu por mais de 60 países⁴². No entanto, não é de conhecimento geral, restringindo-se sobretudo ao âmbito acadêmico.

⁴⁰ QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir (2004).

⁴¹ Original “*Sign languages are natural languages produced in a physical modality different from that of spoken languages*”. PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (2012, p. 77).

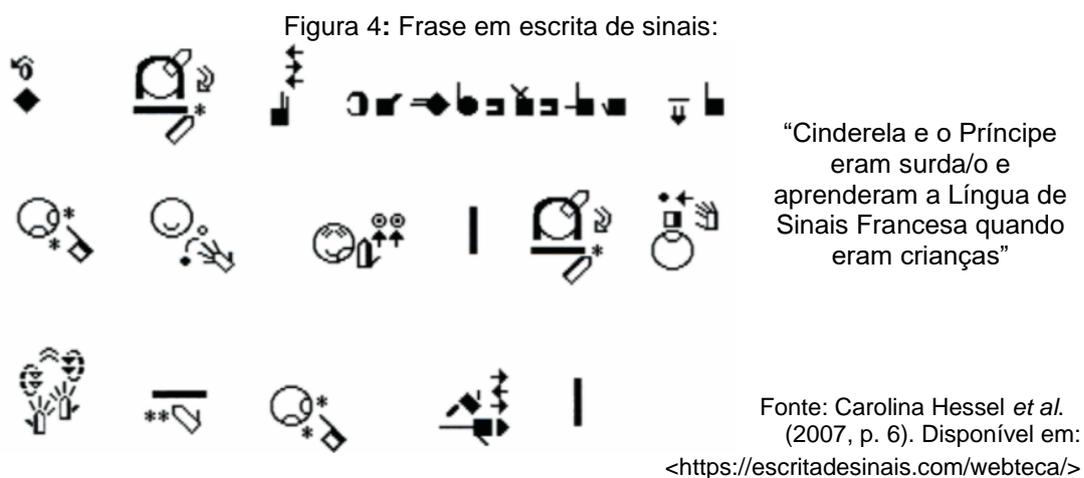
⁴² Ver mais em <<https://www.Libras.com.br/signwriting>>.

No Brasil, o estudo sistemático acerca da escrita de sinais ainda é recente. Uma das primeiras obras a referenciar a escrita de sinais brasileira foi lançada em 2001, o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Deit – Lib*, principal referência como dicionário de Libras, com mais de 9.000 verbetes em sua primeira edição e mais de 19 mil na edição de 2009.

Pesquisas realizadas em 2005 por Marianne Stumpf acerca do aprendizado da escrita de sinais por pessoas surdas também trazem grandes contribuições para a consolidação desse conhecimento. Seu estudo comprova que pessoas surdas sinalizantes aprendem a escrita de sinais com maior facilidade que a escrita de línguas orais, demonstrando assim a importância de alfabetizar crianças surdas para escreverem na língua materna.

A partir de 2006, houve outro grande avanço para sistematização e uso dessa escrita. Sua maior difusão se deu através da implantação da disciplina Escrita de Sinais na graduação de Letras Libras, licenciatura e posteriormente bacharelado. Essa graduação até então inédita no país foi um marco imprescindível para os avanços e consolidação dos estudos da Libras. Se deu inicialmente na Universidade Federal de Santa Catarina através do ensino à distância e foi multiplicada em várias outras universidades federais.

Diante de tamanha visibilidade e com a difusão do conhecimento não apenas sobre a Libras, mas também sua escrita, literatura e estudos linguísticos, houve crescimento significativo em criações, adaptações e recriações de obras literárias em escrita de sinais⁴⁴. No entanto, como vimos, a escrita de sinais ou, em inglês, *SignWriting* ainda não é a forma mais usual de registro em Libras.



⁴³ CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D.; MAURÍCIO, Aline C. L. (2001).

⁴⁴ Dentre elas destacamos algumas: O feijãozinho surdo; Cinderela surda; Rapunzel surda; A cigarra surda e as formigas; Manoelito, o palhacinho tristonho; Sol e as ovelhas.

Outros sistemas de escrita foram criados ao longo das últimas décadas, dentre eles: ELiS (Escrita das Línguas de Sinais), composto por 95 visografemas, agrupados em Configuração de Dedos, Orientação da Palma, Ponto de Articulação e Movimento, criado em 1998 por Mariângela Estelita Barros; SEL (Sistema de Escrita para Línguas de Sinais), desenvolvido pela linguista Adriana Stella de Oliveira, composto por 52 unidades a partir das quais os sinais são escritos utilizando os parâmetros Mão, Locação (ou localização) e Movimento; ELAN (Eudico - Anotador Linguístico), um *software* “projetado especificamente para a análise de línguas, da língua de sinais e de gestos”⁴⁵, nas palavras de Quadros e Pizzio. Pode-se ainda dizer que o ELAN é um

sistema de anotação que possibilita a criação, edição, visualização e busca de anotações por meio de dados de áudio e vídeo, bem como a criação de trilhas específicas para registro e análises em diferentes modalidades de língua (visual-espacial e oral-auditiva)⁴⁶.

O *Corpus* de Libras, plataforma de que fazemos uso nesta pesquisa, por exemplo, utiliza o sistema ELAN como ferramenta de transcrição dos seus registros.

Figura 5: Imagem ilustrativa do programa de transcrição ELAN



Fonte: Quadros (2016, p.20)

Os estudos acerca da escrita das línguas de sinais são crescentes, mas ainda recentes e no Brasil são em grande parte difundidos por meio de registros escritos em língua oficial, sejam artigos científicos, dissertações, livros ou teses. Esse paradigma se modifica à medida em que estudos são divulgados diretamente em Libras.

Nesse sentido, o Inventário Nacional de Libras, o *Corpus* de Libras e a recente publicação da *Gramática da Libras* como *v-book*, sinalizado e disponibilizado publicamente, são avanços que valorizam a Libras. Já a difusão de conhecimentos por

⁴⁵ QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline (2009), p. 17.

⁴⁶ QUADROS, Ronice Müller de et al (2018).

meio da sinalização suplanta a escrita como único meio de fazer ciência, o que nos remete às culturas de tradições orais, como os povos originários de nosso continente.

A inovação da *Gramática da Libras*⁴⁷ é o fato de o principal meio de difusão desta obra ser em Libras. A principal característica e diferencial dessa coletânea investigativa é que pela primeira vez a língua investigada é a mesma da narrativa; a tradução, bem como a versão impressa em português existe, mas é secundária. Dessa forma, o principal marco de tal publicação será linguístico por ser uma publicação que proporciona o estudo gramatical de Libras através da própria língua de sinais.

Há algumas quebras de paradigma ao valorizar e fortalecer o *status* linguístico da Libras. As pesquisas sinalizadas por quem as produziu e disponibilizadas em vídeo *online* possibilitam maior alcance do público sinalizante. Para a viabilização de tal produção acadêmica, hoje instrumento, suporte para consultas e fonte para pesquisas, o avanço tecnológico foi fundamental, assim como os estudos que precederam tal obra.

A fim de salvaguardar tanto as características gesto visuais quanto às especificidades nas marcações do masculino ou feminino nos nomes em Libras, escolhemos os registros em vídeo como instrumento de análise. Contudo, diferente da transcrição do *Corpus* que usa o sistema Elan para a notação dos sinais, optamos pelo sistema de glosas, posto que evidencia a natural ausência de marcação de gênero masculino ou feminino em Libras, objeto de nossa análise.

Apesar de as transcrições não conseguirem registrar todas as características e complexidades de uma língua visual e de serem usados empréstimos de uma língua oral para explicar uma língua sinalizada limitando sua dinamicidade, esse registro apresenta dois aspectos fundamentais. O primeiro é ampliar o acesso ao debate proposto possibilitando às pessoas que desconhecem a escrita de sinais ou mesmo a Libras compreender os exemplos compartilhados. O segundo é o fator preponderante na escolha do sistema da glosa: o uso do arroba na transcrição dos sinais. Esse símbolo evidencia uma característica que se adequa perfeitamente aos nossos estudos.

Pretendemos, assim, através dos exemplos analisados em vídeo, observar características específicas de uma língua gestual e demonstrá-las por meio do registro escrito em glosa para uma maior abrangência da compreensão e análise.

Referência na transcrição da língua de sinais do Brasil, o sistema de glosas foi criado a partir da adaptação de outros dois sistemas anteriormente utilizados para transcrever a *American Sign Language* (ASL), o sistema de notação em palavras usado em várias pesquisas, tais como as de Friedman (1976), Liddell (1978), Klima & Bellugi

⁴⁷ Gramática da Libras. Disponível em <<https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/>>. Acesso em: 02/03/2022.

(1979) e Padden (1983); e o sistema de notação de base locacional' usado por Kegl (1985). Ambos os sistemas registravam a ASL utilizando palavras em inglês.

O sistema de transcrição criado por Tanya Felipe no final da década de 1980 apresenta estratégias e adaptações para suplantar os limites do registro da Libras por meio da escrita em português somado a alguns caracteres especiais a fim de contemplar especificidades da língua. Em 1997, numa das atualizações, foi acrescentado o símbolo '@' para identificar categorias semânticas que, segundo a pesquisadora, "morfologicamente, não têm desinência para gênero e número. [...] ficam na forma neutra, como os advérbios, intensificadores e pronomes indefinidos. Esta forma neutra foi representada pelo símbolo "@", justaposto ao radical do item"⁴⁸.

A transcrição da dinamicidade da Libras em palavras estáticas em língua portuguesa exige adaptações e impõe limites, ao passo que também salienta várias diferenças entre as línguas envolvidas e possibilita reflexões e grandes contribuições. Destacaremos nesta investigação a explicitação das regras de escrita em glosa onde é possível percebermos claramente a inexistência de morfema que marque gramaticalmente o feminino ou masculino.

Apesar de reconhecermos as limitações dos empréstimos linguísticos do português para o registro escrito da Libras, eles foram fundamentais para a publicação de manuais, dicionários e tantas outras pesquisas, especialmente antes dos avanços tecnológicos até as normativas dos atuais registros diretamente gravados em Libras.

Abaixo citamos o sistema de transcrição para Libras em glosas utilizado por Tanya Felipe e outras/os pesquisadoras/es de línguas de sinais. Também é conhecido como sistema de notação linear de palavras, por se tratar da utilização de palavras de uma língua oral-auditiva, neste caso o português, para representar os léxicos de uma língua gesto-visual. Nas palavras da própria autora: "estas convenções foram utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua gestual visual, que é tridimensional"⁴⁹.

Na afirmação acima, a pesquisadora nos apresenta alguns dos limites do sistema de glosas. Dentre as dificuldades, há obstáculos ou mesmo impossibilidades de registro, por se tratar de uma língua cujos signos são produzidos gestualmente e percebidos visualmente de forma não linear, mas tridimensional. Apesar das barreiras impostas pelo registro escrito numa língua distinta, o sistema de glosas nos possibilita apreender algumas das várias especificidades e diferenças entre as línguas.

Para nossa pesquisa, escolhemos esse sistema pela sua aplicabilidade, que possibilita representar a Libras por escrito, tanto para pessoas com conhecimento quanto

⁴⁸ Tanya Felipe (2014, p. 155-188).

⁴⁹ FELIPE, Tanya (1998, p. 111).

para quem desconhece a escrita de sinais. Citamos algumas das convenções utilizadas para a representação da Libras:

1 - Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2 - Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

3 - Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.

4 - A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

5 - O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à Libras por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela soletração ou parte da soletração do sinal em itálico.

6 - Na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) ou amigo(s)", FRI@ "fria(s) ou frio(s)", MUIT@ "muita(s) ou muito(s)", TOD@, "toda(s) ou todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) ou meu(s)";

7 - Os traços não-manuais: as expressões facial e corporal, que são feitas simultaneamente com um sinal, estão representadas acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, que pode ser em relação ao:

a - tipo de frase: interrogativa ou ... i ... , negativa ou ... neg ...

Para simplificação, serão utilizados também, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b- advérbio de modo ou um intensificador: muito; rapidamente; exp.f "espantado";

8 - Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal, veículo), através de classificadores, estão sendo representados com o tipo de classificador em subscrito.

9 - Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a - a variável para o lugar: i = ponto próximo à 1a pessoa,

j = ponto próximo à 2a pessoa,

K e k' = pontos próximos à 3a pessoa,

e = esquerda,

d = direita;

b - as pessoas gramaticais: 1s, 2s, 3s = 1a, 2a e 3a pessoas do singular;

1d, 2d, 3d = 1a, 2a e 3a pessoas do dual;

1p, 2p, 3p = 1a, 2a e 3a pessoas do plural;

10 - Às vezes há uma marca de plural pela repetição ou alongamento do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

11 - Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos

simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).⁵⁰

A não marcação está simbolizada pelo (@), utilizado para representar sinais que não possuem marca para gênero (masculino/feminino) e pode ser usado para todos os sinais de seres animados⁵¹.

Na contramão da transcrição em glosa, muitos dos registros acerca da Libras são escritos em português, onde o masculino é usado como genérico. Dessa maneira, ainda que os sinais de seres animados contemplam quaisquer gêneros e por isso o '@' de fato contempla tal característica, a escrita do português padrão invisibiliza tal percepção.

Para fins de registro desta pesquisa, para além dos caracteres apresentados acima, em especial o '@', utilizamos o travessão *underline* “_” para indicar a interrupção na sinalização ou a irregularidade na prosódia e as reticências “...” para apontar a pouca clareza na datilografia.

3.2 CORPUS DE LIBRAS

Fruto de políticas linguísticas, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) foi instituído pelo Decreto nº 7.387 de 2010 e tem por objetivo identificar, documentar, reconhecer e valorizar as diversas línguas como patrimônio imaterial e cultural brasileiro. Encontra-se, portanto, sob responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Esse mapeamento é composto por 250 línguas de grupos linguísticos minoritários ou comunidades isoladas, tais como indígenas, imigrantes e surdas.

Foi a partir dos critérios estabelecidos no INDL que foi criado o Inventário da Libras. Ambos compartilham o compromisso de atingir os objetivos de identificar, reconhecer, salvaguardar as línguas minoritárias e empoderar suas comunidades. Esse projeto foi subsidiado pelo governo federal através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do IPHAN e de outras parcerias, feitas com o Instituto de Políticas Linguísticas (IPOL), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e a Federação Mundial de Surdos (*World Federation of Deaf - WFD*).

⁵⁰ Vd. FELIPE, Tanya (2006a), p. 22-27.

⁵¹ Em publicação mais recente, a pesquisadora que criou e adaptou os símbolos às necessidades de registro da Libras afirma que "Dada a estrutura morfológica dos sinais da Libras, as *headwords* de LIST não compreenderam nenhum sufixo flexional específico, sendo representados pelas formas do masculino singular, no caso dos substantivos e palavras de natureza substantiva; do masculino singular, no caso dos adjetivos e palavras de natureza adjetiva; e do infinitivo impessoal, no caso dos verbos." Tanya Felipe, (2014, p. 155-188) [p.171]

O envolvimento e a participação direta de associações, organizações e outras entidades surdas foram imprescindíveis na catalogação da Libras realizada entre 2014 e 2018 por pesquisadoras/es da UFSC e do Instituto de Políticas Linguísticas. São produtos do Inventário Nacional de Libras: o formulário sociolinguístico, o mapeamento e o acervo de materiais coletados e disponibilizados que constituem o *Corpus* de Libras, além do livro *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro*⁵², obra na qual nos baseamos e para a qual remetemos.

O *Corpus* é composto pelo registro de situações de usos e atitudes linguísticas cotidianas e faz o levantamento sociolinguístico a partir de uma amostra nacional significativa de 2.352 usuárias/os de Libras, sendo 861 surdas/os e 1.491 ouvintes. Desse modo, constitui um aparato documental que disponibiliza registros abrangentes, consolidados e que possibilita pesquisas por meio do banco de dados e metadados acerca da Libras.

Os registros das falas em Libras foram divididos em duas etapas, a primeira a nível regional, que teve como protótipo o inventário da Grande Florianópolis; e a segunda a nível nacional, realizada com um grupo de 35 pessoas de diversas ocupações e diferentes graus de engajamento nas comunidades surdas identificado como “Surdos de Referência”. Esse grupo, composto por representantes de comunidades locais reconhecidas/os como falantes fluentes e nativas/os da Libras, foi indicado por intermédio da FENEIS e associações.

A coleta de dados da categoria “Surdos de Referência” foi realizada em maio de 2017 em Florianópolis - SC. Os registros foram divididos em três categorias - narrativas, entrevistas e vocabulários - e filmados em estúdio com iluminação, tecnologia e edição profissionais. Esses dados foram disponibilizados na rede seguindo critérios como a aprovação do comitê de ética, anuência, consentimento e legitimação das pessoas que participaram desse trabalho, pois elas integram as comunidades surdas e reconhecem seu valor cultural e linguístico⁵³.

Na categoria das “Narrativas” foram apresentados vídeos com histórias ou cliques não falados, para serem recontados em Libras pela/o participante. Essa categoria é riquíssima para pesquisas acerca de classificadores, no entanto, não atende aos requisitos que nos propomos investigar e por isso não será aqui abordada⁵⁴.

⁵² Vd. QUADROS, Ronice Müller de *et al.* (2018) <<http://corpuslibras.ufsc.br/>>. Acesso em: 27/04/2022.

⁵³ Vd. *Idem.* p.34.

⁵⁴ Na seção “Narrativas” há vídeos com a história do sapo “Onde está você?”, a história do Piteco “Roupa que eu quero”, Charles Chaplin, Tom e Jerry, a História da Pera e do Mister Bean, vd. *Idem* (2018), p. 37-38.

Para as “Entrevistas”, houve um roteiro previamente elaborado com questões cotidianas e respostas livres. O método propicia maior interação e naturalidade na fala das/os entrevistadas/os e possibilitaria análises contextuais que demandariam mais tempo do que esta pesquisa dispõe.

A seção ‘Vocabulário’, por sua vez, dialoga diretamente com o tema proposto nesta investigação, especificamente os sinais relativos a profissões e família. Os vídeos na seção vocabular apresentam pessoas surdas sinalizando itens lexicais do cotidiano agrupados por temáticas. Por se tratar de um ambiente monitorado, certamente há limites, não sendo possível assegurar a total naturalidade, mas nas falas podemos perceber características fundamentais na sinalização da Libras.

Apenas da categoria “Surdos de Referência” estão disponibilizadas 190 horas de interações em Libras, filmadas por quatro câmeras em distintos ângulos para garantir total visualização das sinalizações. São 1152 arquivos de vídeo em cerca de 760 horas de gravações⁵⁵.

Segundo as organizadoras da obra *Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro*, até sua publicação em 2018, foram transcritos por volta de 230.000 sinais. A transcrição foi feita em glosas com a utilização do sistema de escrita ELAN (Eudico - Anotador Linguístico), o que possibilita a busca por verbetes. É importante mencionar que, como o *Corpus* agrupa investigações sobre a Libras já publicadas e receberá contribuições vindouras a fim de manter dados agregados disponibilizados num mesmo sítio, esses números estão em constante atualização.

O *Corpus* compõe o primeiro inventário nacional da Libras, com expressiva representatividade tanto quantitativa, em número de participantes, quanto qualitativa, pela pluralidade das comunidades surdas que o compõem, residentes nas cinco regiões geográficas e com pretensões de expansão para outros estados.

Figura 6: Tela de entrada do portal de Libras



⁵⁵ *Idem*, p. 52.

Fonte: www.libras.ufsc.br
Figura 7: Tela de entrada do *Corpus* de Libras



Fonte: www.libras.ufsc.br

Escolhemos o *Corpus* de Libras por se tratar de uma ferramenta de pesquisa inovadora, de grande qualidade técnica, de domínio público e ainda pouco explorada devido a sua recente publicação com objetivo de alcançar todo o país por meio das crescentes parcerias de docentes e instituições de ensino e pesquisa, que se somam e ampliam os dados ali depositados. Nosso conhecimento em tradução da Libras possibilita o acesso direto à língua sinalizada sem dependência de mediação para compreensão.

Em seguida, levantamos bibliografia e conceitos acerca da formação de sinais, das possibilidades de descrição e registro dos vocábulos, a fim de observar e quantificar as marcas de gênero. Na etapa mais prática, realizamos observação, descrição dos fenômenos propostos na sinalização propriamente dita, registro e análise de vocábulos, ordenando-os em tabelas de acordo com o material de cada informante.

Como abordamos um tema tão amplo quanto diverso e compreendemos a importância de uma representatividade abrangente e plural, gostaríamos de selecionar seguindo critérios de paridade de gênero, variantes linguísticas de todas as regiões do Brasil, diversidade étnico racial, faixa etária e níveis de formação. Contudo, optamos por analisar o total de informantes da categoria selecionada “Surdos de Referência”, utilizando-nos, portanto, da seleção de informantes já estabelecida no *Corpus* de Libras.

A categoria de referência para nossa investigação foi assim denominada por ser composta por pessoas com amplo conhecimento linguístico-cultural indicadas como representantes de diversas comunidades surdas, advindas de localidades e regionalismos dialetais plurais, que abarcam as diferentes maneiras e estratégias para representar os gêneros.

Dito isso, os critérios para escolha de nossas/os informantes são apenas dois: fazer parte da categoria “Surdos de Referência” e ter o vídeo da seção ‘Vocabulário’ disponibilizado.

3.2.1 Informantes de Referência

No *Corpus* de Libras, a categoria ‘Surdos de Referência’ é composta por trinta e cinco entrevistadas/os⁵⁶ que sinalizam em três modelos discursivos: a narrativa, a entrevista e o vocabulário. As gravações realizadas pela equipe de Libras da UFSC somam aproximadamente 760 horas e estão disponíveis no portal <corpuslibras.ufsc.br>. Devido à extensão dos conteúdos, analisar minuciosamente cada minuto não seria factível diante da restrição de tempo imposto à pesquisa.

Desse modo, delimitamos nossa análise à seção ‘Vocabulário’. Do total de vídeos da categoria, analisamos todos aqueles a que tivemos acesso – trinta e três informantes, provenientes de dezesseis estados distintos: 01 do Amazonas, 01 do Amapá, 01 da Bahia, 01 do Ceará, 01 do Distrito Federal, 03 de Minas Gerais, 01 do Mato Grosso do Sul, 01 do Pará, 01 de Pernambuco, 01 do Piauí, 02 do Rio de Janeiro, 04 do Rio Grande do Norte, 02 do Rio Grande do Sul, 09 de Santa Catarina, 01 de Sergipe e 03 de São Paulo.

Como a língua de sinais é atrelada diretamente à imagem de quem a sinaliza, todas as pessoas que participaram das filmagens não apenas aceitaram veicular suas imagens, como também declaram a importância em dar essa visibilidade à Libras e a suas/seus usuárias/os⁵⁷. Assim, na Tabela 2 listamos nominalmente as/os informantes que possibilitaram nossas análises, e em seguida, seus respectivos sinais (figura 8).

⁵⁶ QUADROS, Ronice *et al* (2018), p. 73-82.

⁵⁷ *Idem*, p. 34.

Tabela 2: Surdas/os de Referências

SINALIZANTE	Região
ANA REGINA CAMPELLO	RJ
ANDRE RIBEIRO REICHERT	SC
ANTONIO CAMPOS DE ABREU	MG
DEBORA CAMPOS WANDERLEY	SC
DEONISIO SCHMITT	SC
FERNANDA ARAUJO	SC
FLAVIANE REIS	MG
GABRIEL L. CORDEIRO DO CARMO	AP
GISELLE P. DE MELLO CARVALHO	PA
ILSE MULLER DE QUADROS	RS
JACKSON VALE	AM
JOSE ARNOR DE LIMA JUNIOR	RN
KARIN LILIAN STROBEL	SC
KELLY SAMARA PEREIRA LEMOS	PI
LARISSA REBOUÇAS	SE
MARIANNE ROSSI STUMPF	SC
MARISA DIAS LIMA	MG
MESSIAS RAMOS COSTA	DF
MYRNA SALERNO MONTEIRO	RJ
PATRICIA LUIZA FERREIRA REZENDE	SC
PAULO ROBERTO AMARAL VIEIRA	SP
PRISCILLA LEONNOR A. FERREIRA	BA
RAIMUNDO CLEBER TEIXEIRA COUTO	RN
RIMAR RAMALHO SEGALA	SC
RODRIGO NOGUEIRA MACHADO	CE
SANDRO DOS SANTOS PEREIRA	SP
SEDINA DOS SANTOS J. FERREIRA	RN
SHIRLEY VILHALVA	MT
SIMONE G. DE LIMA DA SILVA	SC
SIMONE PATRICIA SOARES DE SOUZA	RN
SYLVIA LIA	SP
THIAGO RAMOS DE ALBUQUERQUE	PE
TIBIRIÇA VIANNA MAINERI	RS

Fonte: Elaborada pela autora

Figura 8: Apresentação dos sinais pessoais de acordo com a ordem da tabela 2



Fonte: *Corpus* de Libras, Surdas/os de referência

Como dito anteriormente, o método utilizado para a gravação dos vídeos nas três seções do *Corpus* de Libras (Entrevista, Narrativas e Vocabulário) foi interativo com uso de técnica de elicitación:

Ação ou efeito de eliciar, de fazer sair, de expulsar; eliciação.
Obtenção de informações detalhadas sobre o que se pretende fazer.
Estímulo que desencadeia comportamentos típicos.
Ato de provocar uma resposta ou reação em algo ou alguém.⁵⁸

Na seção que nos debruçamos - "Vocabulário" - foram projetadas fichas de elicitación que agrupam vocábulos do mesmo campo semântico, tais como: cores, família, calendário, frutas, verduras, alimentos, bebidas, sentimentos, estados, regiões do país e profissões. Para nossa análise selecionamos dois grupos lexicais com relação direta com o fenômeno em análise: profissionais e membros da família.

Por se tratar de uma sinalização a partir de imagens elucidativas, cada participante as interpretou à sua maneira. Dessa forma, são variáveis tanto a sequência como o quantitativo na exposição dos sinais; por isso, algumas das glosas apresentam detalhes e outras são bem objetivas.

Assim, mensuramos numericamente a produção linguística de cada indivíduo, para então classificarmos as ocorrências, retomando conceitos apresentados de forma teórica. Por fim, agrupamos as/os informantes de acordo com as categorias de marcação de gênero predominantes e analisamos alguns destaques de cada grupo, divididos por sistema de marcação.

No capítulo seguinte analisamos as marcações de gênero feminino e masculino, por meio das sinalizações categorizadas em três sistemas predominantes: não marcação, marcação mista e marcação categórica. Além de algumas outras estratégias para as definições de gênero, apresentamos os resultados de nossas análises por meio de exemplos imagéticos de sinalizantes, tabelas e gráficos.

⁵⁸ Dicionário *online* de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/elicitacao/>>. Acesso em: 13/10/2021.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

Neste capítulo, objetivamos alcançar um ponto de intersecção entre os assuntos previamente discutidos, a sinalização de pessoas cuja surdez é fator cultural e identitário e para quem a Libras é língua predominante. Essas características são fundamentais na delimitação de participantes da categoria de referência, denominados nativos da Libras⁵⁹, ainda que a língua de sinais tenha sido adquirida posteriormente por uma parcela significativa de seus integrantes.

Como já discutido, o léxico da Libras não apresenta marcas morfológicas que explicitem o masculino ou feminino em seres inanimados. Nos seres animados, essa explicitação pode ser usada sob circunstâncias distintas da língua portuguesa.

Problematizamos, a seguir, não apenas os grupos que sinalizam a marcação ou a omitem categoricamente, mas, atentamos, em especial, para as sinalizações mistas. Ao nosso ver, elas podem demonstrar uma maior liberdade de quem sinaliza ao determinar o gênero. Por outro lado, alguns titubeios sugerem uma possível falta de naturalidade ou mesmo indução para a marcação dos gêneros masculino ou feminino nos vocábulos apresentados. Ambas as hipóteses corroboram com nossa observação inicial - a não obrigatoriedade de marcação e a ausência de necessidade desta para a compreensão.

A fim de perscrutarmos a explicitação ou ausência de marcas dos gêneros feminino ou masculino na sinalização de pessoas surdas usuárias da Libras como língua predominante, analisamos a categoria Surdos de Referência presente no já mencionado projeto *Corpus* de Libras dirigido pela UFSC. Nosso universo de análise se detém estritamente sobre dois grupos de sinais apresentados na Seção Vocabulário: os léxicos referentes à Família e os que remetem a Profissões. Por se tratar de seres animados, gramaticalmente é admissível explicitar os gêneros e por se tratar de humanos as ocorrências dessas marcas são mais frequentes.

O total de informantes seria inicialmente trinta e cinco, no entanto, tivemos acesso a trinta e três dos registros em vídeo. Os itens lexicais em análise foram organizados em tabelas individuais, que podem ser consultadas no Apêndice B. Para sistematizar os sinais, nos servimos do sistema de glosas criado por Tanya Felipe (1988), que utiliza palavras em português em caixa alta somadas a símbolos e/ou caracteres especiais para a representação da Libras presentes no tópico 3.1 deste texto.

Para tornar mais concreta nossa argumentação, destacamos alguns sinais, aqui apresentados por meio de imagens capturadas dos vídeos sinalizados, por

⁵⁹ QUADROS, Ronice *et al.* (2018, p. 48).

materializarem nossa discussão sobre marcações de gênero e ainda por ilustrarem inquietações demonstradas nesse mesmo sentido. Antes da análise propriamente dita, fruto das investigações, fazem-se necessários alguns informes gerais acerca das tabelas individuais presentes no Apêndice B, em que consta a transcrição dos sinais.

A fim de categorizar os sistemas de marcação de gênero masculino ou feminino, dividimos o quantitativo total de ocorrências de cada informante em três sistemas predominantes - Não marcação, Marcação Mista e Marcação Categórica (Quadro 4):

Quadro 4: Sistema de Marcação de Gênero (masculino/feminino)	
Não Marcação	Ausência de marcação de gênero em mais de 70% das ocorrências
Marcação Mista	Marcação de gênero em mais de 30% e menos de 70% das ocorrências
Marcação Categórica	Marcação de gênero em mais de 70% das ocorrências

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao classificarmos informantes nessas categorias, nos referimos à análise da produção linguística daquele momento de sinalização, pois as mesmas pessoas em contextos distintos, como em conversas não monitoradas, podem utilizar outras estratégias para identificar ou não diferenciar os gêneros. Em nossa investigação, destacamos as possibilidades eletivas e não impositivas nos usos dos sistemas de marcação de gênero. As ocasiões em que não houve opção ou liberdade de escolha por parte da/o sinalizante, portanto, não se enquadram nesse critério. Dessa forma, as ocorrências foram quantificadas e apresentadas em percentuais e agrupadas de acordo com os quantitativos acima estabelecidos.

Para além dos três sistemas predominantes de marcação de gênero, acrescentamos uma exceção, e a nomeamos como indefinida. Tal solução se dá devido a nossa dificuldade de classificar a sinalização da informante Ilse Quadros. Ainda que nos pareça um caso de não marcação de gênero, devido às incertezas de nossa compreensão limitada por não dominarmos a totalidade dos sinais e gestos utilizados e para não ferirmos preceitos éticos ou analisarmos indevidamente, optamos por classificar como a marcação da sinalizante como indefinida.

A informante Ilse Quadros tem por volta de 82 anos e sua comunicação é primordialmente com sinais caseiros. Ao longo do vídeo, ela apresenta muitas omissões e pouca variedade de sinais. Dentre os sinais que identificamos claramente estão os sinais de homem e mulher:

Figura 9: Sinais “HOMEM” e “MULHER”



Fonte: *Corpus de Libras*.

Um terceiro sinal se assemelha com *irm@* (aos 13'33”), mas pela expressão orofacial e corporal da sinalizante compreendemos uma expressão como “a mesma coisa”. Os sinais em pauta se assemelham: enquanto em *IRM@* os dedos teriam atrito em sentidos opostos, para frente e para trás, no sinal utilizado no sentido de “a mesma coisa”, as mãos se movimentam de encontro uma à outra, como vemos na figura abaixo:

Figura 10: Ilse Quadros sinaliza “MESMA^COISA” e “NÃO^SABER”



Fonte: *Corpus de Libras*.

A gestualidade dessa informante é bastante icônica; em geral, com movimentos curtos e no espaço um pouco abaixo do habitual (próximo à cintura). Já suas expressões faciais e não faciais, como o movimento do tronco e dos ombros, são bastante presentes e auxiliam a comunicação.

Ainda a fim de evitar distorção na classificação do sistema das/os informantes, obtivemos os resultados do total das possibilidades de marcações de gênero de cada sinalizante, sem que as marcas compulsórias fossem contabilizadas. É o caso dos sinais de *MÃE* e de *PAI*, pois ferem a liberdade da escolha em explicitar ou não o feminino ou masculino; para tais sinais, os gêneros estão postos categoricamente.

Nesta seção, iniciamos nossas análises pelo grupo de sinais referente a profissões por haver semelhança nas sinalizações desses itens lexicais – ausência unânime de marcas de gênero. Em seguida, investigamos os sinais referentes às relações familiares,

que apresentam grande variedade na determinação dos gêneros. Assim, classificamos as sinalizações de profissões categoricamente como Não Marcação. Já os sinais de membros da família apresentam-se em três categorias predominantes: Marcação Categórica, Marcação Mista e Não Marcação. A fim de tecer comentários que corroboram na fundamentação de argumentos, selecionamos alguns destaques aos intentos deste estudo.

4.1 PROFISSÕES

Iniciamos a análise por uma categoria que nos surpreendeu por sua regularidade. Os sinais que designam os vocábulos na subseção “Profissional” apresentados na ficha de elicitación foram: PROFESSOR@, DENTISTA, POLICIAL, JUIZ@, INTÉRPRETE, MOTORISTA e MÉDIC@. Percebemos a existência de múltiplas variantes e regionalismos, como nos casos dos sinais de DENTISTA, MÉDIC@, MOTORISTA, POLICIAL e JUIZ@. Por outro lado, percebe-se uma padronização nos sinais de INTÉRPRETE e de PROFESSOR@ e ainda uma unanimidade quanto à ausência na explicitação de gêneros. Ao sinalizar esses vocábulos, assim como escrevemos acima em formato de glosa, não houve nenhuma ocorrência que fizesse referência ao gênero de tais profissionais.

Nosso olhar se direciona a esta regularidade categórica: a ausência de indicação ou marca do masculino ou do feminino, em contraposição às explicações e aos exemplos partilhados por Maria Cristina Silva e Fabíola Sell (2011, p. 33-39), que se referem ao vocábulo de profissões como compostos “verdadeiros”. Essas autoras consideram a ordem dos sinais fixa e a marcação de gênero obrigatória (exceto quando já expressa).

A formação [HOMEM + N] / [MULHER + N] pode ser usada também para cunhar sinais compostos que designam profissões, como mostram os exemplos abaixo:

- a. MULHER^COSTURA [costureira]
- b. HOMEM^FEIRA [feirante]
- c. HOMEM^MANGUEIRA [bombeiro]
- d. HOMEM^DIGITAÇÃO [caixa de banco, de lotérica, etc.]

Silva e Sell diferenciam ainda os compostos “verdadeiros” dos “frasais”, pois estes últimos apresentam ordem variável e não obrigatoriedade de explicitar o gênero. As autoras comparam essa combinação de sinais às locuções e citam exemplos:

- a. HOMEM^CONCERTO^ELETRICIDADE [eletricista]
- b. HOMEM^ELETRICIDADE^CONCERTO [eletricista]
- c. ELETRICIDADE^CONCERTO [eletricista]

Ao observarmos as imagens na ficha de elicitación apresentada às/aos informantes, percebemos que as ilustrações tendem a reforçar um certo estereótipo de

profissionais atrelados aos gêneros. Todas as figuras, exceto o martelo, apresentam personagens com estereótipos feminino ou masculino, tais como a mulher professora, o motorista e o policial homens.

Figura 11: Ficha de elicitación de vocabulário: “Profissional”



Fonte: Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro (2018, p. 39).

É notório que a ficha elicitatória corrobora com o imaginário coletivo quanto ao gênero de profissionais. Conjecturamos se tais imagens somadas aos papéis sociais vinculados aos gêneros das representações profissionais poderiam induzir as decisões linguísticas das/os informantes. Em outras palavras, ainda que a estrutura da Libras não necessite da definição, uma imagem como a ilustrada acima poderia estimular a marcação feminina ou masculina? Talvez, mas vimos que as/os sinalizantes não optaram por explicitá-la.

Resta saber se essa ausência foi causada pelo fato de o gênero de cada profissional já estar subentendido e/ou simplesmente por estratégia de economia linguística, que preza pela compreensão da informação de forma sucinta ou com o menor quantitativo de elementos eletivos. Para apurarmos as possíveis motivações da ausência unânime de marcação nessa categoria seria necessário o uso de outras imagens e estratégias metodológicas que ultrapassam os limites de nosso escopo.

O que percebemos nos sinais de profissões foi a composição frasal bastante presente, como nos exemplos abaixo sinalizados respectivamente por Marianne Stumpf, Karin Strobel e Andre Reichert: MOTORIST@, JUIZ@ e JUIZ@. Nesses itens lexicais

houve a junção de dois sinais para explicitar um significado – MOTORISTA^DIRIGIR, ADVOGAD@^MARTELO e MARTELO^JUSTIÇA⁶⁰.

Figura 12 (a,b,c): Sinais de “MOTORISTA^DIRIGIR”, “ADVOGAD@^MARTELO” e “MARTELO^JUSTIÇA”.



Fonte: Corpus de Libras.

Ao compararmos essa categoria de vocábulo profissional com outra, a de relações familiares que veremos em seguida, a reflexão acerca da unanimidade na não marcação de masculino ou feminino ganha outras nuances. Afinal, o que motivou um quantitativo tão expressivo de informantes a marcarem o gênero de entes familiares e não de profissionais? Essa indagação continua sem resposta.

⁶⁰ Observamos ainda que mudar a ordem dos sinais não alteraria seus significados: DIRIGIR^MOTORISTA, JUSTIÇA^MARTELO ou MARTELO^ADVOGAD@.

Figura 13: Participantes da categoria Surdos de Referência sinalizando algumas variantes ou sinônimos do item lexical 'Profissional'



Fonte: *Corpus de Libras*.

4.2 RELAÇÕES FAMILIARES

Curiosamente, ao analisarmos o mesmo grupo de pessoas que sinalizaram profissionais sem qualquer indicação de gênero masculino ou feminino, nos deparamos com uma situação bastante diversa no que tange aos sinais de família. Houve gradações, desde quem não designa os gêneros até quem os expressa categoricamente. Assim, subdividimos nossas/os informantes em três Sistemas de Marcação predominantes: Marcação Categórica; Marcação Mista; Não-marcação.

Figura 14: Ficha de elicitación de vocabulário: “Família”



Fonte: Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro (2018, p. 38).

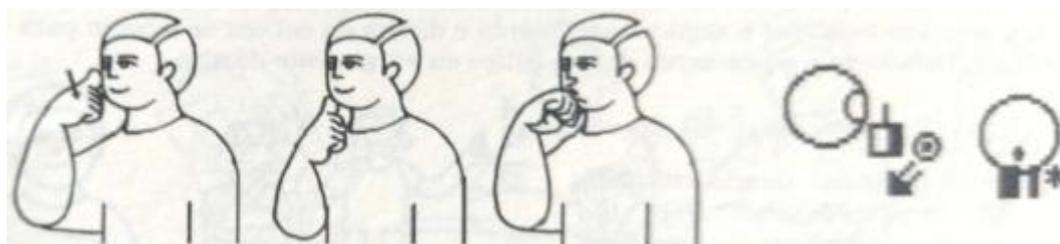
Nesta seção, apareceram os seguintes sinais, para citar alguns: BISAV@, AV@, MÃE, PAI, CASAD@S, FILH@, PRIM@, IRM@, CUNHAD@, TI@, NET@, SOBRINH@, MA/PADRINH@. No recorte de nossa investigação, na seção vocabular, dentre os sinais que abrangem entes familiares, os de MÃE e PAI foram os que apresentaram maior diversidade dentre as/os informantes Surdos de Referência.

Por apresentar múltiplas variações linguísticas, ser classificado em mais de um tipo de marcação e demandar maior atenção às especificidades, os itens lexicais “mãe” e “pai” requerem uma investigação sob múltiplas perspectivas. Como nosso objeto de

investigação é amplo não temos a pretensão de explorar os mais diversos vieses⁶¹ que perpassam esses sinais.

Em nosso estudo, almejamos apontar para essa sinalização tão plural e abundante ainda pouco explorada. Para exemplificar, partilhamos os verbetes MÃE e PAI, com descrição e conceitos das variantes inseridas no *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* (2009) e no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil* (2017)⁶²

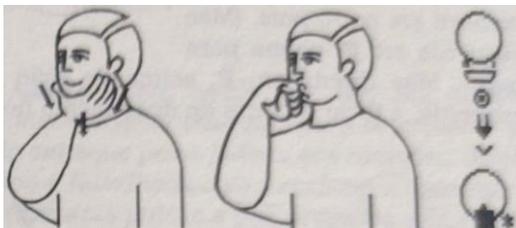
Figura 15: Mãe (1)



Mãe (1) (Figura 15) Progenitora. Mulher, ou fêmea animal, que deu à luz um ou mais filhos. Relação de parentesco de uma mulher para com os seus filhos. Mulher: mão horizontal fechada, palma para a esquerda, polegar distendido. Passar o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo. Então, fechar a mão, palma para baixo e beijar seu dorso.

Fonte: Capovilla *et al*, 2009, p. 1429

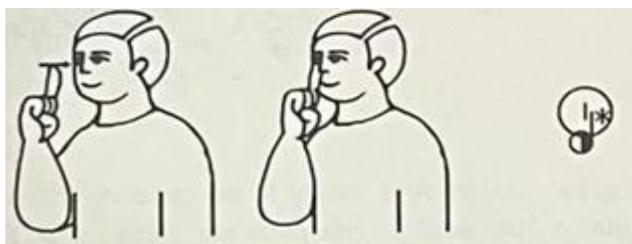
Figura 16: Mãe (2)



Mãe (2) (Figura 16) Mão fechada, palma para baixo, próxima à boca. Beijar o dorso da mão.

Fonte: Capovilla *et al*, 2009, p. 1430

Figura 17: Mãe (3)



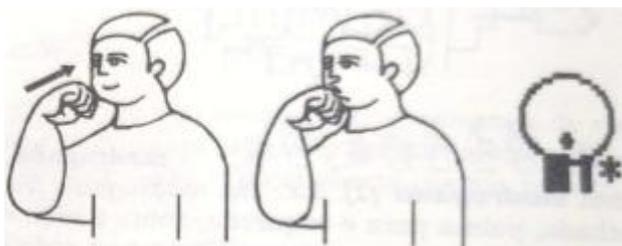
Mãe (3) (Figura 17) Mão em D, palma para a esquerda. Tocar a ponta do indicador, na lateral do nariz.

Fonte: Capovilla *et al*, 2017, p. 1738

⁶¹ Etimologia, diacronia e sincronia de variantes regionais e de cunho intrafamiliar (denominadas de sinais caseiros) - que abrangem um universo de variantes não catalogadas.

⁶² Capovilla *et al*, 2009 (p. 1429, 1430 e 1657) apresenta as figuras: Mãe (1-2) e Pai (1-3). Na edição de 2017 do Dicionário (p. 1738 e 2070), houve o acréscimo de duas variantes dos sinais em questão: mãe (3) e pai (4). Contudo, os conceitos de menor valorização ao feminino continuam presentes.

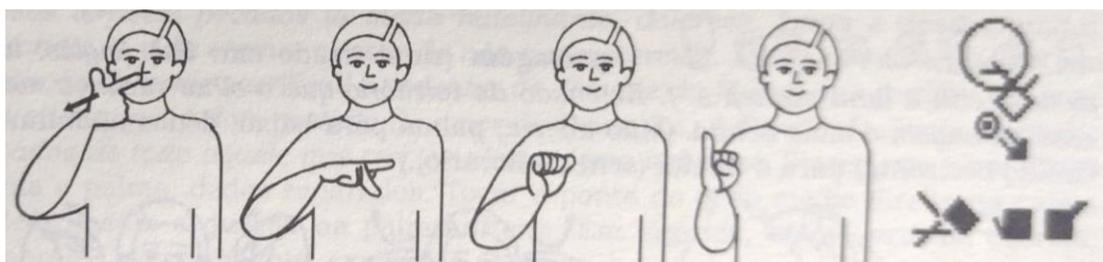
Figura 18: Pai (1)



Pai (1) (Figura 18) Homem responsável pela geração de um ou mais filhos, em relação a estes. Genitor. Homem colocado no primeiro grau da linha ascendente de parentesco. Homem, ponta dos dedos. Em seguida, beijar o dorso da mão direita fechada.

Fonte: Capovilla *et al*, 2009, p. 1657

Figura 19: Pai (2)



Pai (2) (Figura 19) Mão direita em L horizontal, palma para trás. Passar o indicador acima do lábio superior e então, soletrar P, A, I.

Fonte: Capovilla *et al*, 2009, p. 1657

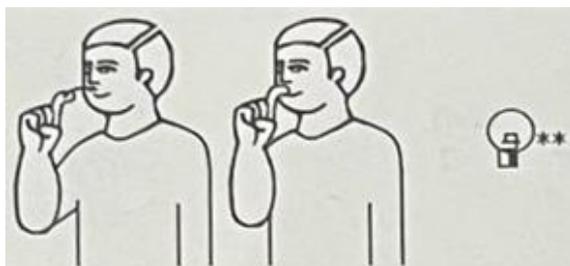
Figura 20: Pai (3)



Pai (3) (Figura 20) Mão direita em P vertical, palma para a esquerda, ponta do dedo médio tocando próximo ao canto da boca. Mover ligeiramente a mão para direita, soletrando I.

Fonte: Capovilla *et al*, 2009, p. 1657

Figura 21: Pai (4)



Pai (4) Mão em 1, dedo indicador curvado, palma para esquerda. Tocar a lateral do indicador, na parte superior da boca, duas vezes.

Fonte: Capovilla *et al*, 2017, p.2070

Antes de aprofundarmos a investigação dos sinais apresentados, é de fundamental importância levantarmos um olhar crítico aos conceitos sexistas citados. Como podemos observar, difere significativamente o que é atrelado ao feminino ou ao masculino. Ao compararmos as definições de Mãe (1) e Pai (1), percebemos uma diferença abismal. Enquanto a mãe é referida como “Progenitora. Mulher ou fêmea animal, que deu à luz um ou mais filhos. Relação de parentesco de uma mulher para com os seus filhos” Capovilla *et al*, 2009, p. 1429, o pai é tido por “Homem responsável pela

geração de um ou mais filhos, em relação a estes. Genitor. Homem colocado no primeiro grau da linha ascendente de parentesco”. Capovilla *et al*, 2009, p. 1657. Essas breves citações revelam a valorização de um conceito em detrimento do outro.

De acordo com a edição do dicionário (Capovilla *et al*, 2017), o verbete representado na figura Mãe (1) é usado em: AL, BA, CE, DF, MA, MG, MS, PB, PE, PI, PR, RJ, RN, SC, SE e SP. Em nosso *Corpus*, a primeira variante de Mãe é indubitavelmente a mais utilizada pelas/os informantes e é categoricamente marcada no feminino.

Nas composições de Mãe (1) e Pai (1) o “beijar o dorso da mão” é elemento comum a ambos, como vemos em MULHER^BEIJO-NA-MÃO = MÃE; HOMEM^BEIJO-NA-MÃO = PAI. Já a variante de número (2) apresentada no dicionário não determina explicitamente qualquer gênero, o sinal se refere a “beijar o dorso da mão”. Em nossa pesquisa, não identificamos ocorrência do sinal Mãe (2). Indagamos o porquê de o beijo na mão sem explicitar o gênero estar presente apenas na catalogação do verbete feminino, mas não do masculino.

O sinal de Mãe (3) é usado no Rio Grande do Sul, onde o de Mãe (1) também é utilizado. No *Corpus* de Libras percebemos o uso de Mãe (3) não apenas nesse estado, cuja variante é exemplificada por Tibiriçá Maineri, mas também em Santa Catarina, por Patrícia Rezende.

De acordo com o dicionário, o verbete representado na figura Pai (1) é usado nos seguintes estados: BA, CE, DF, MG, MS, PR, RJ, SC e SP. Em São Paulo é comum tanto Pai (1) quanto Pai (2). Já o verbete Pai (3) é tipicamente do CE, DF e SC, onde também utilizam a primeira variante.

Para além das variantes apresentadas e dos estados mencionados nessa obra enciclopédica, percebemos que os sinais Pai (1) e Pai (3) são os mais utilizados entre as/os informantes de nossa pesquisa. Do total de sinalizantes observados, ao menos doze utilizaram o primeiro sinal, abrangendo, para além dos estados já catalogados no dicionário supracitado, os estados de MT, PE, PI, SC, SE e RN. Como podemos perceber, esse sinal é difundido em boa parte do território nacional.

A terceira variante também foi bastante frequente. Utilizada por dez informantes, provenientes dos estados MG, SC e RJ, para além dos já mencionados CE e DF, ora soletrada como P-A-I e ora soletrada como P-I.

Dos três sinais apresentados nesse dicionário, o de número (2) teve o menor uso entre as/os informantes. Foram apresentadas outras variantes menos conhecidas, como por exemplo os sinais de Mãe (3) e Pai (4) (Figura 22) da edição mais recente do *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil* e igualmente presentes no *Corpus* em análise.

Figura 22: MÃE (3) e PAI (2)



Fonte: *Corpus de Libras*.

As variantes tanto para “mãe” quanto para “pai” utilizadas por Patrícia Rezende, de Santa Catarina, como podemos ver na figura 22, são semelhantes às de Mãe (3) e de Pai (2), mas sem a soletração; ambos os sinais apresentam características icônicas. Capovilla *et al* (2017, p. 1738 e 2070) afirmam que a locação do dedo ao lado do nariz faz alusão à pronúncia nasal apreendida em fonoterapia. Já o sinal Pai (2) faz clara referência ao bigode.

Patrícia Rezende, aos 09’29” do vídeo ‘Vocabulário’, afirma que, às vezes, se confunde nas variações, pois a maior parte da comunidade usa o sinal MULHER^BEIJONA-MÃO, como em Mãe (1). Em relação ao sinal de ‘Pai’, ela usa tanto a segunda quanto a terceira variante.

Além dos sinais já registrados, abaixo vemos outros dois exemplos que Paulo Vieira nos apresentou, para além de Mãe (1) e Pai (4) – um quarto sinal para MÃE e um quinto para PAI. Diferente das demais variantes, Mãe (4) e Pai (5) foram sinalizadas apenas por esse informante⁶³.

Figura 23: MÃE (4): Mão em ‘B’, toca levemente a bochecha



Fonte: *Corpus de Libras*

Figura 24: PAI (5): Mão em ‘1’, indicador no pescoço



Fonte: *Corpus de Libras*

⁶³ Os sinais de MÃE (4) e PAI (5), significam respectivamente LEGAL e SUJ@, na variante de Recife - PE.

Uma quinta variante para “mãe” encontrada no *Corpus* foi a soletração⁶⁴. Dentre as/os informantes que a utilizam encontra-se Rodrigo Machado aos 7’52”. Assim como as duas variantes apresentadas por Paulo não estão catalogadas, a variante partilhada por Rodrigo Machado tampouco está nos dicionários supracitados.

Figura 25: MÃE (5): Soletração M-A-E



Fonte: *Corpus* de Libras.

Compreendemos que as marcas de gênero, em sua maioria substancial, estão presente nos sinais de “mãe” e “pai”. O que os diferencia é a composição, a datilologia ou as referências icônicas. Não encontramos nenhum sinal que abarque ambos os gêneros⁶⁵. As menções ao par “mãe” e “pai” foram em geral representadas como uma aglutinação dos sinais, como em MULHER^HOMEM^BEIJO-NA-MÃO ou a soletração M-A-E^P-AI = mãe e pai, conforme sinalizado por Rodrigo Machado aos 7’52” - Figura 26 (a) e (b).

Figura 26 (a): MULHER^HOMEM^BEIJO-NA-MÃO = mãe e pai



Fonte: *Corpus* de Libras.

⁶⁴ As pesquisadoras Silva e Sell classificam os sinais MÃE (2) e PAI (3) como compostos aparentes formados por processo morfológico não produtivo, a lexicalização (2011, p. 34).

⁶⁵ Não há sobreposição ou generalização masculina como no português (“pais”). O plural de ‘Pai’ em Libras significa dois pais e o plural de ‘Mãe’, duas mães.

Figura 26 (b). M-A-E^P-AI = mãe e pai



Fonte: *Corpus* de Libras.

Na seção vocabular da categoria Surdos de Referência do *Corpus* investigado, foi mais frequente o uso da variante Mãe (1) em detrimento das demais. Já para as variações predominantes do vocábulo masculino em tela, foi bastante usada a datilologia P-A-I ou P-I (3) e a variante de número (1), para além das poucas ocorrências com referências a características icônicas (2 e 4), como os exemplos partilhados de Patrícia Rezende e Paulo Vieira.

Por fim, ressaltamos que os números expressos não são exatos, pois, em várias ocasiões, a mesma pessoa utilizou mais de uma variante. Nesta investigação, a fim de evitar sobreposição de informações, os sinais em questão permanecem nas tabelas, mas não serão contabilizados para fins de classificação do sistema de marcação predominante.

4.2.1 Sistema de Marcação Categórica

O Sistema de Marcação Categórica, como supúnhamos, foi o menos utilizado pelas/os sinalizantes da categoria Surdos de Referência, representando apenas 15% do total de informantes que tiveram sua produção linguística analisada. Apenas cinco, portanto, optaram por marcar os gêneros masculino ou feminino em mais de 70% das ocorrências: Deonísio Schmitt (100%), Giselle P. de Mello Carvalho (81%), Paulo Roberto Amaral Vieira (76%), Priscilla Leonnor A. Ferreira (93%) e Thiago Ramos de Albuquerque (76%). A proveniência de tais sinalizantes é absolutamente heterogênea, respectivamente oriunda/os de Santa Catarina, Pará, São Paulo, Bahia e Pernambuco.

Importa ressaltar o elemento de hesitação presente em mais de uma dessas sinalizações de marcação categórica na Seção Vocabulário referente às relações familiares. Vejamos a sinalização de Giselle Carvalho, por exemplo. Além disso, não tivemos, nesta seção, elementos suficientes para identificarmos casos de dêixis, retomadas ou anáforas. Assim, o sistema de marcação de gênero de nossa informante é a predominância de marcação de gênero com prefixo mais o sinal base. De um total de 23 itens lexicais apresentados, apenas dois exigem marcação e, outros dois, a informante não marcou a

princípio, mas demonstrou certa insegurança e, posteriormente, marcou conforme seu padrão dominante, a afixação por prefixação. Logo, foram 21 nomes passíveis ou não à marcação, dos quais 19 foram marcados.

É interessante perceber que Giselle Carvalho demonstra por vezes estar pensativa ao longo da sinalização, em especial antes de fazer as primeiras marcações de masculino ou feminino. Destacam-se dois casos, em que um gênero é imediatamente seguido ao outro, havendo assim o que nomeamos de indeterminação de gênero: MULHER^HOMEM^SEGUND@ e HOMEM^MULHER^IRM@. As duas ocorrências em que ela optou por não marcar gênero, ao sinalizar FILH@_ e SOBRINH@^, também apresentam uma característica comum com os demais léxicos já mencionados – a informante se mostrou reflexiva ao mencionar ‘filha/o’⁶⁶ e titubeante após o sinal de ‘sobrinha/o’.

Compreendemos que expressar ambos os gêneros sequencialmente é uma forma de não determinar o gênero e ainda de destacar que o sinal é semelhante tanto para o masculino quanto para o feminino. Essa dupla marcação, ao mesmo tempo que indetermina o gênero do referente, pode também apontar para uma outra percepção quanto aos gêneros para além do dualismo convencional⁶⁷.

Percebemos certa hesitação também por parte de Paulo Vieira nos léxicos neta/o, filha/o, avó/ô e outros. Houve uma desaceleração na prosódia e uma pausa entre o sinal base e a marcação de gênero, como nos exemplos VOV@_ ^MULHER, FILH@_ ^HOMEM e TI@_ ^HOMEM.

Priscilla Ferreira, por sua vez, ao sinalizar FILH@, após uma breve pausa aos 7’41” acrescentou ‘MULHER’, adjetivando o nome ‘FILH@’. Sua Expressão não Manual (ENM) e prosódia nos leva à compreensão de um acréscimo de informação e não uma composição com marca de gênero. De forma semelhante, sinaliza NET@ ^MULHER, mas titubeia na marcação – em 8’01” faz uma expressão em busca de aprovação ou concordância (‘né?’). A informante, outrossim, ao sinalizar HOMEM^SEGUND@ faz uma autocorreção para VOV@^SEGUND@.

⁶⁶ Utilizamos o travessão *underline* _ para indicar momentos de pausa ou interrupção da fluidez dos sinais.

⁶⁷ Os casos em que não há marca alguma de gênero apontam para uma abrangência mais plural, que inclui outros gêneros existentes, como as pessoas não binárias, por exemplo.

4.2.2 Sistema de Marcação Mista

Determinamos que a escolha pela marcação de gênero em percentual compreendido entre 30% e 70% das ocorrências classificaria a/o sinalizante no Sistema de Marcação Mista. Do total de 33 casos analisados 13 se enquadram nessa categoria, perfazendo 39,4% dos Surdos de Referência investigados: Andre Ribeiro Reichert (37%), Flaviane Reis (65%), Gabriel L. Cordeiro do Carmo (39%), Jackson Vale (43%), Karin Lilian Strobel (55%), Kelly Samara Pereira Lemos (67%), Marianne Rossi Stumpf (50%), Marisa Dias Lima (47%), Messias Ramos Costa (55%), Raimundo Cleber Teixeira Couto (65%), Rodrigo Nogueira Machado (39%), Simone G. de Lima da Silva (35%) e Simone Patrícia Soares de Souza (40%).

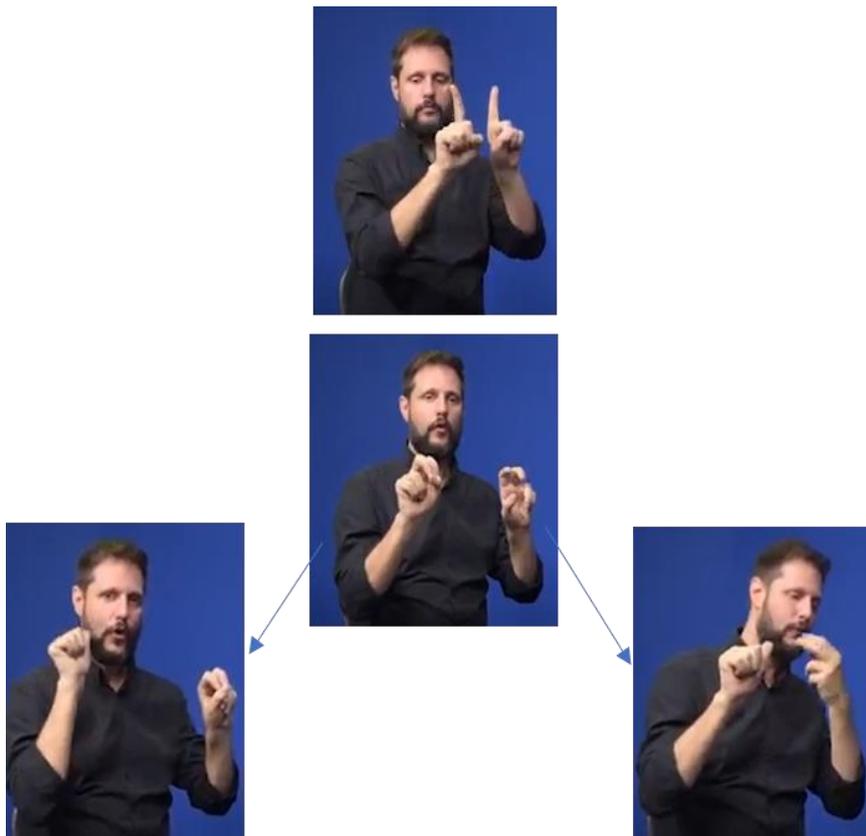
Há representantes de todas as regiões do Brasil: 02 da Região Norte (01 do Amapá e 01 do Amazonas); 04 da Região Nordeste (01 do Piauí, 02 do Rio Grande do Norte e 01 do Ceará); 01 da Região Centro-Oeste, do Distrito Federal; 02 da Região Sudoeste, ambas de Minas Gerais; e 04 da Região Sul, todas de Santa Catarina.

Nesse sistema de marcação houve um uso significativo de marcas de gênero. A maioria das marcações ocorreram por meio do acréscimo do sinal MULHER ou HOMEM ante ou posposto ao sinal base. Contudo, tal fenômeno se deu não apenas como composição de sinais, mas também para acrescentar uma nova informação, especificação ou adjetivação. Foi o caso do informante Andre Reichert, que fez uso do espaço gramatical e da apontação dêitica para identificar os gêneros. Esquematizamos com imagens como ele localiza no espaço os sinais de avós e posteriormente ele retoma e acrescenta uma nova informação, os gêneros de seus referentes.

Ao descrevermos a sinalização da Figura 29, percebemos que no primeiro quadro há um classificador que representa duas pessoas, lado a lado. Em seguida, os sinais de VOV@ e VOV@. As setas, demonstram uma sequência em que os referentes foram retomados e pelo movimento do tronco foi acrescentada uma nova informação, seus respectivos gêneros.

A disposição da sequência das imagens representa visualmente esse esquema gesto-espacial apresentado por Andre. Como vemos, ele optou em acrescentar uma informação a sentença, apesar de não essencial na compreensão, ela pode ser útil em especial quando versamos da Libras para uma língua de gênero, como é o caso do português.

Figura 29: Sinais VOV@ e VOV@



Fonte: *Corpus de Libras*.

Alguns elementos perceptíveis em informantes cujo sistema de marcação de gênero foi classificado como categórico ocorre semelhantemente em sinalizantes desta categoria de Marcação Mista, ora analisada. Gabriel L. Cordeiro do Carmo (Figura 30) oferece um exemplo de sinalização com autocorreções.

Figura 30 (a): Sinal DESCULPA



Gabriel do Carmo inicia sua sinalização com os sinais de BISAV@, BISAV@, sem marcas de gênero.

Em seguida, ao olhar para a tela [ficha elicitatória] desculpa-se e reinicia a sinalização.



Figura 30 (c): Gabriel sinaliza avó/avô.

Figura 30 (b): Sinalização

→ BISAV@^HOMEM^MULHER

Na Figura 30 (c), entre 07min33seg e 07min44seg percebemos várias ocorrências de expressões faciais que demonstram autocorreção.



Apesar do aparente esforço para manter a concentração nas marcações, o informante comete deslizos simples, transparece nervosismo ou falta de naturalidade na sinalização naquele contexto. Compreendemos que Gabriel do Carmo apesar de marcar os gêneros dos entes apresentados não o fez de forma fluida. Tais marcas de gênero parecem excessivamente monitoradas e não espontâneas, posto que cometeu erros e os corrigiu repetidas vezes. No recorte da seção de vocabulário em questão, a categoria do sinalizante seria de um sistema misto, mas, para classificarmos com segurança a predominância de marcação, se faz necessário um olhar atento a sua sinalização contextualizada, como num diálogo.

Jackson Vale, semelhantemente, apresenta uma prosódia com interrupções e autocorreções. O informante frequentemente marca o masculino e o feminino, tanto antes quanto após o sinal base. Contudo, observamos pausas frequentes, como nos exemplos a seguir: FILH@_M'^HOMEM, FILH@_H'^MULHER, IRM@^MULHER^HOMEM e MULHER^HOMEM^IRM@.

Figura 31: Jackson sinaliza “desculpa” ao se confundir ou interromper a fluidez em sua sequência de sinais, pausa representada pelo caractere *underline* _.



Fonte: [Corpus](#) de Libras.

Na contracorrente das hesitações quanto à marcação de gênero, temos alguns posicionamentos assertivos, como a afirmação de Marianne Stumpf ilustrada abaixo (Figura 32):

Figura 32: PRIM@^MULHER^HOMEM^UM@-OU-OUTR@ (07'30-31'')



Fonte: *Corpus de Libras*.

Ao final da sequência dos itens lexicais de família o sinal de “neta/o” foi apresentado por Kelly Lemos com três possibilidades de marcação: o empréstimo linguístico total, por meio da soletração N-E-T-O; uma marcação que mostra a possibilidade de uso para ambos os gêneros – NET@^MULHER^HOMEM; e ainda a forma base, não marcada, ‘NET@’.

Karin Strobel, também em resposta à solicitação da entrevistadora na última sinalização, nesse caso, C-U-N-H-A-D-O e não N-E-T-O, sinalizou de forma diferente da de Stumpf, marcando MULHER^CUNHAD@ e HOMEM^CUNHAD@.

Assim como Marianne Stumpf, Marisa Lima é forte representante do Sistema de Marcação Mista levando em consideração o aspecto quantitativo, com marcações de gênero respectivamente em 50% e 47% das ocorrências. A sinalização de Marisa, como o próprio nome da categoria afirma, no que tange à marcação de gênero é mista e plural. Mista, por demonstrar relativo equilíbrio entre os usos dos gêneros marcados e não marcados; plural, por fazer uso das composições do sinal base acrescido do sinal designativo tanto anteposto quanto posposto ao nome.

Cabe ainda mencionar, a título de curiosidade, que Raimundo Couto nomeou a seção Relações Familiares de [HOMEM^ ^MULHER ^FAMÍLIA]. Tradicionalmente, o senso comum imagina uma unidade familiar composta por mulheres e homens, como podemos ver em algumas sinalizações que apresentam toda uma hierarquia com vários casais, tais como bisavós, avós, mãe e pai, tia e tio e assim sucessivamente.

Por outro lado, em oposição à essa concepção limitante, coloca-se Flaviane Reis quando, na seção Entrevista (22min57seg), utiliza o sinal composto MULHER^ESPOS@, mas em seguida refere-se a FILH@ DEL@ sem qualquer marcação. Essa marca do feminino e ausência para um outro nome nos provoca uma inquietação: se o senso comum deduz que as famílias são heterossexuais, qual a motivação em Libras de referenciar os gêneros? A sentença estaria incompleta pela não determinação do gênero em ESPOS@ ou a informante optou por marcar a fim de visibilizar uma relação homoafetiva?

4.2.3 Sistema de Não Marcação

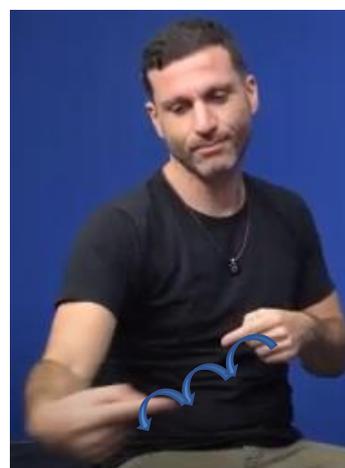
O Sistema de Não Marcação de gênero foi o predominante na categoria Surdos de Referência por nós analisada, correspondendo a 42,4% do total. Catorze dos trinta e três informantes, portanto, optaram por não marcar o gênero em mais de 70% das ocorrências: Ana Regina Campello (83%), Antônio Campos de Abreu (94%), Débora Campos Wanderley (78%), Fernanda Araujo (82%), José Arnor de Lima Junior (87%), Larissa Rebouças (73%), Myrna Salerno Monteiro (74%), Patrícia Luiza Ferreira Rezende (78%), Rimar Ramalho Segala (100%), Sandro dos Santos Pereira (75%), Sédina dos Santos J. Ferreira (71%), Shirley Vilhalva (100%), Sylvia Lia (100%) e Tibiriçá Vianna Maineri (94%).

As/Os sinalizantes estão assim divididas/os geograficamente: 03 da Região Nordeste, sendo duas pessoas do Rio Grande do Norte e uma de Sergipe; 01 da Região Centro-Oeste, do Mato Grosso; 05 da Região Sudeste, sendo duas do Rio de Janeiro, duas de São Paulo e uma de Minas Gerais; e 05 da Região Sul, quatro delas de Santa Catarina e uma do Rio Grande do Sul.

Três informantes, cabe destacar, optaram por não marcar gênero em 100% dos casos. Um deles é Rimar Segala, cuja trajetória familiar vem sendo contada pelas mãos de seus antecessores há quatro gerações. Por ter crescido num ambiente predominantemente de pessoas surdas a comunicação visual gestual era e ainda é o principal meio natural de interação e comunicação, sendo assim um ambiente linguístico propício para admirarmos as várias nuances e especificidades linguísticas de quem conheceu o mundo pré e pós-linguístico por meio da Libras.

Percebe-se uma sinalização translúcida e prosódia fluida. Segala escolhe sinais autoexplicativos, tais como B-I-S-A^V@^PASSADO e usa estratégias gramaticais para marcar o plural, apontar referentes e retomar sem ocorrências de designação de gênero, exceto a datilologia dos sinais M-Ã-E e P-AI.

Figura 33: Apontação dêitica – plural:
IRM@^VÁRI@; SOBRINH@^VÁRI@



Fonte: *Corpus* de Libras.

Shirley Vilhalva, num total de ao menos 15 das possibilidades de designar os gêneros de familiares, optou por não marcar nenhuma vez. Houve ainda uma economia na repetição de alguns sinais. A informante evitou repetir os sinais, posto que seriam os mesmos tanto num gênero quanto no outro, como nos casos de FILH@, TI@, PRIM@, FILH@, IRM@, SOBRINH@. Apenas foram marcados os nomes MÃE e PAI. Com as respostas bem objetivas, não identificamos casos de marcas contextuais. Assim, o sistema predominante dessa sinalizante é a de inexistência de marcação de gênero, exceto os invariáveis itens lexicais de MÃE e PAI, cuja explicitação é compulsória.

Ressaltados esses casos de abstenção na marcação de gênero em 100% das ocorrências, passemos a outros, também interessantes aos propósitos aqui investigados. Ana Regina Campello, por exemplo, é usuária da variante de Libras do Rio de Janeiro, em que é bastante comum utilizar a soletração. A informante sinaliza M-Ã-E e P-A-I⁶⁸ soletrando e para o sinal de “cunhado” houve a composição do sinal base “CUNHAD@” somado à soletração no masculino: CUNHAD@^D-O, um dos tipos de justaposição. Uma curiosidade é que, algumas vezes, a entrevistada não faz marcação de gênero sinalizando, mas, ao observar o movimento de seus lábios nos parece fazer referência ao “o” no final de algumas palavras, como nos casos de “irmão”, “filho” e “primo” no masculino e singular.

Essa característica da oralidade é perceptível em outras/os sinalizantes. Coincidentemente, Myrna Monteiro também é do Rio de Janeiro e apresenta semelhanças na oralidade ao final de algumas palavras, como em NET@. Apesar de não haver marcação de gênero no sinal, o movimento labial remete ao masculino. Seria uma característica regional, resquícios de um longo período de oralização ou ainda o que alguns estudos em ASL denominam de *mouthing* - morfema que faz parte da gramática não manual da língua estadunidense de sinais e acrescenta informação descritiva ao sinal⁶⁹.

Num total de, ao menos, 42 possibilidades da informante Ana Regina Campello, os gêneros foram marcados minoritariamente, em “cunhado” e nos usos compulsórios de “mãe” e “pai”. A única marcação duplicada pré e pós-fixada acontece na sinalização de MULHER^TI@^MULHER. O sistema utilizado nas outras duas ocorrências foi o sinal base + gênero pós-fixado – FILH@^HOMEM e FILH@^MULHER.

Mesmo nos casos de apontação dêitica, retomadas e anáforas utilizadas pela informante, as marcas não são recuperáveis para quem não conhece os referentes, como é o caso da sentença AQUEL@ TRÊS PRIM@. Assim, a categoria de Ana Regina Campello é

⁶⁸ Vd. SILVA, Maria Cristina Figueiredo; SELL, Fabíola S. (2009).

⁶⁹ “Mouth movement or *mouthing* is part of non-manual grammar in sign language. When a mouth morpheme is used, it conveys an adjective, adverb, or another descriptive meaning in association with an ASL word.” Vd. LAPIAK, Jolanta. Hand Speak ASL Dictionary. Disponível em: <<https://www.handspeak.com/learn/index.php?id=95>>. Acesso em: 12/06/2022.

predominantemente o sistema de não marcação de gênero, tendo em vista que houve marcação em seis ocorrências, das quais duas não são optativas e duas foram adicionadas como uma informação a mais, adjetivando FILH@ e não como uma composição para marcar o gênero. Compreendemos, portanto, que apenas um dos signos foi marcado no masculino: CUNHA-D-O (duas ocorrências), optativamente ou por variante linguística mais frequente no Rio de Janeiro. Ao quantificarmos, os nomes não marcados somam 37, ante as duas ocorrências de marca. Logo, percebemos quase a totalidade no sistema de gênero não marcado.

Antonio Campos de Abreu, ao iniciar o vocabulário, intitula a subseção referente à família de FAMÍLIA GENEALOGIA e sinaliza categoricamente sem referenciar quaisquer gêneros. Para além da variante que usa para o léxico MÃE, com marcação categórica, nosso informante optou em marcar uma só vez MULHER^AV@. Ao final, quando perguntado pela entrevistadora qual seria o sinal de N-E-T-O, ele observa a ficha e sinaliza MULHER^AV@^NET@ e SOBRINH@^NET@.

Assim como no caso de Ana Regina Campello, num total de, ao menos, 18 das possibilidades de designar entes familiares, Antonio de Abreu optou majoritariamente por não marcar os gêneros e houve pouca repetição de sinais semelhantes. O sinalizante marcou os gêneros sequencialmente no sinal HOMEM^MULHER^FILH@, sem a repetição da base, demonstrando o uso para ambos os gêneros.

Com respostas sucintas, Abreu fez uso da dêixis para organizar sua sinalização no espaço, como uma árvore genealógica. Ademais, sinalizou VOV@^PASSADO-@S^DOIS aos 04'47-48" (Figura 34). A configuração de mão em V no dorso da mão com significado de @S^DOIS reforça a ideia da indeterminação ou o uso dos mesmos sinais para qualquer gênero:

Figura 34: VOV@^PASSADO-@S^DOIS



Fonte: Corpus de Libras.

É interessante observar que Débora Campos Wanderley, ao sinalizar membros da árvore genealógica, demonstra uma certa inquietação ao afirmar repetidas vezes, por meio de sinais e expressões não manuais (ENM), que o sinal é o mesmo tanto para o feminino quanto para o masculino. Noutros momentos, ela marca seguidamente ambos os gêneros

ratificando seu posicionamento. Por apontarem justamente para a não necessidade de marcação de gênero nos nomes, destacamos as afirmações em 08'08", 08'16", 08'23" e 8'28".

Figura 35: 08'16" @S^DOIS VOV@^HOMEM^MULHER



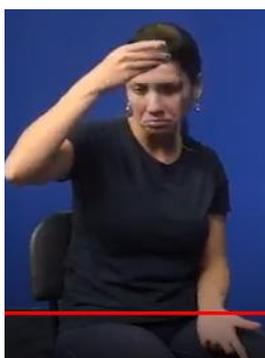
Fonte: *Corpus de Libras.*

Figura 36: 08'23" UM@ OU OUTR@ - ENM e movimento do tronco
TI@^MULHER/ TI@^HOMEM



Fonte: *Corpus de Libras.*

Figura 37: 08'28" ENM- rosto e ombros - Remete à semelhança dos sinais
MULHER^HOMEM^SOBRINH@



Fonte: *Corpus de Libras.*

Fernanda Araújo optou por marcar apenas três dos sinais de família: “avó”, “avô” e “cunhado”. Em sua fala foi predominante o uso de sinais que generalizam tanto o feminino quanto o masculino. Assim, nossa informante, por vezes, sinalizou a base mais os dois sinais independentes MULHER e HOMEM ora antepondo, ora pospondo aos nomes.

Figura 38: HOMEM^MULHER^PRIM@ (11'05'')



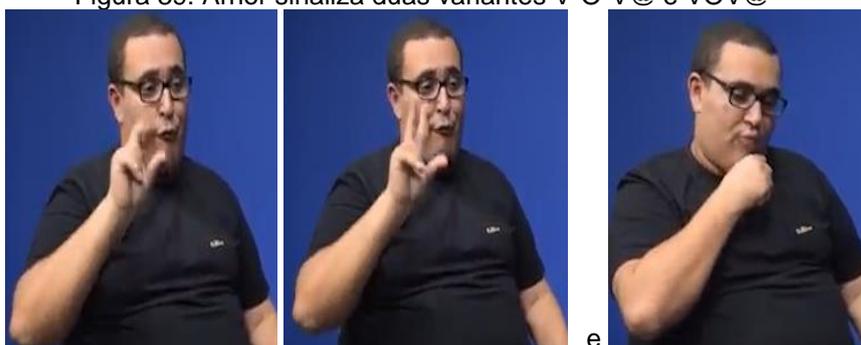
Na Figura 38, observa-se a simultaneidade entre a produção dos sinais em que a expressão facial e corporal é somada ao sinal PRIM@ na mão direita e em paralelo a sequência dos sinais HOMEM^MULHER na mão esquerda.

Fonte: *Corpus de Libras*.

Compreendemos nessa sinalização que o sinal PRIM@ pode ou não ser acrescido dos afixos. No caso de acréscimo, Fernanda demonstra com o rosto e ombros que o sentido é o mesmo. Destacamos ainda a simultaneidade utilizada nesse exemplo, ainda pouco investigada sob a perspectiva de gênero, mas muito produtiva em língua de sinais.

José Arnor de Lima Junior explica de forma consistente, didática e detalhada a ausência de necessidade de marcação de gênero na língua brasileira de sinais, bem como estratégias possíveis. Ele configura, portanto, um dos exemplos por excelência da categoria de Não Marcação. Apesar de não constar entre as três pessoas que definitivamente não marcaram gênero em nenhuma ocorrência, Arnor demonstra plena consciência de quando usar ou não marcas de gênero.

Figura 39: Arnor sinaliza duas variantes V-O-V@ e VOV@



Fonte: [Corpus de Libras](#)

Aos 11min11seg José Arnor (Figura 40), usa uma estratégia linguística dêitica para exemplificar que quando a pessoa está presente não é necessário explicitar seu gênero [AQUEL@ VOV@]. Ainda nesse sentido, Arnor afirma que quando a pessoa está presente não há dúvidas, a informação está posta. Em suas palavras “PRONTO. PESSOA [classificador]”.

Figura 40: Apontação dêitica EL@ ou EL@ VOV@



Fonte: *Corpus de Libras*.

Na segunda tirinha da Figura 40, Arnor explicita que quando a pessoa está presente, não necessita de marcação, já está dito. Enquanto que na Figura 41, ele afirma que quando o referente está ausente é possível revelar seu gênero, uma das maneiras mais frequentes é adicionar ao sinal base o sinal masculino ou feminino, como no exemplo `HOMEM^VOV@`, na imagem abaixo:

Figura 41: Sinais AUSENTE `HOMEM^VOV@`



Fonte: *Corpus de Libras*.

Logo em seguida, aos 11min20seg, o informante afirma que os sinais ali elencados são iguais e utilizados tanto para homens quanto para mulheres (Figura 42).

Figura 42: Sinais HOMEM MULHER IGUAL



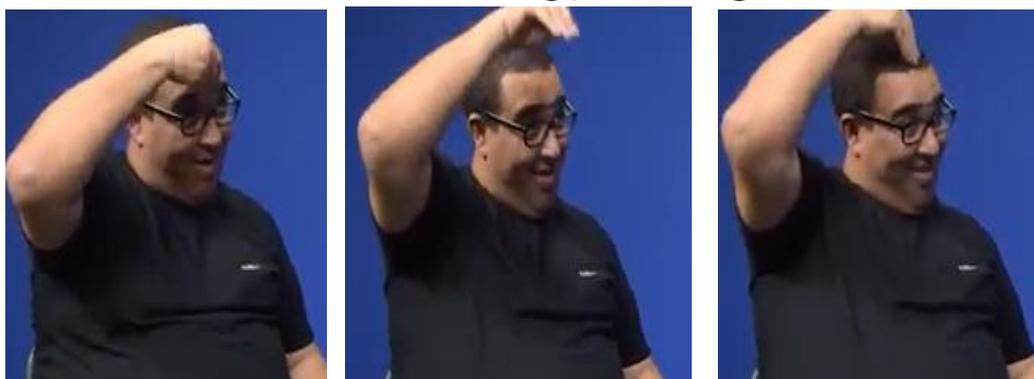
Fonte: *Corpus* de Libras.

Já aos 11min33seg, Arnor faz um sinal semelhante a SOBRINH@ e explica que a diferença entre esse e o sinal de M-A-D-R-I-N-H-A ou P-A-D-R-I-N-H-O é o movimento. Enquanto ao sinalizar SOBRINH@ toca-se na testa, para os sinais de MADRINH@ ou PADRINH@ usa-se a mesma configuração, mas o movimento é um pouco mais amplo, como demonstra abaixo. Cabe ressaltar que o sinal de “madrinha” ou “padrinho” nessa variante apresentada, do Rio Grande do Norte, é o mesmo tanto para mulher como para homem.

Figura 42: Sinal SOBRINH@



MADRINH@ / PADRINH@



Fonte:
Corpus
de
Libras.

A não marcação predomina também na fala de Larissa Rebouças; fala concisa e que apresenta certa economia ao não repetir os sinais que contemplam todos os gêneros, como o plural “filhas/os”. Diante das dezenove possibilidades de determinação dos gêneros, houve apenas quatro ocorrências de marcação optativa, majoritariamente após o sinal base.

Patrícia Luiza F. Rezende, ao iniciar o vocabulário da subseção que refere a família, a intitula de família genealógica / gerações e sinaliza sem marcação de gênero na grande maioria das vezes. De um total de 23 ocorrências, marcou optativamente cinco. É representativo o fato de que, em resposta ao pedido da entrevistadora para sinalizar N-E-T-A, a entrevistada diga NET@ duas vezes, referindo-se a “neta” e “neto”.

Do total de 36 possibilidades de marcação de gênero apresentadas, Sandro dos Santos optou 26 vezes por não marcar. Fez oito marcações de gênero, das quais seis ocorreram só após reiniciar a sinalização. O vídeo do informante em questão nos chamou bastante atenção e, por esse motivo, separamos alguns momentos que merecem destaque em sua sinalização, em especial, quando reiniciou a sinalização, como podemos observar nas figuras 44-52, todas retiradas da mesma fonte, o *Corpus* de Libras:

Figura 44: Sinal: PRIMEIR@ VOV@



Sandro inicia sua sinalização sobre família olhando para a frente e deixando fluir sua sequência de sinais iniciando sua árvore genealógica por VOV@.

Figura 45: Olhar direcionado para frente



Com uma sinalização clara e o uso do espaço em sua frente é possível visualizar claramente a hierarquia dos entes familiares. Houve pouquíssimas menções ao gênero dos membros enumerados nesta primeira sequência de sinais.

Figura 46: Sinal P-AI, seguido de autocorreção



Aos 07min46seg. Sandro sinaliza 'P-AI' com ambas as mãos, dois segundos após se corrige.

Figura 47: Sinal ÁRVORE^GENEALÓGICA



Ao encerrar um primeiro momento, as sinalizações espontâneas e o direcionamento do olhar para as suas mãos, neste caso para as raízes da árvore familiar, mudam de foco.

Ao observarmos uma maior naturalidade na primeira parte da sinalização e apenas duas incidências de marcação de gênero, consideramos elucidativo observarmos o redirecionamento do olhar após interferência, o excesso de automonitoramento em detrimento da ruptura da naturalidade e da fluidez dos sinais.

É perceptível tanto no olhar quanto na sinalização, houve mudança. O enfoque, antes nos sinais, agora mira onde a entrevistadora aponta.

Figura 48: Entrevistadora aponta para ficha elicitatória



Aos 08min01seg (Figura 48), a entrevistadora pontuou alguns sinais ausentes e apontou para a ficha com as imagens. Sandro continuou a sinalização e em seguida resolveu reiniciar.

Figura 49: Sandro sinaliza acompanhando a ficha elucidativa



A partir de 08min07seg (Figura 49), ao sinalizar novamente os sinais de família, desta vez acompanhando a ficha elucidativa, sua sinalização aparenta menor fluidez e há mais ocorrências de marcações do feminino ou masculino.



Figura 50: BISAV@

Neste segundo momento observemos o direcionamento do olhar para a baixo, no mesmo sentido da ficha com as imagens. Esse direcionamento esteve em todas sinalizações após a observação da entrevistadora.

Figura 51: HOMEM^BISAV@



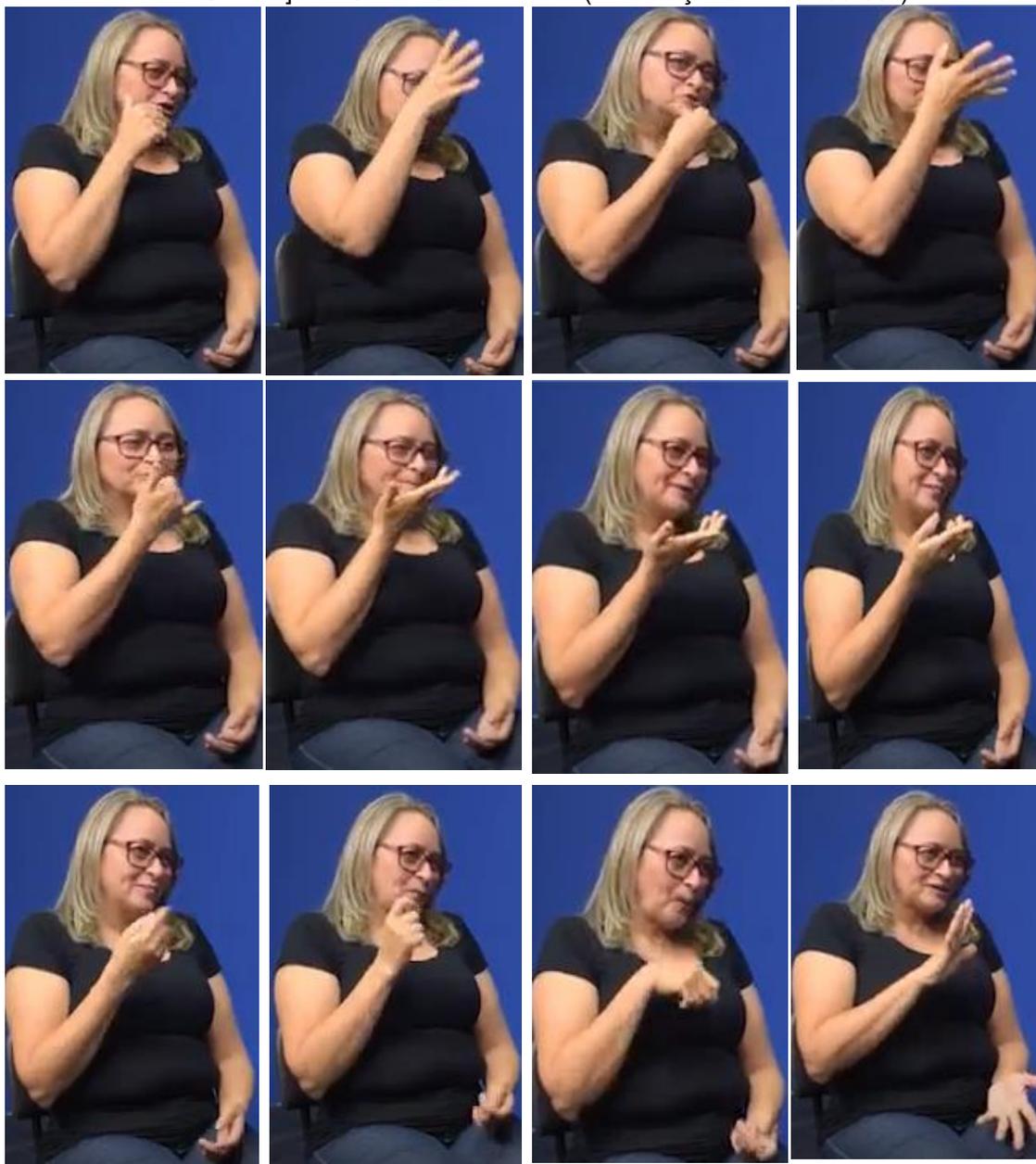
Figura 52: MULHER^BISAV@



Na questão de reiniciar as sinalizações, Sandro dos Santos e Gabriel do Carmo tiveram uma reação semelhante. Ambos iniciaram sinalizando entes familiares sem marcas de gênero, porém, logo após olhar para a tela com a ficha elicitatória, tanto um quanto o outro, reiniciaram a sequência de sinais, desta vez marcando o feminino e o masculino. O que os diferenciou na categoria predominante é que enquanto Gabriel reincidiu nas tentativas de marcações e autocorreções, Sandro, ao recomeçar, marcou seis familiares e seguiu sem marcar todos os demais. Diante dessas atitudes, temos nossa suposição reforçada quanto à força persuasiva da ficha elicitatória.

A informante Sédina dos Santos J. Ferreira apresenta o sistema de marcação com variações bem significativas e é predominantemente não marcado. Cabe ressaltar sua afirmação, na seção 'vocabulário', aos 07min54seg (Figura 53), "PRA^QUÊ SINAL [HOMEM MULHER]? NÃO^PRECISA^NÃO".

Figura 53: Sédina sinaliza: “MULHER^TI@, HOMEM^TI@, DESCULPE. PRA^QUÊ SINAL [HOMEM MULHER]? NÃO^PRECISA^NADA” (Transcrição entre 07'53-55”)



Fonte: Corpus de Libras.

Em outras palavras, a entrevistada questiona a necessidade de explicitar os gêneros, demonstra sua preferência e segurança quanto a não necessidade da marcação. O que nos intriga é que mesmo após tal afirmação ela ainda marca alguns entes familiares, tais como SOBRINH@^MULHER e HOMEM^SOBRINH@, talvez reflexo da influência das imagens apresentadas na ficha de elicitación.

Percebemos que houve uma certa economia na repetição de alguns sinais por parte de Sédina Ferreira. Como seriam os mesmos, independentemente do gênero, a informante não repetiu alguns dos sinais, ainda que pudessem representar duas pessoas e não apenas uma: CUNHAD@, NET@, VOV@, PRIM@, BI^VOV@, VOV@^BI, CUNHAD@, TI@, NET@,

SOBRINH@. A repetição a que nos referimos seria semelhante a que ela utilizou para FILH@, quando repetiu três vezes por se tratar de três filhas ou filhos.

Ao iniciar o vocabulário, na subseção que refere a família, Tibiraçá Maineri intitula sua subseção como ÁRVORE FAMÍLIA / GENEALÓGICA e sinaliza com e sem marcação de gênero. Do total de 36 possibilidades, marcou optativamente dois nomes.

Uma característica bastante presente neste grupo com predominância do sistema de não marcação de gênero é o que chamamos de economia de sinais. Larissa Rebouças, Sédina Ferreira e Shirley Vilhalva, apenas para citar alguns exemplos, foram objetivas e sucintas ao evitarem a repetição de vários sinais, posto que seriam os mesmos tanto num gênero quanto em outro, como nos casos de: FILH@, TI@, PRIM@, FILH@, IRM@, SOBRINH@. Com exceção dos categoricamente marcados “pai” e “mãe”, sempre optaram por não identificar os gêneros, ainda quando a entrevistadora, ao perguntar por meio da datilologia o sinal de algum membro que porventura tenha sido esquecido, como o recorrente N-E-T-O (no masculino), as entrevistadas utilizaram o sinal NET@ sem marca de gênero.

De modo geral, a entrevistadora, ao perceber a ausência de algum sinal, indicou por meio da datilologia ou apontamento para a ficha elicitatória e pediu para a/o informante sinalizar a palavra ou a imagem. Quando houve interpelação, na maior parte das vezes a soletração foi feita no masculino, como no exemplo mais frequente N-E-T-O e poucas ocorrências no feminino N-E-T-A. Como resposta, a grande maioria de sinalizantes não fez menção ao gênero, mas simplesmente o sinal NET@. Foram os casos de Andre Reichert, Marianne Stumpf, Myrna Monteiro, Patrícia Rezende e Sylvia Lia.

4.3 RESULTADOS

Ao analisarmos o total de 33 sinalizantes categorizadas/os como Surdos de Referência no *Corpus* de Libras, detendo-nos especificamente nos vídeos da seção Vocabulário, os sinais referentes a Profissões e Família, pudemos perceber os sistemas de marcação de gênero de cada informante e, para além disso, refletir acerca do significado e indicativos sugeridos pelos achados.

São 19 mulheres (57,6%) e 14 homens (42,4%) provenientes de dezesseis estados, das cinco regiões geográficas brasileiras: 03 do Norte (9,1%), 09 do Nordeste (27,3%), 02 do Centro-Oeste (6,1%), 08 do Sudeste (24,2%) e 11 do Sul (33,3%) do país. As sinalizações dessas/es informantes de destaque na comunidade surda e conseqüentemente dela representantes e representativos foram investigadas na tentativa de estabelecermos ou, ao menos, vislumbrarmos os principais sistemas de marcação de gênero em Libras utilizados.

Para tanto, os critérios aqui estabelecidos foram quantitativos. Sinalizantes que não marcaram gênero em mais de 70% das ocorrências com possibilidade para isso foram identificados como adotantes do sistema de não marcação; as/os que optaram por marcar mais de 70% das ocasiões seriam adeptas/os do sistema de marcação categórica. No meio termo, ou seja, quem marcou gênero entre 30% e 70% das vezes em que há possibilidade para tal, figura no sistema de marcação mista, como esquematizado na Tabela 3 e nos gráficos a seguir.

Tabela 3: Sinalizantes e usos dos Sistemas de Marcação de Gêneros		
Não Marcação	Marc. Mista	Marcação categórica
ANA REGINA CAMPELLO	ANDRE RIBEIRO REICHERT	DEONÍSIO SCHMITT
ANTÔNIO CAMPOS DE ABREU	FLAVIANE REIS	GISELLE P. DE MELLO CARVALHO
DÉBORA CAMPOS WANDERLEY	GABRIEL L. CORDEIRO DO CARMO	PAULO ROBERTO AMARAL VIEIRA
FERNANDA ARAUJO	JACKSON VALE	PRISCILLA LEONNOR A. FERREIRA
JOSÉ ARNOR DE LIMA JUNIOR	KARIN LILIAN STROBEL	THIAGO RAMOS DE ALBUQUERQUE
LARISSA REBOUÇAS	KELLY SAMARA PEREIRA LEMOS	
MYRNA SALERNO MONTEIRO	MARIANNE ROSSI STUMPF	
PATRÍCIA LUIZA FERREIRA REZENDE	MARISA DIAS LIMA	
RIMAR RAMALHO SEGALA	MESSIAS RAMOS COSTA	
SANDRO DOS SANTOS PEREIRA	RAIMUNDO CLEBER TEIXEIRA COUTO	
SÉDINA DOS SANTOS J. FERREIRA	RODRIGO NOGUEIRA MACHADO	

Tabela 3: Sinalizantes e usos dos Sistemas de Marcação de Gêneros		
Não Marcação	Marc. Mista	Marcação categórica
SHIRLEY VILHALVA	SIMONE G. DE LIMA DA SILVA	
SYLVIA LIA	SIMONE PATRÍCIA SOARES DE SOUZA	
TIBIRIÇÁ VIANNA MAINERI		
14/33 = 42,4 %	13/33 = 39,4%	05/33 = 15%
INDEFINIDA 01/33 = 3.3%		ILSE MULLER DE QUADROS

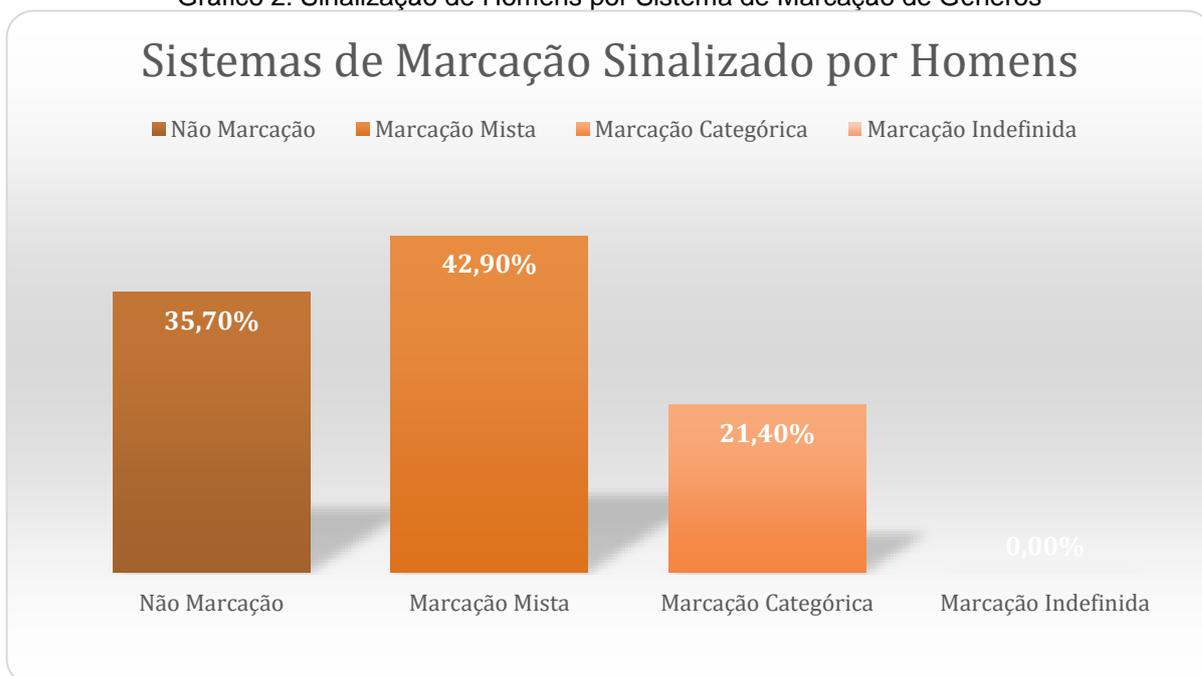
Fonte: Elaborada pela autora.

As 19 mulheres sinalizantes se dividiram em sistemas de marcação de gênero do seguinte modo (Gráfico 1): 09 adotaram predominantemente a Não Marcação (47,4%), 07 optaram pela Marcação Mista (36,8%), 02 foram categorizadas como adeptas da Marcação Categórica (10,5%) e 01 teve seu sistema classificado como indefinido (5,3%). Dentre os 14 homens analisados (Gráfico 2), temos 05 na categoria de Sistema de Não Marcação (35,7%), 06 na de Marcação Mista (42,9%) e 03 na de Marcação Categórica (21,4%).

Gráfico 1: Sinalização de Mulheres por Sistema de Marcação de Gêneros



Gráfico 2: Sinalização de Homens por Sistema de Marcação de Gêneros



Fonte: Elaborados pela autora.

No Sistema de Não Marcação (Gráfico 3) encontram-se 09 mulheres (64,3%) e 05 homens (35,7%), informantes assim distribuídos/as: 05 do Sudeste (35,7%), 05 do Sul (35,7%), 03 do Nordeste (21,4%), 01 do Centro-Oeste (7,1%) e nenhum/a do Norte. O Sistema de Marcação Mista (Gráfico 4) conta com 07 mulheres (53,8%) e 06 homens (46,1%) - 02 da Região Norte (15,3%), 04 da Região Nordeste (30,8%), 01 da Região Centro-Oeste (7,7%), 02 da Região Sudoeste (15,3%) e 04 da Região Sul (30,8%).

Gráfico 3: Quantitativo de informantes no Sistema de Não marcação de Gêneros

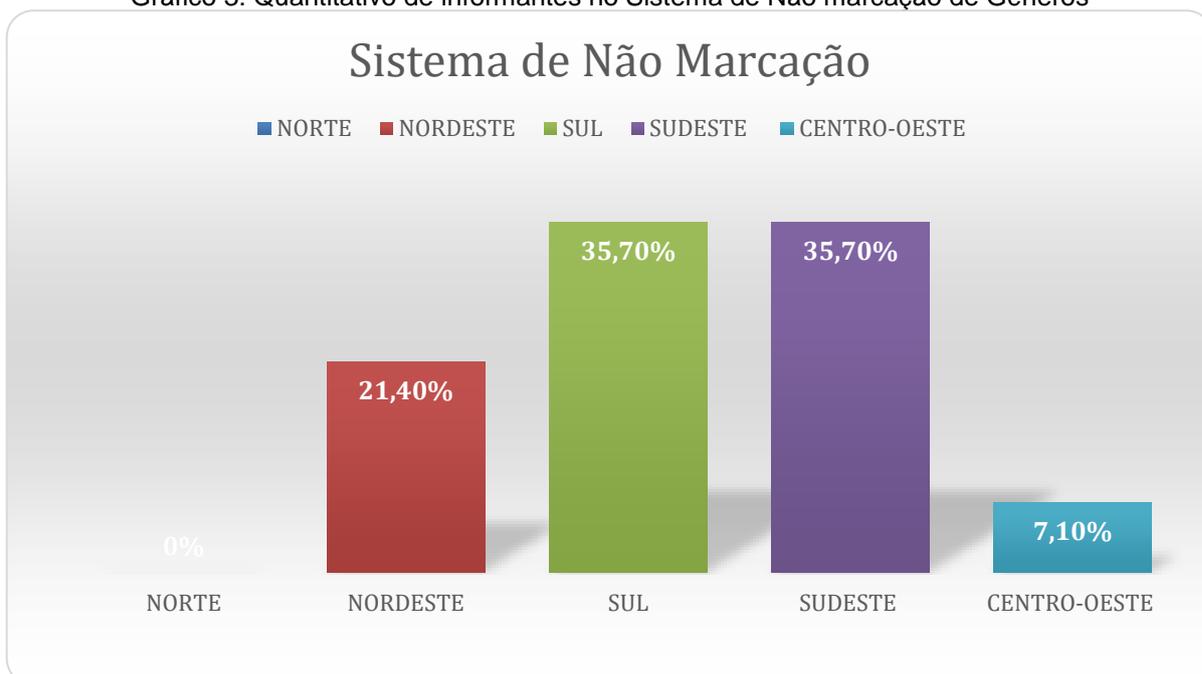
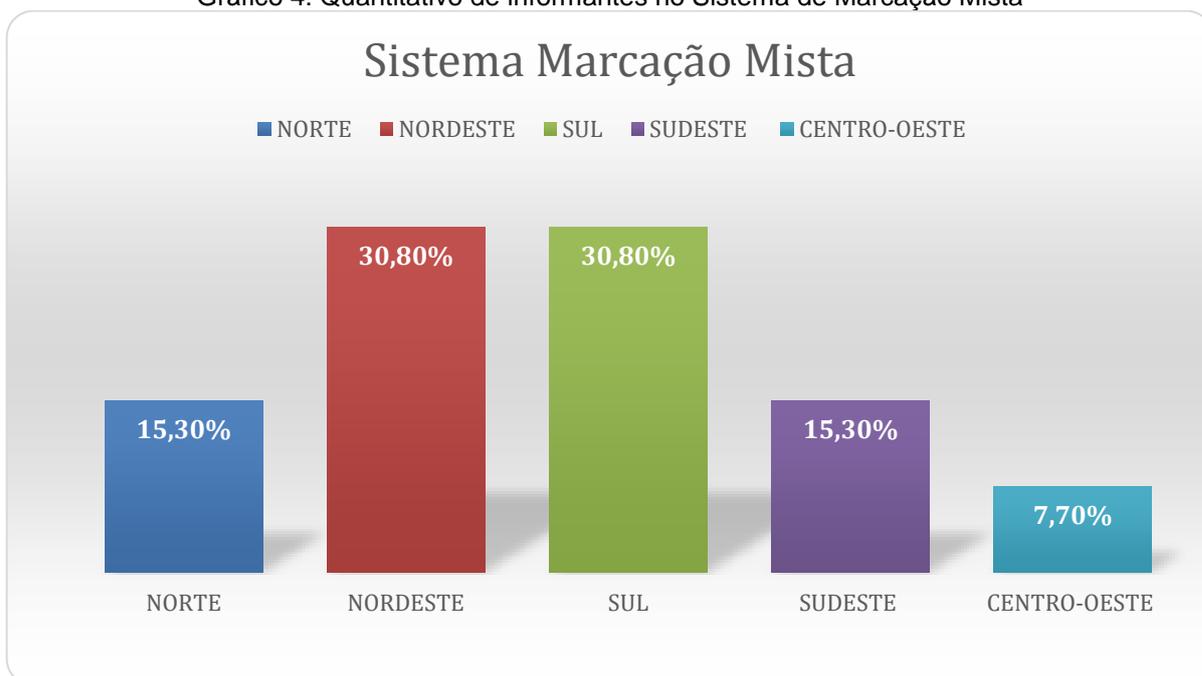


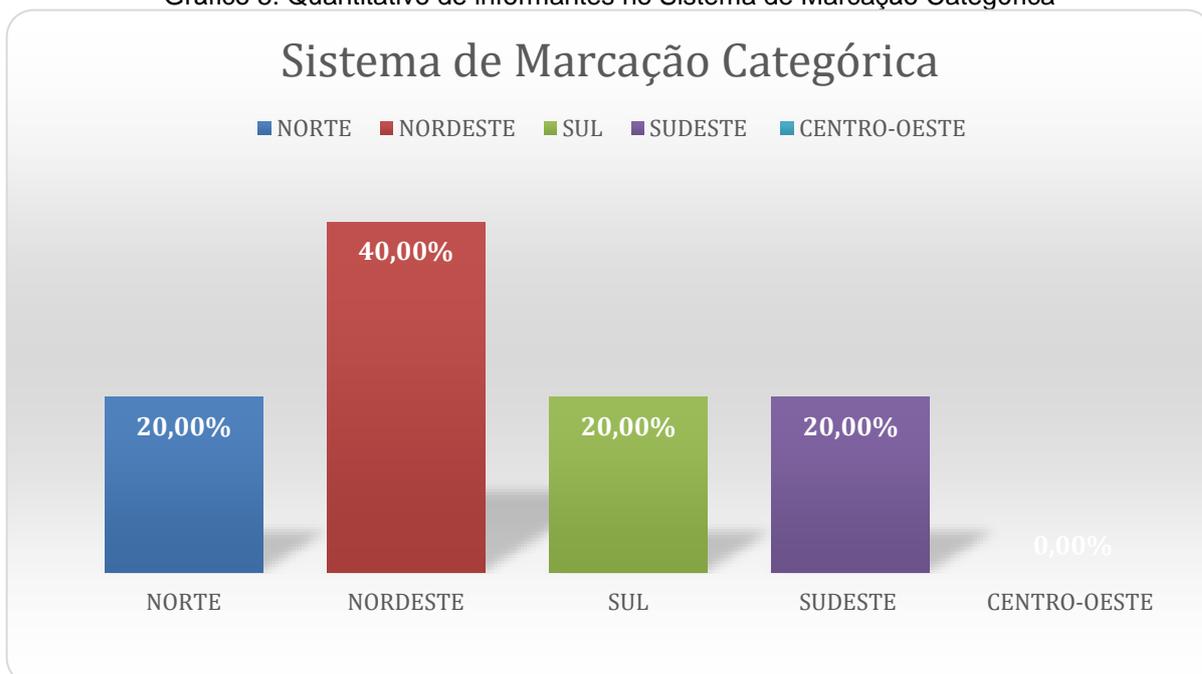
Gráfico 4: Quantitativo de informantes no Sistema de Marcação Mista



Fonte: Elaborados pela autora.

O Sistema de Marcação Categórica (Gráfico 5), por sua vez, é formado por 02 mulheres (40%) e 03 homens (60%), sendo 01 do Norte (20%), 02 do Nordeste (40%), 01 do Sudeste (20%), 01 do Sul (20%) e nenhuma do Centro-Oeste do país. Por fim, a única informante analisada cujo sistema de marcação não pode ser identificado é uma mulher do Sul do Brasil.

Gráfico 5: Quantitativo de informantes no Sistema de Marcação Categórica



Fonte: Elaborado pela autora.

Chegamos então aos seguintes números: 42,4% de sinalizantes classificados no sistema de não marcação, ou seja, 14 do total de 33; 39,3% na categoria de sistema de marcação mista, 13 pessoas; 15% no sistema de marcação categórica, 05 informantes; para além de 01 de sistema de marcação de gênero indefinido ou 3,3% do total.

Objetivamente, não identificamos relação entre gênero/sexo ou proveniência e consequente variante da Libras de cada informante com o sistema de marcação. Nesse sentido, a heterogeneidade em quaisquer dos aspectos foi o padrão. No último gráfico, de número 6, há uma relação do quantitativo entre informantes e os sistemas de marcação de gêneros predominantes em suas sinalizações.

Sucintamente esse gráfico demonstra um empate técnico entre os sistemas da não marcação e a marcação mista nas sinalizações analisadas. Enquanto que a marcação categórica é uma minoria, apenas 15% do total. Logo, esse resultado corrobora com nosso entendimento inicial, a Libras não é uma língua de gênero gramatical. Ainda que alguns exemplos apresentam marcas sintáticas de gênero, afirmar a marcação como regra invisibiliza uma característica marcante dessa língua.

Gráfico 6: Quantitativo geral de informantes por Sistema de Marcação de gêneros



Fonte: Elaborado pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão das línguas enquanto espelhos que refletem a sociedade nos possibilita novas percepções e revisitações a conceitos estagnados. Foi com o intuito de obter respostas acerca das marcações de gênero em língua brasileira de sinais que nos debruçamos na presente investigação. Neste trabalho, tivemos a pretensão de investigar gêneros na Libras por meio dos usos e não usos dos marcadores do masculino e feminino em nomes.

Diante do contínuo exercício de aprendizagem, após observar o fenômeno linguístico acerca dos gêneros em Libras, descrever e refletir acerca de tantas sinalizações, ao longo da pesquisa compreendemos que o estudo acerca do gênero linguístico possibilita ampliar olhares, em especial no quesito das relações entre línguas e comunidades que se inter cruzam. Apesar de nosso objeto de estudo ser a língua brasileira de sinais, pela relação de vizinhança com o português brasileiro, cotejamos alguns conceitos entre essas línguas.

A partir das sinalizações de informantes de referência identificamos características valiosas nas categorizações nos vocábulos analisados, que divergem das línguas com gênero gramatical, como o português. Nessa os gêneros são explicitados categórica e arbitrariamente, seja por desinência, complemento, léxicos distintos ou por determinantes. O fato é que nas línguas que atribuem gênero até aos seres inanimados não há como escapar da marcação. Ela é fixa e engendra concordância, tanto para os seres sexuados quanto para os objetos, sentimentos ou conceitos abstratos.

Dialogamos com pesquisas que discorrem direta ou indiretamente sobre o tema e possibilitam avançar na construção de outros saberes. As pesquisadoras Lucinda Ferreira Brito, Tanya A. Felipe, Ronice M. Quadros, Maria Cristina Silva e Fabíola Sucupira Ferreira Sell introduziram e contribuíram com maior ou menor aprofundamento na discussão sobre as possibilidades de formação do masculino ou feminino em nomes.

Percebemos que essas marcas de gênero ainda são pouco exploradas na Libras, não sabemos se pela pouca relevância gramatical nessa língua, por desinteresse acadêmico ou se suas especificidades passam despercebidas. Estimamos nesta investigação explanar algumas características próprias da categorização dos sinais. Para tanto, selecionamos substantivos que nomeiam profissões e entes familiares a fim de explorar, descrever e classificar os sistemas de marcação de gêneros.

Antes de mais, ao referirmos a categoria de gênero em Libras destacamos algumas das especificidades primordiais, tais como a categorização dos seres entre animados e inanimados. Quando ocorre a marcação de gênero, há motivação semântica atribuída aos seres sexuados, logo só acontece na categoria animada. Já os seres inanimados, conceitos ou sentimentos não têm admissibilidade de generificação. As categorias de gênero animado

e inanimado concordam com o verbo e o objeto, por meio de classificadores, como vimos nos estudos de Tanya Felipe (2002) e também abordamos no segundo capítulo desta investigação.

Sobre a categoria inanimada, dentre todas as buscas teóricas encontramos convergência unânime: não existe marca feminina ou masculina para seres inanimados, o gênero é ausente. Já nos seres animados, a distinção do masculino ou feminino é informação secundária, em geral optativa e irrelevante para a compreensão. Contudo, ainda que não apresentem gênero gramatical ou determinantes, a categoria de nomes admite marcação.

Destacamos ainda que, mesmo quando os seres animados são generificados não há desencadeamento de concordância nesses termos. Afinal, sua gramática não possui artigos, os pronomes são apontações dêiticas e os adjetivos ou complementos da oração não apresentam qualquer marca masculina ou feminina, assim como os seres inanimados.

A motivação semântica e a categorização entre animados e inanimados, por si só, já diferenciam significativamente a Libras do português. Se somarmos a arbitrariedade e o engendramento de todos os elementos generificados, o distanciamento entre as línguas é ainda mais perceptível.

Diante desses achados, propusemos investigar as ocasiões em que sinalizantes surdas/os poderiam optar em evidenciar os gêneros nos nomes. Para tanto utilizamos como instrumento de nossa pesquisa o *Corpus* de Libras e elegemos o grupo denominado Surdos de Referência, com participantes de todas as regiões do Brasil, e, nessa categoria, a seção Vocabulário, onde selecionamos grupos lexicais propícios à nossa investigação – "Profissional" e "Família".

Levantamos e apreciamos os dados acerca das categorias de gênero em Libras amparando nossas observações e reflexões acerca das especificidades de marcações do feminino ou masculino em estudos de teóricas de referência, em especial Tanya Felipe, Ronice Quadros, Maria Cristina Silva e Fabíola Sucupira Ferreira Sell supracitadas. Estabelecemos conexões entre a observação prática da Libras e os pressupostos teóricos que possibilitaram a compreensão que apresentamos nos capítulos de teoria, de metodologia e de análise.

Como uma das principais características da Libras é o fato de ser uma língua gestual, sua estrutura não determina a obrigatoriedade da marcação de gênero, mas admite seu uso nas situações em que importa ao tema do discurso ou a quem o profere. Nesses casos há vários elementos linguísticos que permitem a definição dos gêneros.

Ao observar os grupos semânticos "Profissional" e "Família" da Seção Vocabulário do *Corpus* de Libras, percebemos, como numa escala gradativa, que os usos foram apresentados de diversas formas para além do sinal simples, sem marca de gênero: por meio

das composições do sinal base com os sinais independentes HOMEM/MULHER ou com característica icônica / classificador; com sinal específico para cada gênero, com a datilologia do nome ou sinal próprio; ou ainda pela marcação contextual através das apontações dêiticas ou da retomada do referente. Na estratégia contextual pode-se ou não explicitar os gêneros.

A retomada por si só não explicita nenhum gênero sem que este tenha sido proferido anteriormente. Em outras palavras, quando se diz sentenças como EL@ CASAD@ EL@ ou ainda EL@^TRÊS IRM@ não é possível identificar se o casal é homo ou heterossexual ou ainda se são três irmãs, duas irmãs e um irmão, dois irmãos e uma irmã ou três irmãos a menos que essas informações já sejam conhecidas ou tenham sido explicitadas.

A presente pesquisa sobre marcações de gênero masculino e feminino em Libras nos revelou uma pluralidade de possibilidades. A categoria “Profissional” apresentou uma unanimidade. Do total de trinta e três informantes não houve qualquer marca ou indicação quanto ao gênero das/os profissionais. Resultado bastante diferente do encontrado ao analisarmos a categoria “Família”.

O que pode ter levado as mesmas pessoas sinalizantes da ausência categórica de marcadores de gênero na categoria “Profissional” a apresentarem um espectro tão diverso na marcação dos vocábulos da subseção “Família”? Será que as profissões e seus profissionais não pedem marca de gênero, mas é necessário identificar entes familiares, se são homem ou mulher?

Ao observarmos esse resultado equânime duas questões se sobressaem – a não obrigatoriedade acerca da informação do gênero e a admissibilidade de marcação para seres animados. No recorte dos vocábulos relativos à família, observamos ampla variedade de sistemas predominantes, desde o não uso das marcas de gênero, o que corrobora quanto a não obrigatoriedade, até a marcação categórica de entes familiares no tradicional binarismo, atípica nas línguas que não possuem gênero morfológico, como a Libras, que reforça nossa hipótese de hegemonia cultural. Ademais, apontamos o uso de algumas estratégias linguísticas utilizadas, em geral, quando é do interesse de interlocutores ou importante ao tema em diálogo.

As sinalizações poderiam ser classificadas em categorias absolutas – com ou sem marcas de gênero. No entanto, há um quantitativo significativo de pessoas que mesclam as categorias, ora fazendo uso da marcação e ora a omitindo. Portanto, classificamos em três sistemas – marcação categórica, marcação mista e não marcação.

Quem sinalizou o feminino e/ou masculino nos apresentou diversas possibilidades de arranjos, antepostos ou pospostos aos nomes, uso de empréstimos linguísticos por meio da datilologia e, ainda que em menor número de ocorrências, a dupla marca do masculino e

feminino junto a uma só base. Nesse caso, compreendemos como indeterminação, posto que tem o mesmo sentido da não marcação, adequando-se a qualquer gênero.

Na análise dos vídeos de sinalizações os seguintes pontos nos chamaram a atenção e merecem, portanto, destaque, como a não obrigatoriedade e as possibilidades nas marcações de gêneros; a total ausência de marca na seção “Profissional”; tanto a ausência quanto a presença do masculino e/ou feminino na seção “Família”; a prosódia com interrupções, hesitação e autocorreção, por vezes aparentando um intenso auto monitoramento e pouca naturalidade na sinalização dos sinais isoladamente.

Inferimos a partir das pausas e outros elementos linguísticos contextuais, tais como expressões não manuais (ENM), a frequente autocorreção, possivelmente advinda do excesso de auto monitoramento, como momentos de possível hesitação na marcação ou ainda a necessidade de parar para pensar antes de sinalizar, o que nos soa como um discurso não fluido, monitorado e artificial.

Para além dessas observações, destacamos uma propriedade ainda pouco investigada sob a perspectiva de gênero, mas aparentemente produtora em língua de sinais, a simultaneidade. Destacamos como exemplos deste fenômeno as figuras 36 e 38 dessa pesquisa, em que as sinalizantes mantêm junto ao sinal base as características HOMEM e MULHER. Tal fenômeno merece maiores investigações pautadas em pesquisas linguísticas.

Observamos diferenças entre as fichas de elicitación utilizadas para profissionais e entes familiares. Com exceção da figura do martelo, cada profissional aparece só, sem par, sem o “gênero oposto” como contraponto. Por exemplo: a professora, o policial, o intérprete, o motorista, não foram colocados ao lado de outro gênero, como o professor, a policial, a intérprete, a motorista. Ainda que não haja marcação na língua, refletimos se no imaginário dessas pessoas surdas o estereótipo de profissões estaria sendo reforçado ou apenas demonstrando que normalizaram tal qual as pessoas não usuárias da Libras.

Em contrapartida, muitas das sinalizações da árvore genealógica expunham homens e mulheres lado a lado. Como trata-se de sinalização não contextual e a partir de fichas de elicitación, quiçá as imagens, somadas ao imaginário, que por sua vez é influenciado pela língua e cultura hegemônicas e discriminatórias, possam induzir a sinalização de uma única possibilidade de estrutura familiar. Indagamos se a própria imagem reforça essa estrutura, posto que foi recorrente a apresentação de entes familiares e quando há marcação os gêneros são quase sempre distintos. Seria devido à ficha elicitatória?

Fato é que nesta pesquisa registramos um total de aproximadamente 230 sinais relativos a profissionais, os quais apresentaram total ausência de marcação dos gêneros masculino ou feminino. Quanto a membros familiares computamos 648 sinais cuja marcação

fica a critério da/o informante, para além daqueles com marca compulsória, como 'mãe' e 'pai', sinalizados ao menos 85 vezes.

Na subseção "Família" 42,4% dos 33 Surdas/os de Referência foram classificados no sistema de Não Marcação. A segunda categoria mais expressiva foi a de Marcação Mista, com 13 pessoas, somando 39,4%. Apenas 15% do total de informantes foram identificadas/os com o sistema de Marcação Categórica e uma pessoa não teve sua categoria de marcação definida.

É necessário, no entanto, um adendo. Percebemos nuances que vão além dos números. Algumas pessoas categorizadas nos grupos de acordo com os critérios percentuais de marcação de gênero em sinais em que a marcação é optativa, como vimos, fizeram ressalvas. Ressalvas essas, o mais das vezes, que apontam para a ausência de necessidade de marcas de gênero nessa língua.

Ademais, não é possível determinar se as/os sinalizantes de uma das categorias atribuídas na sinalização dos vocábulos apresentariam o mesmo sistema de marcação predominante ou se seria modificado quando inserido em contexto narrativo ou de conversação livre. Em contextos de diálogos é muito mais frequente a percepção das personagens ao longo da conversação.

Em muitos momentos fica claro que o percentual de sinalizantes analisado é de fato ainda mais expressivo na não marcação dos gêneros. São indicações disso: a interrupção da simples enumeração dos vocábulos para esclarecer que o sinal é o mesmo independentemente de se referir a homem ou mulher, o hesitar na sinalização, as autocorreções e o auto monitoramento demonstrando pouca naturalidade ou fluidez ao diferenciar os gêneros, para além dos usos de dois gêneros como marcas no mesmo sinal base. Tal junção não apenas indetermina, mas também ratifica que os vocábulos não precisam ser nem masculinos nem femininos, afinal grande parte dos nomes adequa-se perfeitamente a quaisquer gêneros.

Tendo em vista que nossa análise é focada na seção de vocábulos, a maioria das sinalizações passíveis de marcação não a apresentaram. Entendemos ainda que a conversação é um terreno mais fértil para as análises contextuais; aqui, pontuamos exemplos sem nos determos a uma análise mais ampla e aprofundada da marcação contextual por extravasar o âmbito deste estudo.

Para uma investigação acerca de estratégias para marcação contextual, seja com elementos dêiticos, anáforas ou retomadas, se faz necessária a observação de sinalizações mais fluidas. Ficam como propostas vindouras analisarmos conversas livres a fim de identificarmos outras estratégias utilizadas para atribuir gêneros e cotejar sinalizações

isoladas e falas contextualizadas a fim de saber se em ambos os cenários as pessoas marcam semelhantemente.

Os gêneros em Libras apresentam características instigantes, provocativas e dignas de maiores investigações, afinal ainda há muito a ser desvendado. O caminho trilhado é apenas uma dentre as tantas possibilidades para explorar a língua. Esperamos que os debates que propusemos sejam tão inquietantes quanto frutíferos, não apenas para quem integra comunidades surdas, mas para toda a sociedade. Afinal, são os olhares diversos que apresentam novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT: informação e documentação: trabalhos acadêmicos. Disponível em: <<https://www.normasabnt.org/>>. Acesso em: 15/03/2022.

AMARAL, Maria Augusta; COUTINHO, Amândio; MARTINS, Maria Raquel Delgado. **Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

BARDARI, Sérsi. **A função dos dêiticos na organização do texto**, 2011. Disponível em: <<http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2011/08/A-função-dos-dêiticos-na-organização-do-texto.pdf>>. Acesso em: 15/10/2020.

BARBOSA, Eva; RAFAEL, Giovanna. Breve Estudo Comparativo Entre a Língua Gestual Portuguesa (LGP) e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): Implicações de Duas Línguas Espaço-Visuais Diferentes em Países que Falam a Mesma Língua Oral Oficial. **Revista Virtual de Cultura Surda**, nº 12, Centro Virtual de Cultura Surda, Arara Azul, 2014. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/1%C3%82%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2012%20%5BBARBOSA%20%26%20RAFAEL%5D.pdf>>. Acesso em: 09/04/2020.

BÉBIAN, R.A.A. **Mimographie, ou essai d'écriture mimique propre à régulariser le langage des sourds-muets**. Paris: Louis Colas. 1825.

----- **Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel ou introduction à une classification naturelle des idées avec leurs signes propres**. Paris : J.G. Dentu. 1817.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Bom Sucesso - RJ: Ed. Nova Fronteira, 2009.

BERNARDES, Raquel. **Estudos do léxico da Libras: Realização dos processos flexionais na fala do surdo**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos - Instituto de Letras e Linguística. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - MG, 2020.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. **A construção da referência por surdos na LIBRAS e no português escrito: a lógica no absurdo**. Dissertação de Mestrado em Linguística – Faculdade de Letras. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

BORGES, José. Sobre línguas, mundos, gêneros etc. *In*: BRUNELLI, Anna Flora; MUSSALIM, Fernanda; FONSECA-SILVA, Maria da Conceição (Eds.). **Língua, texto, sujeito e (inter)discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 129-140.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 17/07/2019.

_____. **Decreto nº 9.656, de 27 de dezembro de 2018**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9656.htm>. Acesso em: 17/07/2019.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 17/07/2019.

_____. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em:
17/07/2019.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em:
17/07/2019.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria; MAURÍCIO, Aline C. L., **Dicionário Ilustrado Trilíngue.** vol.1-2. Ed. USP, 2001.

_____; _____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Novo Deit – Libras.** vol.1-2. Ed. USP, 2009.

_____; _____. TEMOTEO, Janice G; MARTINS, Antonielle C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos.** vol.1-3. Ed. USP, 2017.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CARVALHO, Dannel; BRITO, Dorothy (org). **Gênero e língua(gem) formas e usos.** Salvador: EDUFBA, 2020.

CARVALHO, Herculano. **Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura.** Lisboa: Editora Verbo, 1983.

CHOI, Daniel; PEREIRA, Maria Cristina C.; VIEIRA, Maria Inês [et al.]. **LIBRAS: Conhecimento além dos sinais.** São Paulo: Person / Anhanguera, 2011.

CORDEIRO, Suammy; CONDE E SOUSA, Joana; SANTOS, Marcos. Uma análise comparativa da marcação de gênero entre a Língua Brasileira de Sinais e a língua gestual portuguesa. *in Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 24, nº 1, p. 103-128, jan./abr. 2019.

CORREIA, Isabel Sofia Calvário. Descrever a LGP em contexto bilíngue: o gênero. **Revista Leitura**, v. 1, nº 57, “Línguas de Sinais: Abordagens teóricas e aplicadas”, p. 172-197, jan./jun. 2016.

COSTA, Bruna E.; ESTEVES, Marcela B. Uma discussão sobre a categoria de gênero no português do Brasil. **Revista ProLíngua**. v.2 nº2 - Jul./Dez. UNB: 2009, p. 24-37.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.

CUNHA, Ceslo; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008. Disponível em
<<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-01.html>> Acesso em 21/02/2022

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FEBRAPILS, Grupo De Trabalho Com Os Surdos De Referências Do Brasil. **Direitos Humanos Das Pessoas Surdas: Pela Equidade Social Cultural E Linguística**. Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais, 2018. Disponível em: <<http://febrapils.org.br/wp-content/uploads/2018/11/Direitos-Humanos-das-Pessoas-Surdas.pdf>> Acesso em: 07/01/2021.

FELIPE, Tanya A. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco - PE, 1988. [Enviada pela pesquisadora]

_____. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras - RJ, 1998.[Enviada pela autora]

_____. Introdução à Gramática da Libras. In: **Educação Especial - Língua Brasileira de Sinais**, vol. II. Série Atualidades Pedagógicas 4, MEC/SEESP, 1997, p. 81-123.

_____. Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS: Os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. In: **Anais do Congresso Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira - 1º. Congresso Internacional do INES, 2002. 7º. Seminário Nacional do INES**. Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas, 2002, p. 37-58. Disponível em: <<http://www.institutoconscienciago.com.br/pdf/aee/ClassifemLIBRASINES2002.pdf>>. Acesso em: 09/04/2020.

_____. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006a. 8ª Edição 168 p.: il. Disponível em: <<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/libras-contexto-estudante.pdf>> Acesso em: 25/01/2022.

_____. Os Processos de Formação de Palavras na Libras. **Educação Temática e Digital**, Campinas, v. 7, nº 2, p. 199-216, jun. 2006b. – ISSN: 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>>. Acesso em: 29/01/2022.

_____.; LIRA, Guilherme, A.; **Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Acessibilidade Brasil [Versão 3.0]**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível em: <www.acessobrasil.org.br>. Acesso em 23/05/2022.

_____. Banco de Dados e Sistemas de Transcrição para as Línguas de Sinais. In: BAALBAKI, Angela. CALDAS, Beatriz (orgs). **Instrumentos Linguísticos: usos e atualizações**. Araruama: Cartolina Editora. 2014: 155-188. [Enviado pela autora]

_____. **Diferentes políticas e diferentes contextos educacionais: educação bilíngue para educandos surdos x educação bilíngue inclusiva**. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, número 49 jan-jun 2018:189-220. Disponível em: <<https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/433/pdf>>. Acesso em: 04/02/2021.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

FERRAZ, Charles Lary Marques. **Dicionário de configurações das mãos em Libras**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2019. Disponível em:

<https://issuu.com/edufbr/docs/dicion_rio_de_configura__es_das_m_os>. Acesso em: 13/07/2020.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Estrutura Linguística da Libras**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

_____. **A Gramática de Libras: A Língua Brasileira de Sinais**. 1993.

_____. **Por uma Gramática das Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1995 [reimpr. 2010].

FISCHER, R. **The notation of sign languages**: Bébian's mimographie. Bos, H. F., Schermer, G. & Gertrude, M. (eds.). *Sign Language Research 1994: Proceedings of the Fourth European Congress on Sign Language Research* Hamburg: Signum. 1995: 285-302.

FONTANA, Mónica Graciela Zoppi. **Linguística**. Instituto de Estudos da Linguagem. Blogs de ciência UNICAMP, 2017. Disponível em <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/my_keywords/input-linguistico/>. Acesso em 21/05/2022.

GAMA, Flausino J. (1875) **Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GONÇALVES, Davi Silva. Por uma língua feminista: uma breve reflexão sobre o sexismo linguístico. **Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS)**, São Luís, v. 4, n. 1, p. 99-115, jan./jun. 2018.

GOUVEIA, Mª Carmen F. **A Categoria Gramatical de Género do português antigo ao português actual**. Universidade de Coimbra / C.E.L.G.A. p. 527- 544, 2005. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/13383>> Acesso em: 01/02/2022.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. 2ª ed. Canoas: Ed. ULBRA, 2007. Disponível em <<https://escritadesinais.com/webteca/>> Acesso em 05/06/2022.

KEHDI, Valter. **Morfemas do Português**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The Signs of Language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LAPIAK, Jolanta. **Hand Speak ASL Dictionary**. Disponível em <<https://www.handspeak.com/learn/index.php?id=95>> Acesso em: 20/04/2022.

LIDDELL, Scott; JOHNSON, Robert. *American Sign Language compound formation processes, lexicalization, and phonological remnants*. **Natural Language & Linguistic Theory**, 4(4), p. 445-513, 1986.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. **Empréstimos Linguísticos Na Libras: Primeira Turma Do Curso De Letras Libras Da Ufsc**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

MÄDER, Guilherme R. C. **Masculino genérico e sexismo gramatical**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 1 - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

_____.; _____. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, mostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MESQUITA, Isabel; SILVA, Sandra. **Guia Prático de Língua Gestual Portuguesa**. Braga: Editora Nova Educação, 2009.

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD - Educação temática digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 295-305, 2006. Disponível em <<https://brapci.inf.br/index.php/article/download/6536>>. Acesso em: 17/09/2020.

_____. **Mestres e Doutores Surdos**: Sobre a Crescente Formação Especializada de Pessoas Surdas no Brasil *in* Revista Virtual de Cultura Surda. Centro Virtual de Cultura Surda. Edição Nº 23 / Maio de 2018 – ISSN 1982-6842. Disponível em < http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes> Acesso em: 09/02/2021.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira - LSB**: Línguas em Contato. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Instituto de Letras - Universidade de Brasília - DF, 2010.

NASCIMENTO, Sandra Patrícia de Faria do. **A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares**. In: QUADROS, Ronice; STUMPF, Marianne; LEITE, Tarcísio (orgs.). Série de Estudos das Línguas de Sinais. Florianópolis: Editora Insular, 2013, p. 79-118. Volume I.

OVIEDO, Alejandro; CORREA, Víctor Cova. **Fragmentos de una historia sorda**. Documental. París - Berlín, 2010. Disponível em <<https://cultura-sorda.org/unidades-minimas-sin-significado-fragmentos-de-una-historia-sorda/>> Acesso: 13/03/2022.

_____. **Las “huellas” de la Mimographie (Bébian 1825) en el sistema de transcripción de las señas de William C. Stokoe**. Universidad del Valle, Cali. Lenguaje, 2009, Vol. 37 (2), p. 293-313.

_____. **Roch Ambroise Auguste Bébian (*1789/ †1839)**. Pionero de los estudios sobre la sordera. 2007.

OLIVEIRA, Geralda Iris de. **As regularidades discursivas no processo de descrição da língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. Porto Velho, 2016.

OLIVEIRA, Liliene Assumpção. **Fundamentos Históricos, Biológicos e Legais da Surdez**. Curitiba: IESD Brasil S.A., 2011.

OLIVEIRA, Roberta; MIOTO, Carlos. **Percursos em teoria da gramática**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: voices from culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____; MIRANDA, Wilson. Surdos: O narrar e a política. **Ponto de Vista** (UFSC), Florianópolis, v. 05, p. 217-226, 2003.

_____; STROBEL, Karin. **Disciplina Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: Letras Libras - UFSC, 2008.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Lingüística**. I. Objetos teóricos. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 11-24.

PRADO, Lizandra C; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. Dêixis em elementos constitutivos da modalidade “falada” de língua de sinais. **ReVEL**, v. 10, n.19, 2012.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie (Eds.). **Sign Language: An International Handbook**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012.

QUADROS, Ronice Müller de. **Gramática da Libras**. Palestra exibida em 30/06/2020, às 19h. Disponível em <<https://aovivo.abralin.org/lives/ronice-quadros/>>. Acesso em 20/07/2020.

_____. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura** V.1 nº 57 – jan/jun 2016 – Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas. UFAL, Maceió. (p. 8 - 34). Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/issue/view/285>> Acesso em: 12/06/2022.

_____. **Um capítulo da história do SignWriting**. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>>. Acesso em: 04/08/2020.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; NEVES, Bruna; SCHMITT, Deonísio; LOHN, Juliana; LUCHI, Marcos. **Língua brasileira de sinais: patrimônio linguístico brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

_____; _____. Resultado do Questionário do Inventário Nacional de Libras, *in* Documento do inventário Libras (2018). Disponível em <<https://corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/index?page=1>> Acesso em: 01/10/2021.

_____; _____. **Gramática da Libras**. UFSC, 2020. Disponível em <<https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/gramatica/>> Acesso em: 02/06/2022.

_____; PIZZIO, Aline; REZENDE, Patrícia. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnx2ZXJhZGllc3Byb2Z3g6NTAwNWU5NzA0MDkzMjUwMg>>. Acesso em: 23/08/2020.

_____; _____. **Língua Brasileira de Sinais IV**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Curso de Licenciatura em Letras/Libras, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104216>> Acesso em: 20/12/2020.

_____; _____. **Língua Brasileira de Sinais V**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: <http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/linguaBrasileiraDeSinaisV/assets/576/TEXT0_BASE_-_LIBRAS_V.pdf>. Acesso em: 15/10/2020.

_____; SCHMITT, Deonísio; LOHN, Juliana T.; LEITE, Tarcísio de A.; e colaboradores. **Corpus de Libras**. Desenvolvedores técnicos: Hiperlab Ramon Dutra Miranda Gustavo Borges França. Disponível em: <<http://corpusLibras.ufsc.br/>>. Acesso em: 17/12/2020.

_____. **LIBRAS in Linguística para o ensino superior, 5**. Parábola Editorial. São Paulo, 2019.

_____. Surdos Referência: O que isso significa? **In Seminário do Inventário do Inventário Nacional de Libras** Disponível em : <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/download?link=http%3A%2F%2Fquivos.nals.cce.ufsc.br%2FSeminario%2520Libras%2Fvideos%2520editados%2Fsurdos%2520de%2520Referencia_1.mp4> Acesso em: 25/01/2021.

RIO GRANDE DO SUL, Governo do Estado. **Manual para o uso não sexista da linguagem**: O que bem se diz, bem se entende. Secretaria De Políticas Para As Mulheres – RS – Edição Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014.

RODRIGUES, Cristiane; VALENTE, Flávia. **Aspectos linguísticos da Libras**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. Colaboração: Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. (2006). **Morphology**. In *Sign Language and Linguistic Universals* (pp. 19-110). Cambridge: Cambridge University Press.

SANTANA, Élide; PAIM, Marcela; PRUDÊNCIO, Sandra. A presidenta e a presidente – uma análise dos dados do atlas linguístico do Brasil nas capitais das regiões Nordeste, Centro-oeste e Sul brasileiras in CARVALHO, Dannel; BRITO, Dorothy (Org.). **Gênero e língua(gem) formas e usos**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 145-172.

SCHWINDT, Luiz C. (2020a) Construções Gráficas do tipo “todxs, tod@s, todes” como tentativas de neutralizar o gênero. **Conversa com GEFONO**. Grupo de Pesquisa em fonologia/UFU – GEFONO. *Live* disponível em: <youtube.com/gefonoufu>. Acesso em: 13/10/2020.

_____. (2020b) Gênero neutro em PB. In: **Simpósio Língua, Gramática, Gênero e Inclusão - ABRALIN**. *Live* disponível em: <youtube.com/abralin>. Acesso em: 13/10/2020.

SILVA, Maria Cristina Figueiredo; SELL, Fabíola S. Algumas notas sobre compostos em Português Brasileiro e em Libras. In: **Percursos em Teoria da Gramática de LIBRAS**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

_____; _____. **Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS**, 2009. Disponível em: <<http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/FIGUEIREDOSILVA-SELL.pdf>>. Acesso em: 09/04/2020.

STOKOE, William. Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language. **Sign Language Studies**, Project MUSE, v. 26, 1980 [1960]. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/507259/pdf>>. Acesso em: 17/12/2020.

_____. **Sign Language Structure**. An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Silver Spring: Linstok Press INC. (1993 [1960]).

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

_____. **História Da Educação De Surdos**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009. Disponível em:
<http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificahistoriaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf>. Acesso em: 17/07/2019.

_____; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação / Superintendência de Educação / Departamento de Educação Especial, 1998.

STUMPF, Marianne R. **Signwriting.org**. SignWriting Lessons. Disponível em:
<<https://www.signwriting.org/lessons/>>. Acesso em: 04/08/2020.

SUPALLA, Ted; NEWPORT, Elissa. "How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language." In: P. Siple (Ed.). **Understanding Language through Sign Language Research**. Academic Press, 1978.

TAKAHIRA, Aline G. R. Questões sobre compostos e morfologia da Libras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 1, n. 41, p. 262-276, jan.-abr. 2012.

VILHALVA, Shirley. **Língua Brasileira de Sinais: 121 anos de proibição da língua que sempre esteve viva para a comunidade surda**. Florianópolis: UFSC, 2004.

APÊNDICE A - SINALIZANTES E CATEGORIAS DE MARCAÇÃO DE GÊNERO

SINALIZANTE	Variante linguística/ Região	CATEGORIAS
ANA REGINA CAMPELLO	RJ	Não Marcação
ANDRE RIBEIRO REICHERT	SC	Marcação Mista
ANTÔNIO CAMPOS DE ABREU	MG	Não Marcação
DÉBORA CAMPOS WANDERLEY	SC	Não Marcação
DEONÍSIO SCHMITT	SC	Marcação Categórica
FERNANDA ARAUJO	SC	Não Marcação
FLAVIANE REIS	MG	Marcação Mista
GABRIEL L. CORDEIRO DO CARMO	AP	Marcação Mista
GISELLE P. DE MELLO CARVALHO	PA	Marcação Categórica
ILSE MULLER DE QUADROS	RS	Indefinida
JACKSON VALE	AM	Marcação Mista
JOSÉ ARNOR DE LIMA JUNIOR	RN	Não Marcação
KARIN LILIAN STROBEL	SC	Marcação Mista
KELLY SAMARA PEREIRA LEMOS	PI	Marcação Mista
LARISSA REBOUÇAS	SE	Não Marcação
MARIANNE ROSSI STUMPF	SC	Marcação Mista
MARISA DIAS LIMA	MG	Marcação Mista
MESSIAS RAMOS COSTA	DF	Marcação Mista
MYRNA SALERNO MONTEIRO	RJ	Não Marcação
PATRÍCIA LUIZA FERREIRA REZENDE	SC	Não Marcação
PAULO ROBERTO AMARAL VIEIRA	SP	Marcação Categórica
PRISCILLA LEONNOR A. FERREIRA	BA	Marcação Categórica
RAIMUNDO CLEBER TEIXEIRA COUTO	RN	Marcação Mista
RIMAR RAMALHO SEGALA	SC	Não Marcação
RODRIGO NOGUEIRA MACHADO	CE	Marcação Mista

SINALIZANTE	Variante linguística/ Região	CATEGORIAS
SANDRO DOS SANTOS PEREIRA	SP	Não Marcação
SÉDINA DOS SANTOS J. FERREIRA	RN	Não marcação
SHIRLEY VILHALVA	MT	Não Marcação
SIMONE G. DE LIMA DA SILVA	SC	Marcação Mista
SIMONE PATRÍCIA SOARES DE SOUZA	RN	Marcação Mista
SYLVIA LIA	SP	Não Marcação
THIAGO RAMOS DE ALBUQUERQUE	PE	Marcação Categórica
TIBIRIÇÁ VIANNA MAINERI	RS	Não Marcação

APÊNDICE B - TABELAS INDIVIDUAIS⁷⁰

ANA REGINA CAMPELLO – RJ (07'07'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^SEGUND@ VOV@^SEGUND@ VOV@, VOV@ CASAD@ FILH@, IRM@ OUTR@^IRM@ FILH@^UM@ TRÊS^PRIM@ VOV@, FILH@ IRM@ DEL@ TI@, FILH@ TI@, CASAD@ FILH@^TRÊS TI@, FILH@, FILH@ SOBRINH@ VOV@, VOV@	(24/83%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	FILH@^_HOMEM FILH@^_MULHER CUNHA-D-O CUNHA-D-O MULHER^TI@^MULHER	(05/17%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	PAI, PAI M-A-M-Â-E M-A-M-Â-E	(03)
Total de ocorrências	29 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (83%)		

⁷⁰ Principais símbolos usados nas tabelas:

Hífen (-): separa as letras quando soletradas; Arroba (@): ausência de gênero;

Underline (_): interrupção na sinalização ou irregularidade na prosódia;

Reticências (...): pouca clareza na datilologia.

ANDRE RIBEIRO REICHERT – SC (09'18'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I^VOV@ VOV@, VOV@ NET@, SOBRINH@ IRM@, CASAD@, FILH@, DOIS^FILH@ PRIM@, CUNHAD@ NET@	(12/44%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	VOV@_ ^MULHER_ ^HOMEM MULHER^CUNHAD@^HOMEM MULHER^FILH@^HOMEM EL@^DOIS[filh@]^IRM@_ ^MULHER^HOMEM^MULHER	(05/19%)
	Marcação de gênero optativa	B-I^HOMEM^VOV@ EL@[avó]^MULHER EL@[avô]^HOMEM TI@^MULHER TI@^HOMEM TI@^MULHER TI@^HOMEM SOGR@_ ^MULHER SOGR@^HOMEM FILH@^HOMEM	(10/37%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE PAI , P-PAI	(03)
Total de ocorrências	27 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (37%)		

ANTÔNIO CAMPOS DE ABREU – MG (04'44'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^PASSADO^SEGUND@ VOV@, TI@ SOBRINH@, SOBRINH@ FILH@, IRM@ PRIM@, CASAD@ IRM@, CUNHAD@ NET@, SOBRINH@ NET@	(14/82%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	VOV@PASSADO^@S^DOIS HOMEM^MULHER^FILH@	(02/12%)
	Marcação de gênero optativa	MULHER^AV@	(01/06%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, P-AI	(02)
Total de ocorrências	17 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (94%)		

DÉBORA CAMPOS WANDERLEY – SC (07'55'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	CUNHAD@, PRIM@ FILH@, IRM@ VOV@, BISAV@ TI@, SOBRINH@ NET@	(09/50%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	HOMEM^MULHER^F ILH@ VOV@^HOMEM^MU LHER MULHER^HOMEM^ BISAV@ MULHER^HOMEM^ SOBRINH@ NET@^HOMEM^MU LHER^NET@	(05/28%)
	Marcação de gênero optativa	MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ TI@^MULHER TI@^HOMEM	(04 / 22%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, P-AI	(02)
Total de ocorrências	18 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (78%)		

DEONÍSIO SCHMITT – SC (10'05'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	CUN...^HOMEM^CUNHAD@ HOMEM^PRIM@ HOMEM^FILH@ MULHER^FILH@ HOMEM^IRM@ MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ HOMEM@TI@ MULHER^TI@ HOMEM^NET@ MULHER^NET@ HOMEM^SOBRINH@ MULHER^SOBRINH@_... HOMEM^VOV@^NET@(?) HOMEM^VOV@^B-I-S-A-V@ MULHER^B-I-S-A-V@	(16/100%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, P-AI	(02)
Total de ocorrências	16 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Categórica (100%)		

FERNANDA ARAUJO – SC (10'37'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S-A^V@ VOV@ TI@ PRIM@ EL@^DOIS^IRM@ FILH@ SOBRINH@	(07/41%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	B-I-S-A- V@^HOMEM^MULHER TI@^MULHER^HOMEM HOMEM^MULHER^PRIM @ FILH@^HOMEM^MULHER HOMEM^MULHER^IRM@ MULHER^HOMEM^SOBRI NH@ NET@^MULHER^HOMEM	(07/41%)
	Marcação de gênero optativa	MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ CUNHA-D-O	(03/18%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	M-A-E P-AI	(03)
Total de ocorrências	17 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (82%)		

FLAVIANE REIS – MG (09'05'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	CUNHAD@ CUNHAD@ CUNHAD@ PRIM@ IRM@ EL@^DOIS^IRM@ NET@	(07/35%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	B-I-S-A-V@^MULHER B-I-S-A-V@^HOMEM VOV@^MULHER VOV@^HOMEM TI@^MULHER TI@^HOMEM FILH@^HOMEM FILH@MULHER HOMEM^IRM@ NET@^HOMEM NET@^MULHER SOBRINH@^MULHER SOBRINH@^HOMEM	(13/65%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, P-A-I^P-AI	(02)
Total de ocorrências	20 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (65%)		

GABRIEL L. CORDEIRO DO CARMO – AP (07'27'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	BISAV@ BISAV@ VOV@ VO... DESCULPA FILH@ EL@ IRM@ SOBRINH@ NET@ TI@ TI@ CUNHAD@	(11/48%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	VOV@^MULHER^HOMEM VOV@^MULHER_ ^HOMEM P-R-I-M-O^PRIM@	(03/13%)
	Marcação de gênero optativa	BISAV@^MULHER BISAV@^HOMEM BISA@^MULHER HOMEM^BISAV@ HOMEM^VOV@ NET@^N-E-T-O	(09/39%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	PAI MÃE	(02)
Total de ocorrências	23 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (39%)		

GISELLE P. DE MELLO CARVALHO – PA (12'47'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	FILH@_(reflexiva) SOBRINH@^(titubeante)	(02/10%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	MULHER^HOMEM^SEGUND@ HOMEM^MULHER^IRM@	(02/10%)
	Marcação de gênero optativa	HOMEM^VOV@^SEGUND@ MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ HOMEM^FILH@ MULHER^FILH@ HOMEM^TI@ MULHER^TI@ HOMEM^CUNHAD@ MULHER^CUNHAD@ HOMEM^PRIM@ MULHER^PRIM@ MULHER^NET@ HOMEM^NET@ MULHER^SOBRINH@ HOMEM^SOBRINH@ HOMEM^CUNHAD@ MULHER^CUNHAD@	(17/81%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, PAI	(02)
Total de ocorrências	21 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Categórica (81%)		

ILSE MULLER DE QUADROS – RS (13'23')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	IRM@ (?) VOV@	(02/50%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	HOMEM MULHER	(02/50%)
TOTAL	04 / 100%		
Categoria predominante	Indefinida		

JACKSON VALE – AM (07'36")			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S^SEGUND@ B-I-S^SEGUND@ VOV@_(7'44" Desculpa) B-I-S^VOV@^SEGUND@ B-I-S^SEGUND@^VOV@ CUNHAD@, PRIM@ FILH@, SOBRINH@	(09/39%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	FILH@_M^HOMEM FILH@_H^MULHER IRM@^MULHER^HOMEM MULHER^HOMEM^IRM@	(04/17%)
	Marcação de gênero optativa	MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ TI^HOMEM TI^MULHER HOMEM^FILH@ MULHER^FILH@ SOBRINH@_MULHER SOBRINH@^HOMEM NET@_MULHER NET@_HOMEM	(10/43%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, P-AI	(02)
Total de ocorrências	23 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (43%)		

JOSÉ ARNOR DE LIMA JUNIOR – RN (10'52'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S-A-V-O^VOV@ B-I-S-A-V-O, V-O-V@, VOV@, VOV@ CUNHAD@, CUNHAD@ TI@, TI@, TI@ PRIM@, SOBRINH@ SOBRINH@ MA^ / PA^DRINH@ NET@, NET@ VOV@	(17/74%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	TI@^HOMEM^MULHER PRIM@^HOMEM^MULH ER MULHER^HOMEM^SOB RINH@	(03/13%)
	Marcação de gênero optativa	B-I-S-A-V- O^HOMEM^VOV@ MULHER^IRM@ HOMEM^IRM@	(03/13%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE PAI M-A-D-R-I-N-H-A P-A-D-R-I-N-H-O	(04)
Total de ocorrências	23 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (87%)		

KARIN LILIAN STROBEL – SC (07'37'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^PRIMEIR@^SEGUND@ EL@ TI@, TI@ FILH@ TER FILH@ IRM@ EL@ TER PRIM@ SOBRINH@ NET@	(09/41%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	MULHER^HOMEM^SOBRINH@	(01/05%)
	Marcação de gênero optativa	B-I-S-A-V-O^MULHER B-I-S-A-V-O^HOMEM^VOV@ MULHER^VOV@^PRIMEIR@ MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ MULHER^IRM@ HOMEM^IRM@ MULHER^SOBRINH@ MULHER^NET@ MULHER^CUNHAD@ HOMEM^CUNHAD@ TI@^MULHER^TI@	(12/55%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE P-AI	(02)
TOTAL	22 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (55%)		

KELLY SAMARA PEREIRA LEMOS – PI (07'16'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	CUNHAD@ IRM@ DEL@ CUNHAD@ PRIM@ TI@ NET@	(06/29%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	NET@^MULHER^HOMEM	(01/05%)
	Marcação de gênero optativa	BISAV@^MULHER HOMEM^BISAV@ MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ TI@^HOMEM MULHER^TI@ FILH@^HOMEM MULHER^FILH@ PRIM@^HOMEM TI@^HOMEM MULHER^TI@ SOBRINH@^MULHER HOMEM^SOBRINH@ N-E-T-O	(14/67%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, PAI	(02)
TOTAL	21 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (67%)		

LARISSA REBOUÇAS – SE (05'44'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S-A^V@ B-I-S-A-V-O^V@ TI@, TI@ SOBRINH@ SOBRINH@ PRIM@ FILH@ IRM@ CUNHAD@ NET@	(11/73%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	VOV@^MULHER CUNHAD@^MULHER CUNHAD@^HOMEM VOV@^HOMEM^VOV@	(04/27%)
	Marcação compulsória	PAI, MÃE	(02)
Total de ocorrências	15 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (73%)		

MARIANNE ROSSI STUMPF – SC (07'01'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	NET@ B-I-S-AV@^V@ VOV@, VOV@ FILH@, TI@ SOBRINH@ MENIN@ IRM@, PRIM@ NET@	(11/46%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Sinal base + MULHER e HOMEM	PRIM@^MULHER^HOMEM^UM-OU-OUTR@	(01/04%)
	Marcação de gênero optativa	B-I-S-A^HOMEM^V@ NET@^MULHER NET@^HOMEM SOBRINH@^MULHER SOBRINH@^HOMEM CUNHAD@^MULHER CUNHAD-O^HOMEM FILH@^MULHER FILH@^HOMEM PRIM@^MULHER NET@^MULHER NET@^HOMEM	(12/50%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE P-AI, P-AI	(03)
Total de ocorrências	24 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (50%)		

MARISA DIAS LIMA – MG (06'12'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@SEGUND@ VOV@SEGUND@ VOV@, VOV@ EL@^CUNHAD@ SOBRINH@ EL@ NET@ EL@^DOIS-IRM@	(08/53%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	TI@^HOMEM TI@^MULHER PRIM@^HOMEM FILH@HOMEM MULHER^FILH@ HOMEM^SOBRINH@ EL@ MULHER^NET@	(07/47%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE P-AI	(02)
TOTAL	15 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (47%)		

MESSIAS RAMOS COSTA – DF (07'57'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^SEGUND@_ VOV@, CUNHAD@ CUNHAD@, FILH@ PRIM@, TI@ NET@	(08/40%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	HOMEM^MULHER^IRM@	(01/05%)
	Marcação de gênero optativa	MULHER^SEGUND@ VOV@^MULHER HOMEM^VOV@ MULHER^FILH@ FILH@^HOMEM^FILH@ HOMEM^NET@ MULHER^NET@ TI@^HOMEM TI@^MULHER SOBRINH@^MULHER SOBRINH@^HOMEM	(11/55%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE PAI	(02)
Total de ocorrências	20 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (55%)		

MYRNA SALERNO MONTEIRO – RJ (10'28'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I^VOV@ B-I^VOV@ VOV@, VOV@ TI@ CUNHAD@, CUNHAD@ PRIM@ IRM@ NET@	(10/67%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	TI@^M_^HOMEM^TI@^MULHER	(01/07%)
	Marcação de gênero optativa	FILH@_^HOMEM FILH@^MULHER SOBRINH@^MULHER SOBRINH@^HOMEM	(04/27%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	P-AI, P-AI, M-A-E, M-A-E S-O-G-R-A	(05)
Total de ocorrências	15 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (74%)		

PATRÍCIA LUIZA FERREIRA REZENDE – SC (09'07'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal base / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	BI-AV@ VOV@ VOV@ CUNHAD@ CUNHAD@ PRIM@ FILH@ FILH@ IRM@ SOBRINH@ SOBRINH@ NET@ NET@ CUNHAD@	(14/78%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	TI@^HOMEM TI@MULHER FILH@^_MULHER BI-AV@_HOMEM	(04/22%)
Sinais distintos	Sinal com característica icônica do substantivo pode definir o gênero	MÃE (locado no nariz) PAI (locado no buço)	(02)
	Marcação compulsória	MÃE, P-AI N-O-R-A	(03)
Total de ocorrências	18 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (78%)		

PAULO ROBERTO AMARAL VIEIRA – SP (09'26'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	CUNHAD@ PRIM@ IRM@ NET@	(04/24%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	BISAV@^HOMEM BISAV@^MULHER BISAV@_HOMEM VOV@_MULHER VOV@^HOMEM FILH@_HOMEM FILH@^MULHER TI@_HOMEM TI@^MULHER NET@^HOMEM NET@^MULHER SOBRINH@^MULHER SOBRINH@^HOMEM	(13/76%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE	(01)
	Sinal com característica icônica do substantivo pode definir o gênero	MÃE (na bochecha) PAI (no pescoço) PAI (no buço)	(03)
Total de ocorrências	17 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Categórica (76%)		

PRISCILLA LEONNOR A. FERREIRA – BA (07'25'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^SEGUND@	(01/07%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	MULHER^VOV@^SEGUND@ HOMEM^SEGUND@ (autocorreção para vov@segund@) HOMEM^VOV@ MULHER^VOV@ FILH@_ ^MULHER HOMEM^FILH@ MULHER^SOBRINH@ HOMEM^SOBRINH@ HOMEM^IRM@ HOMEM^PRIM@ MULHER^PRIM@ MULHER^CUNHAD@ HOMEM^CUNHAD@ NET@_ ^MULHER NET@^HOMEM	(14/93%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, PAI	(02)
Total de ocorrências	15 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Categórica (93%)		

RAIMUNDO CLEBER TEIXEIRA COUTO – RN (10'01'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	CUNHAD@ EL@DOIS PRIM@ FILH@ TI@ NET@ CUNHAD@	(06/35%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	MULHER^VOV@^SEGUND @ HOMEM^VOV@^SEGUN@ MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ MULHER^FILH@ HOMEM^IRM@ HOMEM^NET@ MULHER^NET@ MULHER^SOBRINH@ HOMEM^SOBRINH@ TI@^MULHER^TI@	(11/65%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE PAI	(02)
Total de ocorrências	17 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (65%)		

RIMAR RAMALHO SEGALA – SC (07'54'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Sem marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S-A^V@^PASSADO VOV@^PASSADO IRM@^DEL@ TI@, TI@, IRM@^DEL@ CUNHAD@ FILH@, PRIM@, IRM@^VÁRI@ IRM@, SOBRINH@^VÁRI@ VOV@^NET@ VOV@^NET@	(14/100%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	M-A-E P-AI	(02)
Total de ocorrências	14 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (100%)		

RODRIGO NOGUEIRA MACHADO – CE (07'32'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S-A^V@ B-I-S-A^... VOV@ VOV@^ANTES VOV@ FILH@, FILH@ TI@ VO-V@, VO-V@ NET@, NET@ PRIM@, FILH@ IRM@ CUNHAD@	(16/57%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	MULHER^HOMEM^ BEIJO-NA-MÃO = mãe e pai (7'52'')	(01/04%)
	Marcação de gênero optativa	B-I-S-A'^MULHER B...^HOMEM (07'41'') VOV@^HOMEM VOV@^MULHER TI@_ ^MULHER TI@_ ^HOMEM SOBRINH@_ ^HOMEM SOBRINH@_ ^MULHER NET@^HOMEM NET@MULHER N-E-T-O	(11/39%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, PAI M-A-E, P-AI (7'54'')	(04)
Total de ocorrências	28 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (39%)		

SANDRO DOS SANTOS PEREIRA - SP (07'40'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples/ Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S-AV@ FILH@, FILH@ CASAD@ FILH@^FAMÍLIA^CASAR CUNHAD@^UM^DOIS^TRÊS IRM@^CASAD@ FILH@, PRIM@ CUNHAD@ FILH@, PRIM@ SOBRINH@, NET@ TI@, SOBRINH@ CUNHAD@, CUNHAD@ FILH@, IRM@, FILH@ PRIM@^EL@S	(22/69%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indefinição de gênero	VOV@^HOMEM^MULHER^CASAD@ EL@^DOIS^CASAD@^FAMÍLIA	(02/06%)
	Marcação de gênero optativa	HOMEM^B-I-S-A-V@ MULHER^B-I-S-A-V@ VOV@^MULHER VOV@^HOMEM SOBRINH@^HOMEM SOBRINH@^MULHER FILH@^MULHER FILH@^HOMEM	(08/25%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	P-AI, P-AI P-A-I, M-A-E M-A-E, P-AI	(06)
Total de ocorrências	32 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (75%)		

SÉDINA DOS SANTOS J. FERREIRA – RN (07'40'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	BI^VOV@ BI^PRIMEIR@^SEGUN@^VOV@ ^BI^BI_ BI^BI^VOV@ CUNHAD@ NET@, VOV@ SOBRINH@ PRIM@ FILH@, FILH@, FILH@ CUNHAD@, TI@, TI@ NET@, SOBRINH@	(17/71%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	BI^MULHER^VOV@ MULHER^VOV@ HOMEM^VOV@ MULHER^TI@, HOMEM^TI@ HOMEM^SOBRINH@ MULHER^SOBRINH@	(07/29%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, PAI MÃE, PAI	(04)
Total de ocorrências	25 / 100%		
Categoria predominante	Não marcação (71%)		

SHIRLEY VILHALVA – MT (08'50'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^SEGUND@ VOV@^SEGUND@ VOV@ , VOV@ FILH@ SOBRINH@ CUNHAD@ TI@ PRIM@ FILH@, FILH@ IRM@ SOBRINH@	(13/100%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, P-AI	(02)
Total de ocorrências	13 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (100%)		

SIMONE G. DE LIMA DA SILVA – SC (09'24'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	CUNHAD@ SOBRINH@ PRIM@ FILH@ IRM@, IRM@	(06/35%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	BISAV@^HOMEM^MULHER MULHER^FILH@^HOMEM MULHER^HOMEM^NET@ SOBRINH@^HOMEM^MULHER MULHER^HOMEM^IRM@	(05/29%)
	Marcação de gênero optativa	HOMEM^VOV@ MULHER^VOV@ HOMEM^CUNHAD@ HOMEM^TI@ MULHER^TI@	(06/35%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE PAI	(02)
Total de ocorrências	17 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (35%)		

SIMONE PATRÍCIA SOARES DE SOUZA – RN (06'33'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal simples / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	B-I-S-A-V@ TI@, SOBRINH@ CUNHAD@ IRM@, IRM@ FILH@, PRIM@	(08/53%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	B-I-S-A-V@ ^MULHER^HOMEM	(01/07%)
	Marcação de gênero optativa	VOV@_ ^MULHER VOV@^HOMEM TI@_ ^HOMEM TI@^MULHER SOBRINH@_ ^HOMEM SOBRINH@^MULHER	(06/40%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	PAI	(01)
Total de ocorrências	15 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Mista (40%)		

SYLVIA LIA – SP (06'31'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal base / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^SEGUND@ VOV@^SEGUND@ VOV@ , VOV@ TI@, TI@ SOBRINH@ IRM@ FILH@, FILH@, FILH@ PRIM@, CUNHAD@ NET@	(14/100%)
Sinais distintos	Marcação compulsória	MÃE, PAI	(02)
Total de ocorrências	14 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (100%)		

THIAGO RAMOS DE ALBUQUERQUE – PE (07'32'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal base / substantivo Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	CUNHAD@ (L. mão/dorso) CUNHAD@ (L. tronco) IRM@ SOBRINH@	(04/24%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Marcação de gênero optativa	BI^VOV@^MULHER BI^VOV@^HOMEM VOV@^HOMEM MULHER^VOV@ TI@^HOMEM TI@^MULHER PRIM@^HOMEM PRIM@^MULHER FILH@^HOMEM FILH@^MULHER SOBRINH@^MULHER NET@^HOMEM NET@^MULHER	(13/76%)
	Marcação compulsória	PAI MÃE	(02)
Total de ocorrências	17 / 100%		
Categoria predominante	Marcação Categórica (76%)		

TIBIRIÇÁ VIANNA MAINERI – RS (08'13'')			
Tipos de marcação	Descrição	Ocorrências	Quantitativo
Sinal base / Não há marcação	Sinais que contemplam todos os gêneros	VOV@^BI VOV@^SEGUND@ VOV@^PASSADO^PASSADO SEGUND@^VOV@_ OUTR@^VOV@^CADAD@ FILH@^PASSADO NET@, VOV@ IRM@^MÃE TI@, DOIS^IRM@ TI@, TI@ FILH@^DOIS, IRM@ PRIM@, PRIM@ TI@^CASAD@ TI@^NASCER SOBRINH@ NET@, NET@ VOV@^SEGUND@^PASSADO EL@^DOIS@-CASAD@ IRM@^MÃE EL@^DOIS@-TI@ NASCER^1-2-3^FILH@^_DOIS OUTR@^FILH@ ME@^PRIM@ ME@^SOBRINH@ NÓS^DOIS-IRM@	(31/86%)
Sinal base + Gênero (Afixo)	Indeterminação de gênero	HOMEM^TI@^MULHER MULHER^HOMEM^IRM@ MULHER^SOBRINH@^HOMEM	(03/08%)
	Marcação de gênero optativa	[VOV@]^HOMEM^CASAD@ [MÃE]^OUTR@^HOMEM-CASAR	(02/06%)
Sinais distintos	Sinal com característica icônica do substantivo pode definir o gênero	MÃE 3x (no nariz) PAI (no buço)	(05)
Total de ocorrências	36 / 100%		
Categoria predominante	Não Marcação (94%)		